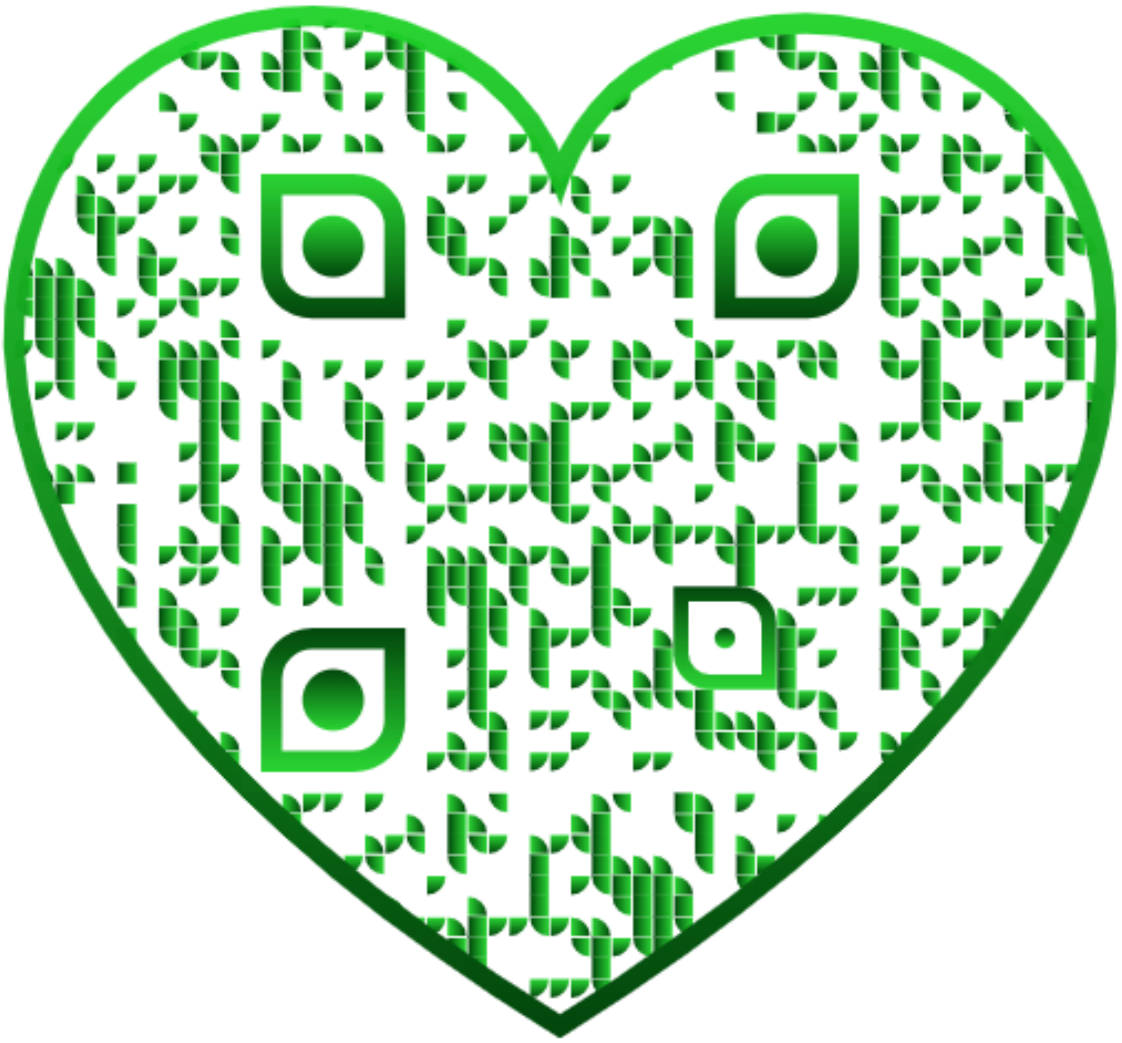
SE NÃO EU, QUEM VAI FAZER VOCÊ FELIZ?

MINHA HISTÓRIA DE AMOR COM CHORÃO

GRAZIELA GONÇALVES



SE NÃO EU, QUEM VAI FAZER VOCÊ FELIZ?
MINHA HISTÓRIA DE AMOR COM CHORÃO
GRAZIELA GONÇALVES

Um dos maiores ícones do rock nacional, Alexandre Magno Abrão, o Chorão, conquistou o Brasil sobretudo pela sua entrega na hora de compor e cantar. Essa mesma intensidade marcou a história de amor ímpar vivida com Graziela Gonçalves, que conta neste livro como o relacionamento de quase vinte anos dos dois a transformou para sempre.

Ela conheceu o cantor antes de sua banda estourar e se tornar uma das mais populares do país. Com suas ideias e seu apoio, Grazi teve participação importante na construção do sucesso do Charlie Brown Jr. Foi a grande musa de Chorão, que escreveu inúmeras letras inspirado nela. Como companheira de Alexandre, passou com ele os melhores e os piores momentos, e o ajudou a enfrentar a dependência química, que o levou, tragicamente, à morte em 2013.

Se não eu, quem vai fazer você feliz? não vai tocar apenas os fãs de Chorão. Mesmo sem conhecer sua música, é impossível não se emocionar com a força desse amor que sobreviveu à fama, às crises e até à morte — e que é homenageado neste livro.

INTRODUÇÃO

urante a infância, muitos meninos sonham em se tornar bombeiros. Não sei se é pelo prestígio do uniforme ou pela vontade de enfrentar o perigo e bancar o herói, mas essa profissão sempre fascinou a molecada.

E certo dia de 2012, o Alexandre, com 42 anos, saiu de casa decidido a se tornar bombeiro, apesar de nunca ter pensado nisso quando criança.

“Gra, eu já volto.”

Ouvi a porta da frente da nossa casa bater. Eu já sabia para onde o Alê — como eu o chamava na maioria das vezes — estava indo, mas fiquei receosa de qualquer maneira. Nos últimos dois anos, a preocupação com o humor dele já tinha se tornado uma constante na minha vida. Apesar do retorno recente e bem-sucedido da formação antiga do Charlie Brown Jr. (depois de uma briga que se tornou pública), com uma agenda cheia de shows para cumprir, o estado de espírito dele era de insatisfação permanente.

“Vou largar tudo, Tiri. Preciso encontrar outro sentido pra minha vida. Quero fazer alguma coisa que me preencha, alguma coisa que faça eu me sentir vivo de novo”, ele tinha me dito poucos dias antes, me chamando por umapelido que a gente curtia usar umcom o outro.

Com essa ideia na cabeça, o Alê saiu naquela tarde e foi até o Corpo de Bombeiros, perto do prédio onde morávamos em Santos. Estava decidido: ia tentar se tornar bombeiro. Queria se sentir útil, salvar pessoas, ter contato direto com a vida real, que ele não sabia mais como era. Alguns minutos antes, quando o Alê me contou o que pretendia fazer, apesar da surpresa, eu o apoiei. Para mim, valia qualquer coisa para vê-lo feliz de novo depois de meses que foram um verdadeiro inferno, causado, entre outras razões, pela dependência química.

Porém, nada é tão simples assim no mundo real. Ele voltou para casa depois de algum tempo, com o rosto molhado das lágrimas que ainda caíam. O Alê descobriu que existe uma série de procedimentos

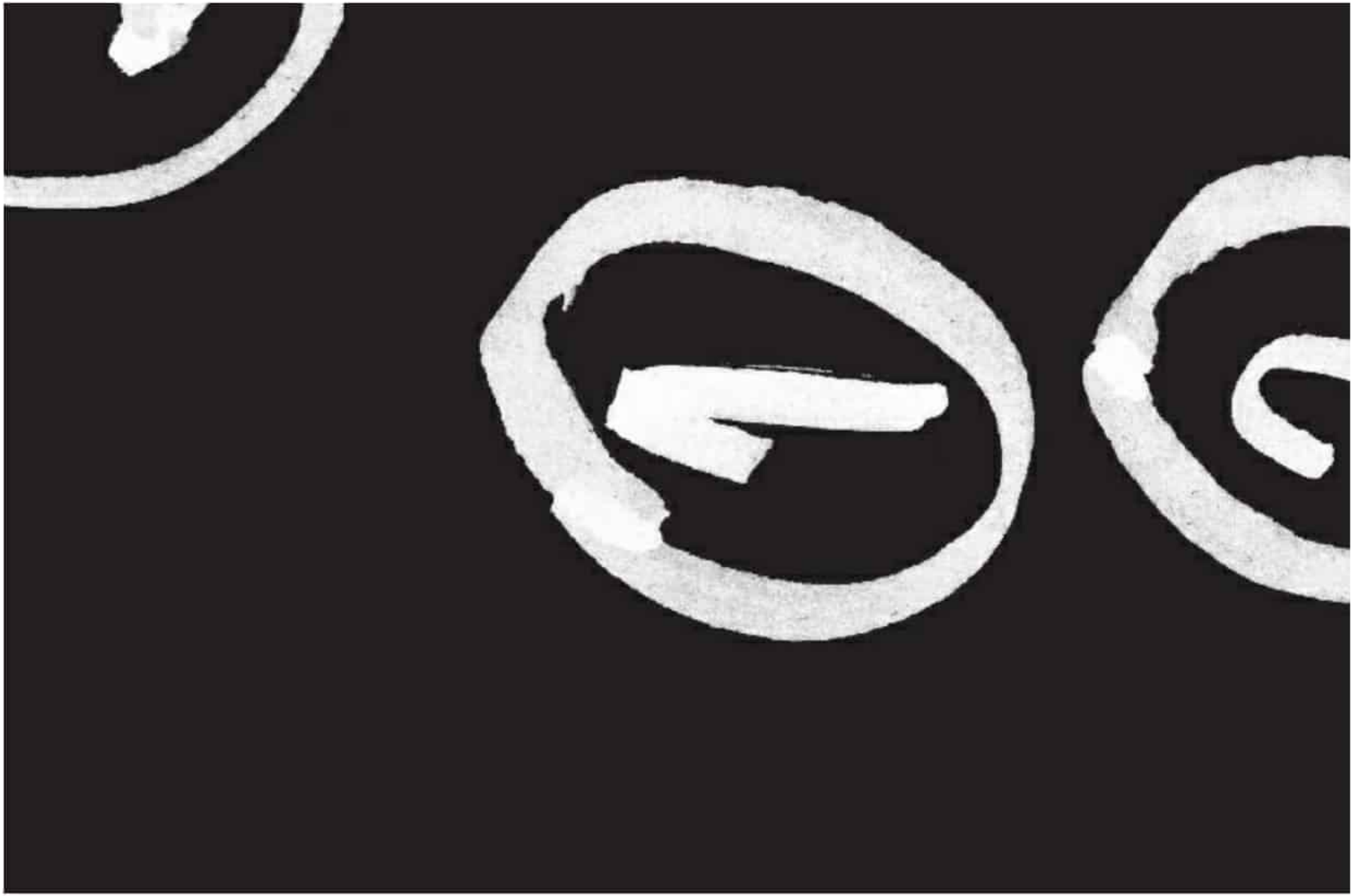
e exigências para ser bombeiro. Uma delas é a idade, que ele já tinha ultrapassado.

Ele me abraçou chorando, desolado, e pude sentir a intensidade do desespero dele. Ficamos abraçados no hall de entrada da nossa casa por um longo tempo, enquanto eu buscava alguma palavra de consolo. Meu abraço era tudo o que eu podia oferecer naquele instante. O Alê — que o Brasil todo conhecia como Chorão — tinha alcançado tudo o que um dia sonhara para a sua vida. No entanto, nunca havia se sentido tão infeliz.

Naquele dia não havia dinheiro, sucesso ou qualquer coisa que fosse suficiente para preencher o vazio dentro dele. O Alê estava disposto a trocar tudo por uma vida mais simples. Infelizmente não achou resposta para toda aquela dor e, passado pouco mais de um ano, partiu, deixando a mim e a todo o Brasil desolados. No entanto, muito antes disso a minha vida havia sido transformada para sempre por ele. Uma história única, bela e triste, que passo a contar agora.

Eu, de bandeirante, com dez anos, na porta de casa: uma infância

muito feliz.



mesa farta enchia os olhos dos convidados para o almoço de aniversário da vó Maria. Lá estavam os irmãos dela com esposas, maridos e filhos. A família toda tinha se reunido para comemorar a data especial. E estava sendo especial mesmo.

Depois de dias de céu cinza e garoa fina ininterrupta, o sol resolveu dar o ar da sua graça e brilhava feliz naquela quinta- feira de inverno santista do dia 29 de julho de 1971. A aniversariante, dona Maria Aparecida, minha avó materna, era uma referência para toda a família. De origem simples, com o seu jeito carinhoso porém firme, seus quitutes de dar água na boca e suas toalhas de crochê impecáveis, fazia da casa dela o lugar perfeito para todos se reunirem. O almoço teve parabéns e bolo de chocolate, e se estendeu até o cafezinho da tarde.

Quando a maioria dos parentes já tinha ido embora, à noite, minha mãe começou a sentir um leve desconforto, achando que havia comido demais. Desconforto que nada: era eu que estava querendo nascer! Algumas horas depois, vim ao mundo de parto normal. Uma bola ruiva com mais de quatro quilos, naquele mesmo dia 29. Foi um presente para minha avó ver sua primeira neta nascer bem no dia do seu aniversário. Cheguei a este plano num ano governado por Vênus, planeta do amor e das artes; no dia da semana cujo padroeiro é Júpiter, planeta da sorte, expansão, aventuras e exageros; e sob o signo de Leão, que tem o Sol como regente. Para muitas pessoas isso tudo não faz a menor diferença, mas para mim explica em grande parte a maneira como fiz minhas escolhas e conduzi meu caminho.

Passei a infância e parte da adolescência na segunda quadra da rua Vahia de Abreu, entre a avenida Francisco Glicério, onde hoje passa o VLT (um trem urbano que corta a cidade), e a rua Alexandre Herculano, no bairro do Boqueirão, em Santos. Nossa casa era bem

pequena, tinha um quintalzinho em L que contornava uma lateral e os fundos da casa e, na frente, um jardim onde meu irmão e eu plantamos uma árvore: a minha era uma pitangueira e a dele, um abacateiro, que aparecia na letra de “Refazenda”, uma das nossas músicas preferidas do disco homônimo do Gilberto Gil que não saía da nossa vitrola.

A Vahia de Abreu era uma rua pacata, na qual passavam poucos carros. O lugar ideal para um bando de crianças que morava nas redondezas se divertir com muita liberdade. Algumas pessoas consideravam a região um pouco barra- pesada, graças à chamada Turma da Vahia, uma das muitas gangues santistas da época, famosa pelos confrontos com outros grupos na saída das domingueiras da cidade.

Alguns deles podiam até ser da malandragem, mas a verdade é que, para quem morava ali, isso nunca representou perigo. Então, embora estivéssemos próximo desse cenário, cresci de maneira muito tranquila e saudável.

Vivia na rua brincando com a criançada, era mandona, me sentia a própria Mônica dos quadrinhos, sem coelho e numa versão praiana. Se mexessem com meu irmão, Beto, que é dois anos mais novo que eu, não pensava duas vezes e partia para cima de quem fosse para defendê-lo. A verdade é que eu era uma grande moleca: sempre descalça, de shorts e blusa frente única, brincando de esconde-esconde, queimada, jogando detetive ou fazendo campinhos para jogar taco, uma espécie de beisebol de rua, no meio do asfalto.

Definitivamente vestidinho cor-de-rosa e sapatinhos de boneca não serviam para mim. Tive uma infância muito feliz.

Uma fase da qual me lembro com muito carinho foi quando entrei para o grupo das bandeirantes — uma versão dos escoteiros só com garotas —, com nove anos. Quem me levou foi a tia Cristina, que na época era namorada do irmão da minha mãe, o tio Sérgio. Eu era fadinha, que é como as meninas mais novas são chamadas no movimento, e usava uma gravatinha amarela; tínhamos um boletim e eu sempre ganhava broches em formato de corujinhas, que eram como medalhas de boa conduta. Eu amava tudo aquilo. Aprendi muitas coisas nas reuniões e acampamentos: fazer fogo, construir um forno de barro e, acima de tudo, respeitar a natureza. Mas é claro que nem tudo são flores. Quando entrei na adolescência, passei por aquela fase terrível em que me sentia meio patinho feio: o nariz

cresce, o cabelo fica rebelde, a gente se acha toda errada. Estava naquele período da vida em que você toma consciência de muitas coisas e entra na viagem de se comparar com os outros. Sempre tem a menina que é a mais bonita do mundo e por quem todos os meninos se apaixonam.

Eu não era a mais bonita nem a que tinha peito e muito menos a rica. Mas ainda era inocente demais para sacar que essas características não têm a menor importância. Para piorar, lá pelos onze, doze anos, minha mãe decidiu cortar o meu cabelo no estilo "Joãozinho", supercurto. Ou seja, não me restava mais nem o cabelão que eu amava. Odiei! Acho que a intenção era facilitar a minha vida (e a dela), já que eu não tinha muita paciência para me pentear. A minha mãe também usava cabelo curtinho, estilo Elis Regina — elas, aliás, eram muito parecidas naquela época. Esse episódio do corte de cabelo foi um dos maiores traumas da minha existência até aquele momento. Fiquei tímida, retraída, por um bom tempo. Cabelo, para mim, era uma espécie de escudo, um adereço que me protegia e trazia segurança. Até hoje, quando vou ao salão de beleza, sou daquelas que falam "corta só um dedinho!". Tenho pânico de cortar cabelo.

Até os doze anos, meus pais se empenharam para que eu estudasse num colégio particular, de bacana — o Marza. Lá, tive de conviver com grandes diferenças, era um desses colégios em que todo mundo da sala já tinha ido para a Disney, menos eu. Os amigos eram legais, mas viviam uma realidade muito distante da minha. E eu sabia bem o sacrifício que meus pais faziam para que eu pudesse estudar lá, então não tinha drama.

Ao mesmo tempo que eu convivia com o pessoal mais fino do colégio, adorava chegar logo em casa, tirar o uniforme e ir para a rua me encontrar com a molecada. Eu gostava desse contraste. Já meu pai tinha verdadeiro horror ao meu lado rueiro, que para ele se traduzia em más influências, mas eu nem ligava. Minha família era simples, mas nossa vida era confortável.

Nessa época, minha mãe tinha um bom emprego na Refinaria Presidente Bernardes e meu pai trabalhava na Companhia Docas, até que, numa daquelas reviravoltas da vida, os dois perderam o emprego, e passamos a viver de forma bem mais apertada. Meu pai começou então a fazer serviços de transporte para a empresa de um amigo dele com um pequeno caminhão, e minha mãe se tornou

funcionária pública, trabalhando como bibliotecária num colégio da rede municipal chamado Cidade de Santos.

Foi nesse período de dificuldade financeira que meus pais me disseram que não conseguiriam mais pagar as mensalidades da escola, e então fui estudar onde minha mãe trabalhava. Eu estava na sexta série, e tive que lidar com o fato de que não ia me formar com a turma com quem eu estudava desde pequena. Foi complicado aceitar, mas eu não tinha escolha, e no fim das contas acabei fazendo amizades inesquecíveis no Cidade.

Santos é uma cidade plana e relativamente pequena, tudo é perto e a praia é o lugar onde todo mundo se encontra. Ela é cortada de ponta a ponta por canais, numerados de 1 a 7, que, além de serem bem bonitos, servem como referência de localização para todos. Eu me lembro de sair com a galera da rua e descobrir a riqueza de uma cultura praiana de música, surfe e malandragem. Elementos que, juntos, criavam uma atmosfera de eterno playground juvenil, numa Santos pacata, sem a violência dos dias de hoje. Ainda havia aquele clima de cidade pequena, de interior, em que nas noites de verão os vizinhos armavam suas cadeiras de praia na rua, em frente de casa, para conversar e sentir a brisa.

Seria nesse cenário que mais tarde eu encontraria o amor da minha vida. Ir aos shows de rock que aconteciam no Caiçara Clube nos fins de semana era a balada obrigatória para qualquer um com mais de quinze anos (mesmo que para isso fosse necessário falsificar o RG, já que só se permitia a entrada dos maiores de dezoito). Era a época mágica do nascimento do pop rock nacional dos anos 1980: Titãs, Kid Abelha, Paralamas do Sucesso, RPM, Barão Vermelho (com Cazuza), Lobão, Ultraje a Rigor, Camisa de Vênus, Legião Urbana e tantos outros. Aliás, num desses shows, uma amiga conseguiu me levar ao camarim da Legião, e eu, apesar da timidez, peguei um autógrafo do Renato Russo, que tenho até hoje enquadrado com muito carinho entre duas lâminas de vidro.

Nunca fui de fazer isso, mas, pô, era o Renato Russo, o cara foi um dos meus ídolos da adolescência.

Eu, com dois anos, na praia de São Sebastião, no litoral paulista: versão praiana da Mônica dos quadrinhos.

As matinês de domingo também eram imperdíveis e aconteciam em três clubes: o Atlético, perto de casa, no Canal 3; o Sírio Libanês, o que eu mais frequentei; e o Internacional de Regatas, na Ponta da Praia, onde os playboyzinhos da cidade se reuniam. Eu me divertia muito, todo mundo dançava fazendo passinhos ao som da Madonna ou ao som do Herbert Vianna cantando “Se as meninas do Leblon não olham mais pra mim” e se esgoelava na hora do refrão, quando o DJ abaixava o volume e deixava a galera cantar.

Minha relação com esses clubes foi assim: quando eu era mais nova, ia à balada do Inter, a dos arrumadinhos, que terminava mais cedo e era bem caretinha; à do Atlético acho que fui só uma vez e não curti muito; um pouco mais velha, meu point era o Sírio, com

uma galera mais descolada e mais rock ‘n’ roll. Era o momento das descobertas, das primeiras paixõezinhas, daquelas amizades que a gente acha que vão durar até o fim da vida e de perceber como era bom paquerar e beijar na boca. Ah, se aquela pista falasse…

Lembro que todo domingo era a mesma batalha: eu pedia permissão para sair e meu pai não deixava, então eu usava aquele argumento (fraco) de adolescente: “Mas todo mundo vai!”. Eu já acordava tensa por não saber se ele me deixaria ir — ou, caso deixasse, se me daria algum dinheiro.

Se ele não dava, eu apelava para o meu anjo da guarda, minha avozinha Maria, que morava no primeiro andar do prédio ao lado da nossa casa. A janela do apartamento dela dava para o nosso quintal; bastava eu assoviar e chamar “vóóó!” que ela, já sabendo de como as coisas funcionavam em casa, aparecia, me jogava alguns trocados e repetia com aquela voz doce e carinhosa: “Vai, filhinha, vai balançar o esqueleto. Se o seu pai falar que não tem dinheiro pra te dar, você diz que não precisa”.

Mas a verdade é que, apesar de toda a cisma do meu pai, eu nunca fiz nada de errado, não me metia em confusão, não bebia, sempre fui a mais sossegada da turma. Beijar, por exemplo, aconteceu só quando eu estava com dezesseis anos, quase dezessete. Foi voltando de uma dessas matinês, andando na rua com a galera, quando de repente um moleque me agarrou e rolou um beijo. Achei horrível, não tinha a menor ideia de como fazer aquilo e ao mesmo tempo morria de vergonha de que o menino pensasse que eu não sabia beijar. Mas no fim das contas acabei pegando o jeito. Ah, como adolescente sofre!

Nesse meio-tempo, tive o meu primeiro contato com a morte: perdi o meu avô Xavier, pai da minha mãe. Toda a família ficou abalada e preocupada com a minha avó. Percebíamos o quanto estava abatida. Mas ela era uma pessoa de força exemplar e viveu sua tristeza de forma reservada. A família sentiu muito a morte do meu avô, tudo sempre acontecia na casa deles, Natal, Páscoa etc. Dali para a frente, ficariam apenas a saudade e as lembranças.

Meu avô era uma figura que eu amava e que encantou a minha infância contando histórias fascinantes sobre a Antiguidade. Ele costumava dizer que eu era descendente de várias figuras históricas, da marquesa de Santos a Gêngis Khan. Falava que eu era bonita como a nobre e brava como o guerreiro. Ele me ensinou a tomar gosto pela leitura, me fez sonhar em ir à Grécia ver os templos,

conhecer o berço do raciocínio lógico, saber mais sobre filosofia, visitar as tumbas do Egito, sonhos que ainda tenho. Certo dia, quando eu voltava da casa de uma amiga, soube que ele havia tido uma parada cardíaca. Foi assim, de repente, algo difícil de aceitar e uma perda que me impactou para o resto da vida.

O meu primeiro emprego veio aos quinze anos. Queria comprar uma prancha de bodyboard e, como meus pais não tinham dinheiro para isso, aproveitei a época de Natal para trabalhar como vendedora temporária numa loja de surfe na galeria AD Moreira. Dali em diante, não parei mais. Todo fim de ano eu dava um jeito de arranjar alguma vaga temporária e, tomando gosto por conquistar o meu dinheiro, passei por vários empregos: trabalhei em outras lojas, fui assistente de astróloga (ficava encarregada de desenhar os mapas astrais e, de quebra, aprendia muito, absorvendo tudo o que escutava ali), secretária numa empresa de transportes e até assistente de gerente num banco.

Chegou a época de escolher uma faculdade. Depois de cursar administração por três meses, percebi que aquela não era a área certa para mim, então prestei vestibular de novo e consegui entrar no curso de publicidade e propaganda da Universidade Católica de Santos. Foi nessa época que descolei um dos empregos mais legais do mundo, na Rádio Enseada, como locutora. Era uma daquelas emissoras que faziam uma linha mais cool, tocando artistas como Sade e Sting. No começo foi meio complicado, eu não sabia o que fazer com tantos botões diante de mim. Além de ser a locutora, eu também tinha que operar a mesa de som, colocar CD, vinil e MD (minidisc, um formato de mídia digital rudimentar que nem existe mais). Tive também que aprender a falar com um tom de voz suave, típico das FMs dos anos 1980. Eu adorava tudo aquilo. Apesar de ser escalada em alguns fins de semana, os horários eram flexíveis e, afinal, eu estava trabalhando com música, algo que sempre tinha feito parte da minha vida.

Tive a sorte de ter uma educação musical muito rica e bem eclética. Minha mãe cantava e tocava violão, e na minha casa ouvíamos os discos da nata da MPBo tempo todo; artistas como Elis Regina, Gilberto Gil, Tom Jobim, Vinicius de Moraes, Caetano Veloso não saíam da nossa vitrola.

Minha tia Beth e meu tio Sérgio também me ensinaram muito sobre música. Eles moravam com a minha avó, e eu me lembro de ir até lá, entrar no quarto da minha tia beatlemaníaca, ver todos

aqueles pôsteres de bandas na parede e passar um tempo ouvindo Beatles e Rolling Stones. Além disso, ela também curtia Mutantes e Secos & Molhados. Meu tio gostava de algumas coisas mais pesadas. Eu pedia a ele que tocasse “Time” (faixa do clássico *Dark Side of the Moon*), do Pink Floyd, que eu chamava de “música do pico-pico” por conta do tique-taque de um relógio que aparece no início da música. Eu também adorava brincar com o *Physical Graffiti,* disco do Led Zeppelin cuja capa tem a foto da fachada de um prédio com várias janelinhas recortadas.

Meu irmão, Beto; minha irmã, Mariela; e eu, com o cabelo curto: o penteado novo foi um trauma.

Já minha tia mais velha, a Regina, tinha um gosto variado. Com ela eu curtia as músicas do Elvis, da Rita Lee, da Mercedes Sosa e tudo mais que tocava nas discotecas. Cresci aprendendo, ouvindo meus tios falarem com paixão sobre aquelas bandas e cantores, dizendo quem tocava bem, quais artistas eram importantes. Toda essa informação fez com que meus irmãos e eu criássemos uma forte ligação com essa arte que influenciaria nossa vida bem mais do que a gente podia imaginar: meu irmão acabou se tornando guitarrista e minha irmã, Mariela, se formou jornalista e trabalhou por um tempo como assessora de imprensa do CBJ r.

E eu? Bom, para falar a verdade, nem nos meus sonhos mais loucos pensei que me tornaria algo que eu tanto admirava: musa inspiradora. Mas num tempo ainda muito distante de tudo isso acontecer, além de música, minha paixão era a moda. Cresci vendo minha avó e minha mãe costurando as próprias roupas, cercadas por revistas de moldes, e acabei aprendendo a costurar também, sem pensar que isso poderia ser uma profissão no futuro.

Tenho orgulho de ter feito muita roupinha de boneca para minha irmã, sete anos mais nova, e de conseguir copiar um casaco que eu queria muito, mas não tinha dinheiro para comprar. Minha mãe, superdetalhista e muito caprichosa, me dava bronca dizendo que o acabamento de uma roupa boa deve ser sempre impecável na frente e no avesso. Tudo o que ela fazia era perfeito. Mas eu confesso que na época, para o desespero dela, eu não tinha muita paciência, só queria ver minha roupa do domingo pronta. Criei e costurei muitos shorts, blusas, vestidos, casacos, o que quer que fosse. Só não fazia calça jeans. Achava tudo aquilo uma delícia.

Quando você é adolescente, adora ter uma roupa diferente, exclusiva, e com o tempo isso passou a fazer parte do meu cotidiano. E assim segui minha vida, com trabalho, amigos, namoradinhos, música, praia e muita batalha. O tempo foi deixando a relação com meus pais mais distante, mais fria, e eu acabei me tornando mais durona e independente, na medida do possível.

Nossa família não era do tipo que trocava muitos carinhos. Tinha amor e afetividade, sim, mas a gente não era de se abraçar e falar “eu te amo”. Até que em 1994, aos 23 anos, conheci um rapaz que, apesar da fama de mau, me ensinou a ser uma pessoa mais carinhosa. Aliás, nesse quesito ele dava aula. Era a pessoa mais

amorosa do mundo com quem ele queria bem. Um moço chamado Alexandre, mais conhecido como Chorão.

Alexandre com seu inseparável skate.

aquele verão de 1994, em Santos, o lugar de a galera se encontrar, conversar e paquerar durante o dia continuava sendo a praia. Ainda não havia internet, mídias sociais, celular ou smartphone.

A praia do Joinville, no Canal 3, era o local em que o pessoal mais descolado da cidade gostava de ficar, mas também onde se reunia a galera com mais grana. Para ser sincera, não me sentia muito à vontade no Joinville, então ficava geralmente alguns metros à direita, do outro lado do canal, na praia que todo mundo chamava de Kitchens (uma referência à loja de móveis planejados que fica na avenida da praia na mesma direção), o que, apesar de próximo geograficamente, representava um outro ambiente social na pequena Santos. Aquele clima de ostentação não combinava comigo. Mas, como eu conhecia bastante gente, sempre fazia questão de dar uma passadinha por lá para ver os amigos e conversar um pouco.

Uma das amigas que eu encontrava no Canal 3 era a Mari, uma menina linda e muito gente boa que naquela época namorava o Ricardo, irmão mais velho do Alexandre. Eu também tinha um namorado, um menino bacana, que esteve comigo por quase três anos, mas era um relacionamento que já estava no fim, era mais amizade do que qualquer outra coisa. A Mari sabia disso e insistia o tempo todo que eu deveria conhecer o irmão do namorado dela, dizendo que nós tínhamos muito a ver um com o outro. Eu respondia: “Ah, Mari, deixa no gelo”. Mas, na verdade, eu sentia um certo medo da fama daquele irmão mais novo, que a cidade inteira conhecia como Chorão.

Apesar de muita gente achar que ele é santista, na verdade o Alê é paulistano. Ele nasceu em São Paulo e cresceu em Santana, bairro da zona norte da cidade. Eu me lembro muito bem de quando ele chegou na Santos surfista dos anos 1990. O impacto foi inevitável. Ele era diferente de tudo o que a cidade já tinha visto. Imagine um

cara bonito, com cabelo comprido, um baita corpão, que andava pelas ruas sem camisa, com skate no pé, fazendo manobras a cada esquina, carregando uma caixa de som no ombro e sem nenhum pudor de chamar atenção. E isso acontecia aonde quer que ele fosse. Os caras morriam de inveja e a mulherada pirava —e ele não deixava passar uma! Todas as meninas burguesinhas de Santos caíram naquela lábia singular e, sem dúvida, foi daí que veio, mais tarde, a famosa frase “toda patricinha adora um vagabundo”, que aparece na letra da música “Champanhe e água benta”.

O currículo do cara já incluía um casamento que não tinha dado certo, um filho pequeno e uma confusão a cada fim de semana. E ele só tinha vinte e poucos anos. Dá para entender o meu medo?

Mas a Mari jurava: “Ele não é nada disso. Tem pavio curto, sim, já brigou com algumas pessoas por aí, mas tem um coração enorme. Poxa, você tem que dar uma chance. Eu acho que vocês combinam tanto”. Minha resposta: “Quem sabe um dia, Mari”. Eu morria de curiosidade, mas achava que ele só gostava daquelas patricinhas do Canal 3, não era um cara para mim. Mas, quando uma coisa tem de acontecer, tudo parece conspirar a favor.

Eu ia seguindo minha rotina. Trabalho de dia, faculdade à noite, e entre uma coisa e outra fazia as minhas caminhadas de fim de tarde na praia. O verão estava quase acabando, era março, mas os dias ainda eram bem quentes e perfeitos para relaxar andando na beira do mar fresquinho.

Foi numa dessas caminhadas despretensiosas que a primeira troca de olhares para valer aconteceu entre nós. Naquele dia eu estava com minha mãe, conversando distraída, quando, de repente, entre os Canais 4 e 5, vejo o Chorão vindo na direção oposta. No momento em que ele me notou, os nossos olhares se atraíram como dois ímãs. Naqueles segundos, foi como se todo o Universo tivesse parado e só nós dois nos movêssemos um ao encontro do outro. Eu não escutava mais nada do que a minha mãe estava falando. Aquele breve espaço de tempo durou uma eternidade. Até que, finalmente, o silêncio daquele momento foi interrompido por um “oi” tímido e risonho vindo da parte dele. Meu rosto esquentou na hora e senti que fiquei vermelha feito um pimentão! “Ai, meu Deus, o que é isso que está acontecendo comigo?”, pensei na hora. Dei uns quatro passos, não aguentei e, num impulso, olhei para trás. E ele fez exatamente o mesmo. Morrendo de vergonha, virei rápido meu rosto para a frente. “Putz! Dei a maior bandeira pra esse cara”, foi a primeira coisa que

veio à minha cabeça quando voltei a raciocinar normalmente. Mas aquela reação tinha sido mais forte do que eu.

Minha mãe não entendeu nada, mas com certeza percebeu que eu passei o resto da caminhada com um sorriso incontrolável estampado no rosto. Ao voltar para casa, não conseguia tirar o cara da cabeça, aquela troca de olhares tinha mexido comigo de uma forma estranha, diferente e intensa. Tempos depois, o Alê me confessou que aquele encontro à beira-mar também teve um significado forte para ele. Eu me lembro da gente conversando sobre esse dia e ele contando que pensou: “Se ela olhou de volta, eu tenho chance”.

No fim de semana que se seguiu à nossa troca de olhares praiana, tivemos mais um encontro preparado pelo acaso: eu estava indo embora de uma balada chamada Gran Finale e ele, chegando. Era sexta. Percebi que o Alê olhava para mim de longe, e, quando nos aproximamos na passagem estreita de entrada e saída, ele me abordou com um pedaço de papel na mão: “Oi! Poxa, já tá indo embora? Então, vou tocar aqui com a minha banda amanhã. Eu gostaria muito que você viesse”. E me estendeu o tal papel, que na verdade era um convite impresso para o show dele.

Aceitei sorrindo, ainda tímida, e prometi que iria, enquanto as minhas amigas, que já estavam do lado de fora, me chamavam para ir embora. Guardei o convite na bolsa e saí com elas, com a mesma sensação que tive quando nos encontramos na praia: tinha sido rápido demais.

No dia seguinte, depois de gastar um bom tempo para convencer as meninas, já que eu não queria ir sozinha, voltamos à mesma casa noturna para assistir ao tal show. Mas demoramos tanto para chegar que, quando finalmente entramos, a apresentação já tinha acabado e não havia muita gente. As amigas que estavam comigo acharam a balada um saco e quiseram ir para outro lugar. Eu não tive muitos argumentos, acabei indo com elas e mal o vi. Aqueles desencontros em série só aumentavam minha vontade de estar com ele.

É curioso quando a lei da sincronia atua em nossa vida. Meu namoro estava nas últimas, havia se tornado uma relação acomodada e protocolar. A gente mal saía juntos, cada um ficava com a sua turma e só nos encontrávamos no fim da noite —quando isso acontecia. Estar um com o outro já havia perdido o sentido, mas nenhum dos dois tinha coragem de terminar. Nesse contexto, eu me sentia livre e tudo o que eu queria era curtir a minha vida, fazer o que

eu quisesse e andar pela cidade na minha querida Vespa azul-claro metalizado. Nos dias de balada, eu geralmente nem marcava nada com ninguém. Perguntava onde as meninas estariam e ia para lá na hora que bem entendesse.

Até que num sábado, no fim daquele mesmo mês de março, eu fiquei de encontrar com as minhas amigas no World Rock Café, o bar da moda em Santos naquela época. Pouco antes de sair, o meu namorado ligou pedindo para a gente se ver. Ficou combinado que ele me pegaria no fim da noite, na porta do bar, e iríamos até a casa dele para conversar.

Cheguei ao World Rock por volta de uma da manhã, fui entrando e tentando encontrar a minha turma com os olhos. Só que não deu tempo. O meu campo de visão foi tomado pela figura de um cara grande, apoiado no balcão, de costas para mim, com o cabelo desalinhado na altura do ombro e uma mecha vermelha que brilhava com a luz que vinha na direção contrária. Sem pensar, num impulso inexplicável, fui direto até ele, peguei naqueles fios vermelhos e disse: “Nossa! O seu cabelo é vermelho fluorescente!”. Ele se virou para mim, abriu um sorriso enorme e falou: “Você!”. Foi quando eu percebi que o cara do cabelo engraçado era o Alê, o Chorão. Ali começou uma conversa que foi até as três da manhã, sem intervalos e com assunto que não acabava mais. O Alê me contou que andava de skate, falei que eu assistia ao *Grito da Rua*, com o Turco Loco, único programa sobre esse esporte naqueles tempos, exibido na TV Gazeta, e ele disse que já havia participado dele uma vez. Falamos da cultura mais underground de São Paulo, e eu notei que ele ficou encantado ao perceber que eu conhecia aquele universo.

Quando o assunto chegou à música, ele me contou que gostava de Siouxsie and The Banshees, Enya, Big Country, Ride — pelo visto, um gosto musical tão eclético quanto o meu. Sobre cinema, falamos de filmes do Polanski (sim, eu curtia bastante antes de saber que o cara foi acusado de estupro), como *Lua de fel* e *A dança dos vampiros.* Inevitavelmente, o papo foi ficando mais pessoal e começamos a falar da vida.

Nessa conversa deliciosa, esqueci completamente as minhas amigas, que a toda hora passavam por mim me cutucando e lançando olhares surpresos. Nem liguei. Eu estava maravilhada por perceber quantas coisas tínhamos em comum, como ele era articulado, como dominava todas aquelas referências. Eu jamais esperaria algo assim vindo daquele cara. Enquanto ouvia tudo

aquilo, pensava: “Putz! Vamos ter problemas”. Era muita sintonia, muita afinidade, muita vontade de ficar ali. “Você é diferente, menina”, ele disse. “Sou nada, sou igual a todo mundo”, eu respondi, encabulada. Naquela noite, encontrei uma alma semelhante à minha.

De repente, olho no relógio. Quase quatro da manhã e me dou conta de que preciso ir embora.

“Mas por quê? Fica mais um pouco!”

“Não posso, preciso ir mesmo” — eu estava morrendo de vontade de ficar, mas ao mesmo tempo me sentia apreensiva, pensando que o melhor seria ir embora e evitar o falatório. Numa cidade provinciana como era a nossa, passar a noite conversando com “o Chorão” com certeza ia virar notícia. As pessoas à nossa volta já estavam reparando e fazendo comentários.

Quando a gente foi se despedir, ele pediu o meu telefone e eu neguei, afinal de contas, apesar de estar completamente envolvida naquele momento, eu ainda tinha um namorado.

“Não vou dar, não quero te meter em confusão!”

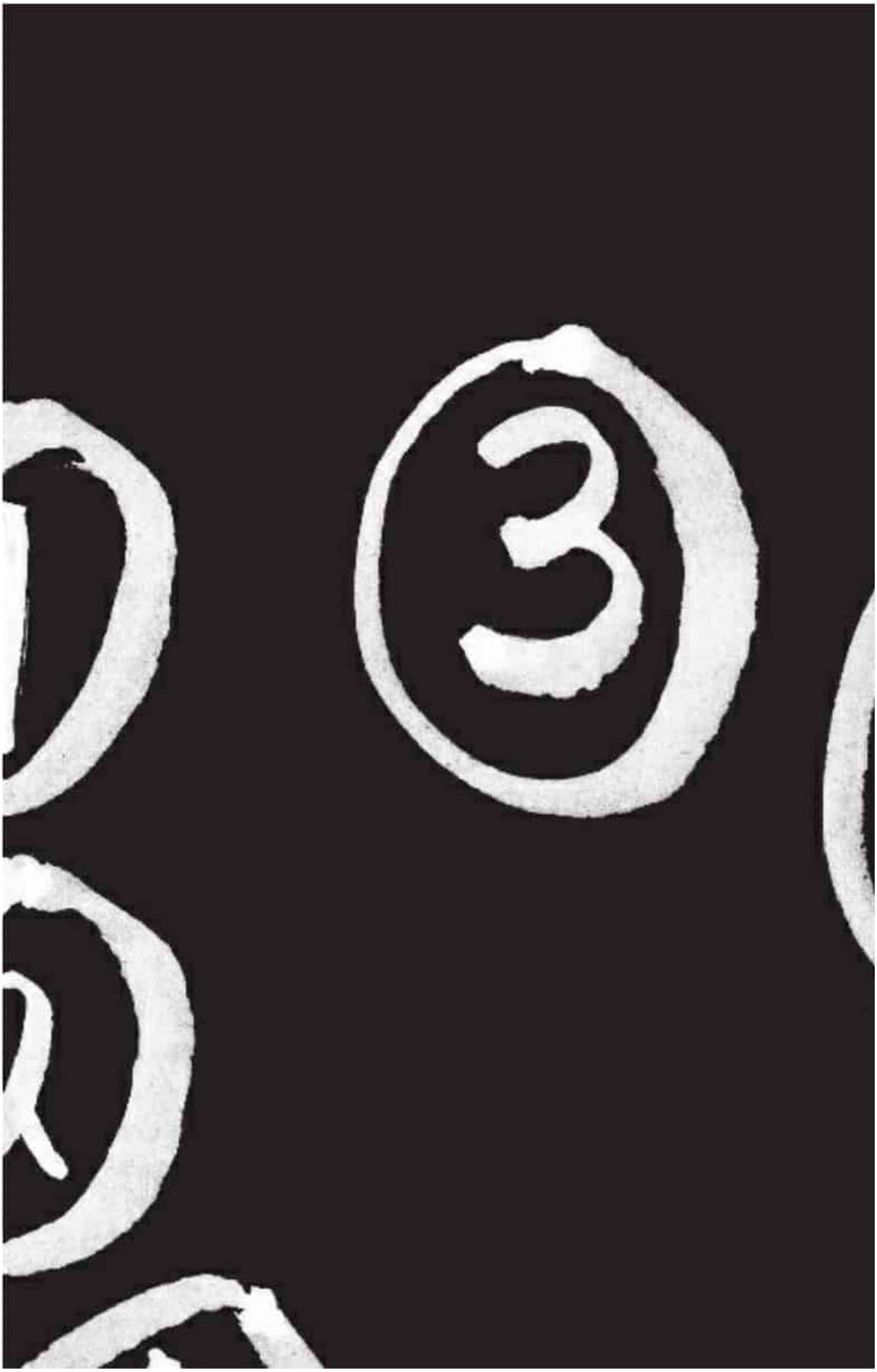
Foi aí que ele me pegou pelo braço e, delicadamente, me puxou na direção dele, olhou direto nos meus olhos e disparou uma frase que eu nunca esqueci: “E se eu te disser que adoro uma confusão?”

Fodeu!

Eu me desvencilhei com um sorriso e fui embora, tentando manter a compostura e não deixar claro o quanto eu estava mexida. Fui ao encontro do meu namorado, que já estava na porta do bar me esperando, e, depois de uma conversa, resolvemos terminar o relacionamento. Não tinha a menor condição de continuar diante de tudo o que eu estava sentindo.

Fui para casa com a cabeça a mil. Não parava de pensar no que havia acontecido. Não consegui dormir. Repassei infinitas vezes cada detalhe daquela noite, cada olhar, cada palavra, sendo invadida por um turbilhão de sentimentos. Nossa conexão foi imediata e fulminante.

Meu coração tinha um novo dono.



o dia seguinte, domingo à noite, eu estava na cama lendo um livro quando o telefone no criado-mudo tocou de repente e me deu um susto:

“Graziela?”

“Oi, quem é?”

“É o Alexandre, de ontem no World Rock, tudo bem?”

“Tudo, sim.” Tentei manter a naturalidade, mas por dentro estava quase explodindo de tanta ansiedade. O coração acelerou na hora...

“Estou ensaiando com a minha banda aqui perto da sua casa e vou buscar uma pizza pra comer com os caras. Você não quer ir comigo?”

“Tá bom, passa aí”, eu disse, ainda na tentativa de manter o tom blasé para não demonstrar o quanto eu estava nervosa. Caramba, em menos de 24 horas ele já tinha conseguido meu telefone e estava dando um jeito de a gente se ver. A conversa não durou nem dez segundos, e eu corri para me arrumar, ansiosa. A vontade de encontrar aquele menino de novo era gigante. Escovei os dentes, dei aquela olhada rápida no espelho, passei o meu perfume preferido e o interfone tocou.

Cheguei à portaria e lá estava ele, de calça jeans larga quase caindo, camiseta branca lisa, uma corrente prateada com elos grossos no pescoço e um sorriso matador. Ele me cumprimentou com um beijo no rosto e saímos caminhando em direção à pizzaria que ficava a duas quadras da minha casa.

Dava para ver que ele estava tão constrangido quanto eu, senti até um pouco de timidez da sua parte, o que, lembrando hoje, é um pouco engraçado. Parecia um primeiro encontro, mas não era. Eu estava tão envergonhada que mal conseguia olhar para ele direito. Ainda não entrava na minha cabeça que aquilo estava acontecendo de verdade. Nenhum dos dois sabia o que fazer nem o que falar. Apesar de estarmos meio sem jeito, ficamos tentando evitar que a

conversa caísse no vazio. Ali não havia um bar, bebida na mão ou amigos em volta, éramos só nós dois andando pela rua.

No caminho, o Alexandre começou a contar sobre a banda dele, disse que fazia um som pesado, no estilo do Pantera —ele admirava a potência vocal do Phil Anselmo —, e queria obter uma sonoridade parecida. Não era o primeiro grupo dele, antes veio o What's Up, que tinha no baixo um menino bem novinho que arrebentava, um tal de Champignon. E ele fez questão de chamar aquele garoto talentoso para integrar a banda nova, batizada de Charlie Brown, ainda sem o "Jr." e com uma formação anterior à que viria a ser conhecida por todo mundo, com o Thiago, o Pelado, o Marcão e o Champignon.

Os caras que tocavam com ele na época eram músicos excelentes, mas queriam fazer outro tipo de som, e era o Alexandre que insistia em algo com mais peso, daí a mudança. A ideia para o nome Charlie Brown veio de um dia em que o Alê, de carro, atropelou uma barraquinha de água de coco que ficava na calçada da praia e era decorada com o desenho do personagem homônimo da tira Peanuts. O episódio virou um "causo" entre a galera e o inspirou. Para evitar problemas com a marca registrada, ele colocou o "Jr.", por se sentir filho de uma geração marcante do rock brasileiro, que incluía nomes como Raimundos, O Rappa, Planet Hemp, entre outros.

Nos anos 1990 apareceram muitas bandas em Santos, a maior parte delas de heavy metal ou hard rock. Enquanto isso, a MTV, que tinha acabado de chegar ao Brasil, trazia muita novidade, muita informação, e os vários grupos que apareciam por lá influenciavam muita gente. O grunge estava no auge. Nirvana, Pearl Jam, Soundgarden, Alice in Chains, só para citar algumas bandas, causavam o maior impacto em termos sonoros e visuais.

Alguns bares da cidade começavam a abrir espaço para bandas locais. Muitas delas só faziam covers, mas de vez em quando algumas incluíam músicas próprias no repertório.

A essa altura, o Alexandre já era uma celebridade local. O carisma dele era notório. Ele tinha uma atitude de artista inata. Um episódio marcante para o futuro do Alê aconteceu antes de a gente se conhecer: ele estava assistindo ao show de uma banda no Rocas Bar, em Santos, quando o vocalista deixou o palco para fazer um intervalo. Como todo mundo se conhecia, o Alê não pensou duas vezes: pegou o microfone e, com a aprovação da banda, cantou uma música com a maior desenvoltura. Quem estava lá jura que ele deu

um banho no tal cantor. Foi ali que ele teve certeza do que queria fazer da vida.

Voltando para aquele domingo à noite, a pizza ficou pronta mais rápido do que a gente queria e não havia mais desculpa para ficar ali conversando. No caminho de volta, a descontração já tinha tomado conta de nós, e o papo fluía como se nos conhecêssemos havia tempos. Naquele momento, eu já me sentia confortável para matar a minha curiosidade:

“Me conta uma coisa, e esse apelido? Por que Chorão?”

“Foi um brother meu, o Bolota, de São Paulo, que começou a me chamar assim. Quando eu morava lá, tava sempre com uma galera mais velha que se reunia pra andar de skate embaixo da marquise do Ibirapuera. Sei lá, acho que eu reclamava muito e eles ficavam pegando no meu pé, falando pra eu parar de chorar. Mas quer saber a real? Eu sou emotivo pra caramba e choro mesmo.” Não acreditei muito no “emotivo”, mas depois, conforme a gente foi se conhecendo, pude constatar que era a mais pura verdade.

Quando chegamos à frente do prédio em que eu morava, ele perguntou se poderia me acompanhar até a porta do meu apartamento. Pelo visto, a vontade de prolongar aquele momento não era só minha.

Que bom! Então, ele deixou a pizza na portaria e entramos no elevador. Apesar de mais relaxados, ainda estávamos tímidos, e digamos que estar com ele, o cara que fazia o meu coração disparar, num espaço fechado minúsculo não facilitava as coisas. Afinal de contas, ainda não tinha rolado nada, nem um beijo. De repente, ele me pediu: “Me dá a sua mão?” Feito um cigano lendo a sorte, ele olhou para a minha palma estendida e disse:

“Olha, vou te falar uma coisa. Nessa linha aqui tá escrito que hoje você vai encontrar o cara que vai mudar a sua vida.”

A única reação que eu consegui ter naquele momento foi sorrir sem graça e proferir duas palavras:

“Então tá…”

O elevador chegou ao quinto andar, onde eu morava, e era hora de nos despedirmos.

“Vai logo, senão a sua pizza esfria e os seus amigos vão te matar”, eu brinquei. Ele me olhou meio decepcionado, como se estivesse tomando um fora. Então, não resisti e pedi a ele: “Posso te dar um abraço?”.

O abraço sempre foi algo importante para mim, um jeito de sentir a pessoa, de testar a energia; o dele era forte, bom, acolhedor. Senti como se já morasse naquele abraço havia muito tempo. Então nos despedimos com um beijo no rosto, e foi isso.

O Alê foi embora e eu entrei na minha casa sem conseguir parar de pensar nele. O que eu faço agora? A fama de bad boy o precedia, e eu me perguntava: onde estou me enfiando? Sempre fui calada, discreta e muito envergonhada. Ele era o oposto. Conhecia todo mundo, era popular e naquela época já polarizava as opiniões. Muitos o amavam, enquanto outros tinham medo e não gostavam dele.

Cheguei ao meu quarto com o rosto vermelho, sentindo mais uma vez que encontrar com aquele cara mexia comigo de um jeito que eu nunca tinha experimentado. Mas eu ainda resistia em admitir: estava me apaixonando. Alguns dias depois, às dez horas de uma manhã abafada, tipicamente santista, fui acordada pelo toque do telefone.

“Graziela? É o Alexandre. Eu queria muito conversar com você. Vem aqui na minha casa? É sério.”

“Oi, tudo bem? Agora?”, perguntei.

“Agora. Você vem?”

Uma ansiedade gigantesca tomou conta de mim. Que roupa eu visto? Qual perfume? Na época, como mencionei, eu tinha uma moto Vespa. Era velhinha, mas eu a amava. Eu trabalhava numa loja de roupas na mesma rua onde morava e fazia faculdade de publicidade na Católica de Santos à noite. O orçamento lá em casa naqueles anos era bem apertado, tudo era feito na ponta do lápis, sem nenhum luxo.

Para conseguir qualquer coisa, eu tinha que batalhar muito, e a minha moto era a prova do meu esforço, um símbolo das minhas pequenas conquistas, que me dava muito orgulho. Só que de vez em quando a danadinha me dava um baile e resolvia não pegar. E foi exatamente o que aconteceu naquele dia.

Quando dei por mim, já estava dentro do ônibus a caminho da casa dele, sem saber que minha vida estava prestes a mudar para sempre.

O Alexandre morava sozinho no Karina Flat, que existe até hoje em Santos. Era um lugar muito simples, pequeno, com um quarto, banheiro, cozinha americana e uma sala sem nada, nenhuma planta ou algum objeto que desse um toque pessoal e acolhedor ao ambiente. Apenas no canto, encostado numa parede, estava o objeto

que o acompanhou durante toda a vida: um skate. Cheguei mais ou menos às onze da manhã, e ele me recebeu com muita gentileza. Me serviu água, sentamos no sofá e ele disse:

“Olha, eu queria te dizer umas coisas.”

“Pode falar”, a minha resposta saiu automática. Mas por dentro eu era uma confusão só, ainda processando que eu estava na casa dele. As coisas aconteciam numa velocidade inédita para mim.

“Eu não achei que ia ficar a fim de você”, ele disse sorrindo, mas sem um pingo de vergonha, e continuou: “De boa, achei que só ia querer te pegar, mas você não sai da minha cabeça desde aquele dia no bar…”. E daí, com a maior naturalidade, o Alê começou a contar tudo o que eu deveria saber sobre ele.

“Eu sei que a minha fama nessa cidade não é das melhores, e você já deve ter ouvido falar que já fui casado e tenho um filho. Sou um cara brigão, mas sei pedir desculpas quando eu tô errado. A relação com a minha família é meio complicada, acho que eles ainda não acreditam que eu posso chegar em algum lugar, mas todo mundo se ama muito. Tô te falando tudo isso porque quero que você saiba bem quem eu sou antes de qualquer coisa. Tô contando tudo isso porque você é diferente de todas as meninas que eu já conheci e eu quero começar as coisas direito com você. Eu te achei maravilhosa. Você é linda, é inteligente, e senti uma sintonia rara entre a gente. Tô procurando alguém assim pra mim. Você é poesia em movimento.”

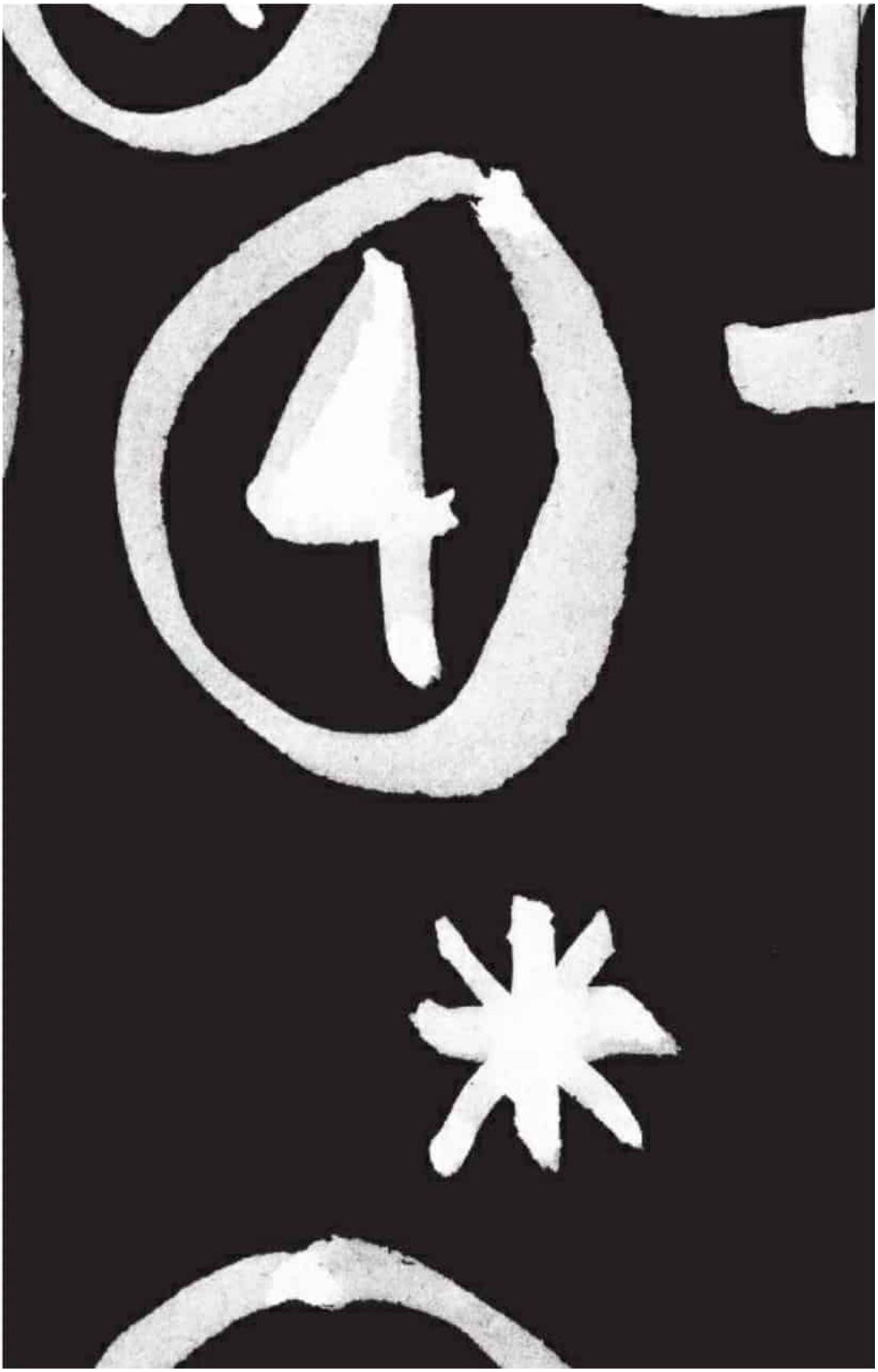
O mundo parou. Oi? Eu estava mesmo ouvindo aquele cara com toda a pinta de mau falar em poesia? Aquilo estava mesmo acontecendo? Estava, sim. E então veio o melhor beijo da minha vida. Tudo se encaixou numa química e sincronia perfeitas. Perdi a noção do tempo e me deixei levar. O espaço girou e eu girei com ele. Ele me olhou e disse:

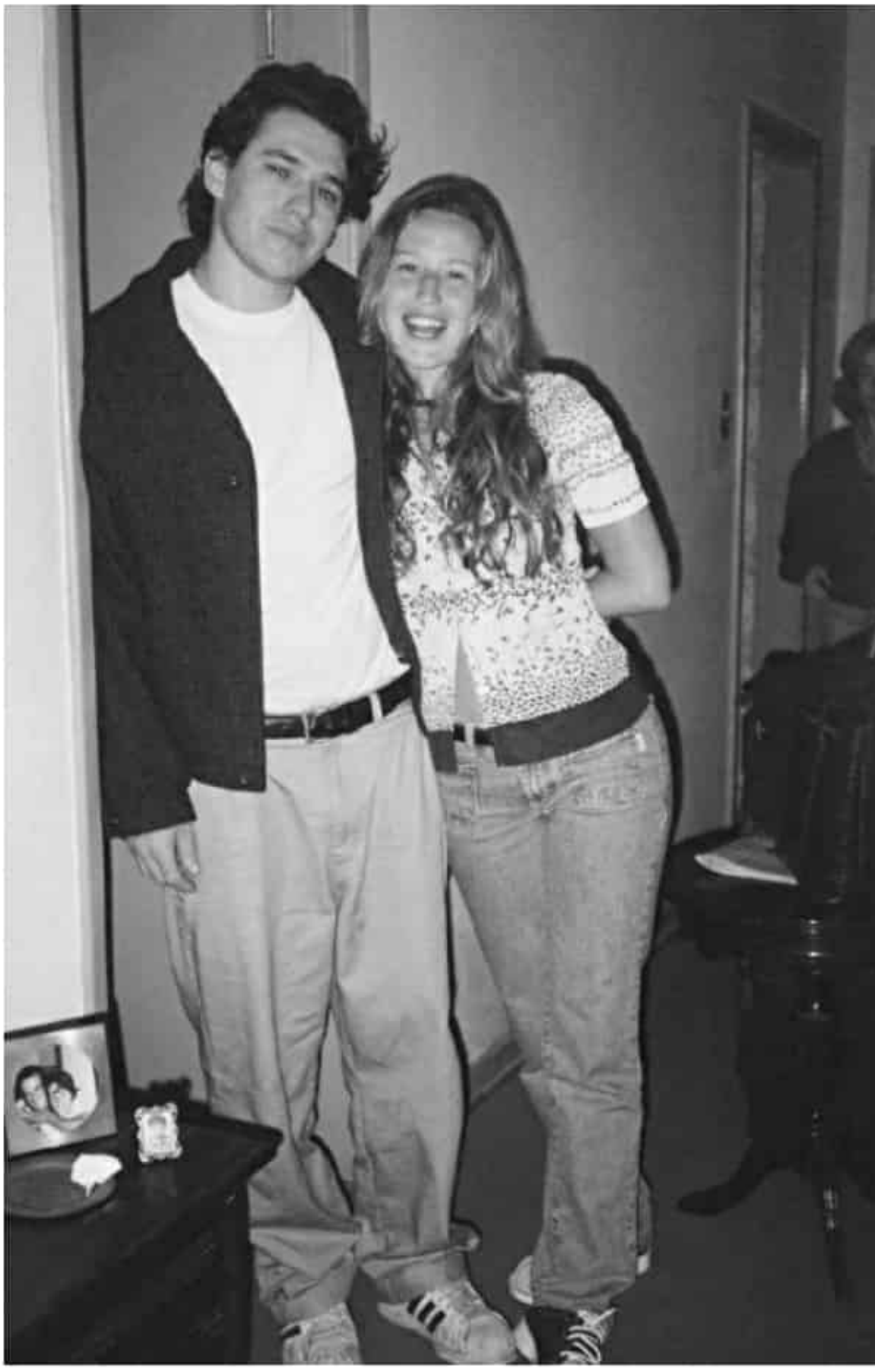
“Eu tô apaixonado. Quer namorar comigo?”

Passamos a tarde inteira juntos, nos beijando, ouvindo música, conversando. Fiquei lá até a noite. Dei o cano no trabalho, faltei na faculdade e nem dei satisfação na minha casa. Saí de lá sabendo que estava completamente apaixonada e que alguma coisa fundamental em mim havia mudado para sempre, só não sabia ainda o que era.

Confesso que tinha muito medo de sair da minha zona de conforto. Eu nunca tinha me relacionado com ninguém parecido com ele, e sentia um baita frio na barriga. A partir daquele encontro,

aconteceu uma transformação inevitável e definitiva na minha vida. O que eu estava sentindo era especial demais para deixar que o medo me impedisse de viver aquele amor.





Primeira visita do Alê à minha casa, no dia do meu aniversário.

o dia seguinte, eu estava de volta ao flat, absolutamente entregue àquela paixão avassaladora. Qualquer medo que pudesse existir dentro de mim ficou do lado de fora da porta.

Dessa vez, o Alê já me recebeu como se fôssemos namorados e me deu um beijo daqueles de perder o chão. Aconteceu nossa primeira transa, com aroma de incenso no ar, ao som de Blind Mr. Jones e Ride, duas das bandas preferidas dele e que eu escuto até hoje. Naquele momento, não havia nada além de nós dois. Apesar de eu já ter vivido algumas experiências, aquela parecia a minha primeira vez: a antecipação de algo que eu já tinha imaginado várias vezes surtiu seus efeitos em mim. Mão gelada, frio na barriga e uma ansiedade gostosa que a gente sente quando está prestes a fazer algo que quer muito.

Na verdade, ele era muito mais experiente. Eu sempre fui aquele tipo de garota beijoqueira, mas que sempre acabava fugindo na hora H. O Alexandre, com seu 1,83 de altura, era muito másculo, forte e tinha um abraço de quebrar costela que, surpreendentemente, me envolvia com a maior delicadeza do mundo. A intimidade foi imediata e muito natural. Era algo bom, diferente de tudo o que eu tinha vivido. A gente ficava abraçado por horas, sem conseguir desgrudar um do outro.

Passamos vários dias trancados naquele flat, ouvindo música, comendo chocolate e fazendo amor, aproveitando a plenitude daquele momento num universo só nosso. Ficávamos horas conversando, com a avidez de novos amantes. Falávamos sobre a nossa vida e como tudo o que tinha acontecido com cada um parecia ter nos preparado para o nosso encontro.

No começo, ele cozinhava para mim e se virava muito bem — dentro do possível, claro. Sabia fazer uma ótima pizza de frigideira, sua especialidade, e eu adorava. Fome ninguém passava, disso eu não posso reclamar. Já a arrumação não era o forte do menino — nem o meu, diga-se de passagem —, o lugar não era dos mais

organizados. Mas quando você está apaixonada de verdade, nem liga para essas coisas. A gente se bastava.

Eu só saía de lá porque tinha que trabalhar. Passava em casa para trocar de roupa e olhe lá. Ainda bem que minha mãe era desencanada. Com a vida corrida, ela tinha muito mais com que se preocupar: trabalhava o dia inteiro para ajudar no sustento da casa e estava terminando a segunda faculdade, à noite.

Depois de uma semana, o Alê resolveu que era hora de comunicar oficialmente para o resto do mundo que estávamos juntos. Tenho de dizer que tive uma certa resistência em assumir tão rapidamente uma nova história, pois eu havia acabado de sair de um relacionamento. E o Alexandre, por sua vez, tinha a ex-mulher e o filho. Eu sabia que tornar nossa relação pública poderia virar assunto na cidade. Preferia dar mais um tempo para evitar o clássico “acabou de terminar e já está com o Chorão?”. Mas ele cobrou uma atitude da minha parte.

“Tá com medo de quê? Você ainda pensa em voltar pro seu ex? Ou você me assume ou não tem sentido ficar junto.”

Eu estava absolutamente louca por ele, apaixonada de verdade, não restava dúvida. Achei melhor encarar o que viria de uma vez e sugeri:

“Então tá bom. Tá a fim de ir comigo no Surf Dog? Umas amigas minhas vão estar por lá.”

“Opa, claro que sim!”

O bar é um daqueles lugares clássicos — existe até hoje em Santos, na avenida Conselheiro Nébias —, toda a galera frequentava naquela época. Era lá que todo mundo fazia um esquenta antes de ir para a balada, mas também tinha o pessoal que ficava ali, tomando cerveja e jogando conversa fora noite adentro. E lá fomos nós.

Nossa primeira aparição pública como um casal foi exatamente como eu imaginei: o bar inteiro olhou na nossa direção, e deu para perceber que algumas pessoas cochichavam enquanto nos observavam. Cumprimentamos alguns conhecidos e então nos sentamos no balcão, já que minhas amigas ainda não tinham aparecido. Enquanto ele tomava uma cerveja e eu comia uma batata frita, acabamos relaxando e passamos a nos divertir, constatando que Santos era tão provinciana que viramos o assunto mais interessante da noite.

No dia seguinte, o telefone da minha casa tocava sem parar. Várias amigas ligaram para me aconselhar, criticar, alertar e,

obviamente, julgar. “Esse cara é o mais galinha”, “Esse cara é briguento”, “O que você está fazendo com ele?”, “Você acha que isso tem futuro, Grazi?”

E eu só conseguia pensar: “Espera aí, mas como é o futuro que eu quero? O que é o futuro? Por acaso o meu ideal é casar na igreja, ter filhos e virar uma boa dona de casa?”. Definitivamente, não. O futuro que comecei a idealizar era sair por aí com aquele cara do meu lado, era isso o que meu coração dizia.

Eu já havia contado à minha família que estava namorando, mas o Alexandre só foi à minha casa quase três meses depois, dia 29 de julho, no meu aniversário. Ele foi um gentleman desde o primeiro momento. Falou com todo mundo, bebeu refrigerante e foi extremamente simpático. No fim da noite, eu esperava ansiosa pelo veredito da família: aprovado! Ufa!

Poucos dias depois, vindo me buscar para sair, ele teve mais uma atitude que me ganhou de vez. O Alê encontrou meu pai na padaria perto de casa e parou para conversar com o coroa.

“Oi, seu Roberto. Tudo bem com o senhor? Eu sei que tenho um jeito meio

assim, diferente, mas quero que o senhor saiba que as minhas intenções com a sua filha são as melhores. Eu gosto muito da Grazi e quero fazer ela feliz. Posso namorar com ela?”

Eu imagino a cara do meu pai diante daquela situação inédita. Um pedido de namoro à moda antiga, em pleno fim dos anos 1990. Apesar de eu nunca ter dado importância para esse tipo de convenção tão careta, fiquei boba, me sentindo uma personagem de filme romântico. E a única coisa que eu conseguia pensar era: “O Alê pediu a minha mão em namoro pro meu pai sem eu saber! Que fofo! Meu Deus, tem como ficar mais apaixonada do que já estou?”. Era possível, sim, mas isso eu fui descobrindo com o tempo.

Meu pai, marrento que só ele (ainda mais com qualquer cara que chegasse perto de mim), se rendeu ao charme do Alexandre sem perceber, deu seu consentimento e, a partir daquele momento, nosso namoro estava mais oficial que nunca.

A convivência só deixava mais claro quanto tínhamos em comum. Aos poucos, fomos nos abrindo ainda mais e mostrando um para o outro as partes não tão bacanas da nossa vida. Nossas histórias eram, sim, diferentes. Porém dividíamos, por exemplo, a mesma angústia de ter crescido vendo nossos pais batalharem para proporcionar uma situação confortável para a família. Tanto ele

quanto eu tínhamos morado em casas alugadas a vida toda, mudando de endereço cada vez que o proprietário pedia o imóvel ou aumentava demais o aluguel.

O relacionamento com nossos pais também tinha seus conflitos. Eu, filha mais velha, mulher, lutando para ser independente e crescendo numa casa onde havia pouco diálogo ou tempo para demonstrações de carinho. Já o Alê, um cara completamente fora dos moldes, era filho do meio entre outros seis irmãos. A infância foi difícil, alternando períodos de fartura e outros sem grana. O pai era durão, à moda antiga, e se esforçava o tempo todo para manter a família, mas nem sempre tinha sucesso.

Quando nos conhecemos, os pais dele já eram separados, e a mãe, dona Leonilda, morava num apartamento bem humilde na zona norte de São Paulo. Alguns anos antes, ela havia sofrido um AVC muito severo que deixou sequelas permanentes, comprometendo os movimentos de um dos lados do seu corpo. Essa situação causava muito sofrimento ao Alê e só aumentava a saudade que ele sentia dela.

Nessa época ele morava com o pai, seu Geraldo, que era seu grande herói, admirado pela origem humilde e pelo empenho em fazer tudo o que fosse possível pelos filhos. O Alê buscava continuamente a aprovação dele, mas nem sempre conseguia. O pai sonhava que o filho tivesse uma profissão séria, como advogado, mas a ideia de sucesso que o Alê tinha para si mesmo vinha com um skate debaixo do braço e um microfone na mão (um pesadelo para a maioria dos pais).

E nós dois, do alto dos nossos vinte e poucos anos, éramos arrogantes e inocentes demais, e mesmo entendendo que os nossos pais estavam fazendo o melhor que podiam, nem sempre aceitávamos a opinião deles e o fato de que a vida era isto: uma sucessão infinita de desafios.

O amor pela música também nos unia. A gente passava muito tempo escutando nossas bandas preferidas, pesquisando artistas novos e mostrando um para o outro o que descobríamos. Ele me falou da paixão pelo skate, dos dias de Ibira Boys, quando ia com a galera para o parque Ibirapuera, em São Paulo, para treinar seu *freestyle*. Me contava dos amigos, com apelidos estranhos e engraçados: Thronn, Not Dead, Bolota, Ari Bazon, só para citar alguns. O Alê me ensinou as gírias e as peculiaridades do vocabulário do skate, como acrescentar um “on” no fim das palavras,

o que iria mais tarde influenciar até no meu apelido, que ele criou e eternizou: Grazon.

Eu contava da minha infância na Vahia de Abreu, mostrava para ele o meu lado nerd, que curtia geologia, astronomia e tudo mais relacionado às ciências e à natureza. E também o meu lado bruxa: sempre ligada nas energias do Universo, nas fases da Lua, em astrologia, tarô (tinha o meu próprio baralho desde os doze anos), a minha afinidade com o estudo do espiritismo e a curiosidade pelas ciências ocultas — wicca e druidismo me encantavam, por mostrar que tudo está interligado neste mundo. Eu percebia que ele ficava fascinado com tudo isso, que para o Alê era um mundo completamente novo e diferente do que ele já tinha vivido. Eu sentia a mesma coisa. Era uma troca de experiências constante e muito rica.

Em meio a todo esse encantamento do começo, a gente foi convivendo cada vez mais, se descobrindo e aprendendo um sobre o outro. Aos poucos fui percebendo que, por trás de toda aquela atitude e jeito de durão, existia um menino frágil, que sonhava ser alguém de quem seus pais se orgulhassem, que ansiava por mostrar o seu valor e queria ser um cara bacana para o filho que estava crescendo. Fui sacando que ele era o tipo de pessoa que ostentava a aparência de bruto para manter as ameaças afastadas, mas no íntimo era extremamente sensível e, às vezes, até inseguro e carente.

Ultrapassado qualquer preconceito que aquela fachada pudesse criar, havia nele um coração cheio de generosidade, protetor e amoroso. Isso ficava muito claro na maneira como ele se comportava comigo, sempre doce e atencioso, me trazendo bilhetes, chocolates, flores roubadas dos jardins da cidade — e nem era preciso ser uma ocasião especial para isso acontecer.

Sua generosidade e atenção se estendiam até mesmo a desconhecidos. Por exemplo, o Alê não podia ver alguém na rua passando frio. Aquilo o tocava de uma maneira tão profunda que ele não hesitava em tirar o casaco e dar a quem necessitava. Vi isso acontecer muitas vezes.

Pessoas em situação de rua deixavam o coração dele partido e, portanto, tinha uma empatia especial com quem vivia pela cidade puxando carroças em busca de material reciclável para vender por alguns trocados. Eu me lembro das várias vezes que o Alê, já um artista estabelecido, deu tudo o que tinha no bolso para ajudar esses

carroceiros que encontrava pelo caminho. Um episódio que nunca vou esquecer foi quando ele deu carona para um morador de rua que estava subindo a rodovia Imigrantes, em São Paulo, a pé. Ele não via situação social, cor, credo, nada disso. Para ele, era um ser humano que precisava de ajuda.

O Alê sempre buscou uma vida mais sólida, e esse sonho sempre incluiu a família dele. Esperava um dia ter condições de dar uma casa para a mãe e outra para o pai, e também queria ver os irmãos numa boa situação, prosperar e criar a vida estruturada que até então ele não conseguira ter. E mesmo no começo do nosso relacionamento, dizia que íamos nos casar quando ele conseguisse comprar um apartamento, um lugar nosso. O Alê queria se transformar num homem de quem o filho se orgulhasse, queria ser um exemplo de batalha e vitória, que o menino pudesse dizer: “o meu pai é foda!”. E ele já imaginava com toda a força que o Charlie Brown Jr. seria o passaporte para alcançar todas essas coisas.

Mas como onde há luz há também sombra, ele tinha seus demônios para domesticar. Eu percebia muita revolta e inconformismo com a saúde frágil da mãe e com a separação dos pais — assuntos que ainda me pareciam mal resolvidos. Dentro daquele homem enorme morava um menino que questionava a existência de um Deus que permitia tanta tristeza. Toda essa revolta me assustava um pouco, afinal, havia tanto amor dentro daquele cara, como ele podia pensar assim? Eu sabia que o Alê dificilmente leria por vontade própria livros que tratavam da questão da espiritualidade, e então decidi começar a fazer isso para ele. Nos fins de semana, eu já levava um livro de casa na bolsa e, antes de a gente dormir, lia em voz alta até pegarmos no sono. Era muito legal ver aquelas histórias sendo absorvidas com avidez, que os ensinamentos que o Alê escutava estavam conseguindo dar um sentido diferente para muitas coisas que pensava e foram como sementes para o conceito pessoal de fé que ele desenvolveu ao longo da vida.

FOI
AMOR À
PRIMEIRA
VISTA...

...E
CONTINUA
FORTE ATÉ
HOJE!

TE AMO!!!
FELIZ ANIVER-
SÁRIO!!
GRA.

Um dos bilhetes que escrevi para o Alê: alguns acabaram no altar dele.

Um desses livros foi o *Romance da Atlântida*, da autora britânica Taylor Caldwell. A história toca nas questões da lei da causa e efeito, reencarnação, energia e vibração, entre outras coisas —tudo em que sempre acreditei. Com o tempo, ele achou um sentido no espiritismo e adotou essa filosofia também, mas sem fanatismo. Para mim, uma das maiores recompensas foi vê-lo recuperando a capacidade de acreditar em algo maior, se enchendo de motivação e confiando que o Universo traria tudo o que ele quisesse. O Alê voltou a rezar e a conversar, à sua maneira, com Deus. Naturalmente, essas influências acabaram se refletindo no jeito de ele escrever música dali para a frente.

Para enfatizar suas novas crenças, o Alê montou uma espécie de altar com a imagem de Jesus, ao lado de objetos que eram especiais para ele: um bilhete escrito por mim em que eu dizia que o amava e pedaços de papéis com anotações de coisas que desejava realizar. Esse foi o primeiro dos muitos altares que o Alê fez ao longo da vida, uma versão do que hoje em dia *coaches* de vida e mentores em geral chamam de *boards* de inspiração ou motivação. E eu, bobona, me achando a professora, virei aluna. Aprendi a fazer esses altares, algo novo e cheio de significado que incorporei na minha vida e mantenho até hoje. Toda aquela sensibilidade me tocava muito e nos unia ainda mais.

Esse primeiro altar disputava espaço na apertada quitinete em que ele morava na época, pois o flat havia ficado caro demais e o Alê teve de se mudar. O seu pai, seu Geraldo, que voltara a morar em São Paulo, tinha quebrado o galho de pagar os três primeiros meses de aluguel. O lugar era realmente minúsculo. A entrada era um minicorredor no qual havia, de um lado, uma pia de cozinha muito pequena e, do outro, um banheiro. Um passo a mais e você caía na sala-quarto e pronto, acabou o tour. Mas tudo bem, não importava muito o lugar desde que a gente pudesse ficar juntos. O apartamento era mobiliado com modéstia: tinha uma mesinha de jantar com duas cadeiras num canto, ao lado da janela, uma cama de solteiro com armários em volta, uma minitevê preto e branco e, em cima dela, uma prateleira que abrigou o seu primeiro altar. Eu ainda trabalhava como locutora da Rádio Enseada quando fui convidada para

apresentar um programa de vendas a varejo, o *Mar Shopping Show,* na TV

Mar, afiliada à extinta Manchete. A atração era exibida uma vez por semana na janela de programação local, que abrangia Santos e o restante da Baixada Santista, com direito a reprises. A grana era boa, e valia a pena me dividir entre os dois empregos. Mas, por causa da minha timidez crônica, eu sabia que para fazer algo assim teria que interpretar uma personagem.

A Graziela apresentadora tinha hora marcada no salão por uma produtora para fazer cabelo e maquiagem, vestia um tailleur, era acompanhada por uma equipe de TV com cameraman, assistente e produtor e ficava tranquila diante da câmera, enquanto anunciava com o mesmo entusiasmo uma lingerie de cinco reais ou "um veneno para acabar com as formigas na sua cozinha". Já a Graziela da vida real nunca teve coragem de se assistir na TV. Apesar de nunca ter me sentido realmente confortável naquela função, não posso negar que era muito divertido e que foi um grande aprendizado para o resto da minha vida.

O Alexandre curtia muito me ver batalhando pelas minhas coisas. Ele sempre dizia que se orgulhava muito de mim. O fato é que eu era diferente das mulheres com as quais ele havia se relacionado antes, e não cansava de repetir isso para mim.

"Caramba, te acho uma mulher muito guerreira. E ainda por cima manja de música!" E eu me encantava cada vez mais por aquele cara que me ensinava o que era o amor de verdade e me mostrava que a palavra "desistir" não fazia parte do seu vocabulário.

Tínhamos nossa rotina: todos os dias eu ia para o trabalho (a rádio e a TV eram do mesmo grupo, no mesmo lugar), depois para a faculdade e sempre acabava o dia com ele. O cotidiano do Alê era de ensaios e correria para fazer o Charlie Brown Jr. ficar conhecido. Divulgar o trabalho da banda era um sufoco, numa época em que não havia internet nem redes sociais, mas ele nunca deixou de confiar. Era inspirador ver o quanto o Alê acreditava no sonho de se tornar um cara bem-sucedido fazendo música. E realmente não era nada fácil se dedicar à banda, era um perrengue atrás do outro. Naqueles primeiros anos de namoro éramos dois duros. Juntando os meus dois salários, eu pagava minha faculdade, ajudava o Alê no que podia e não sobrava muita coisa. Se espremesse bastante, podia rolar um cineminha e, se pá, dividir um cachorro-quente aos domingos, na feirinha que acontecia na praça do Sesc do bairro da

Aparecida, perto de onde ele estava morando. Mas a gente encontrava um jeito de se divertir mesmo sem grana. Nas noites de verão, ele passava na minha casa e íamos juntos pela avenida da praia até um local chamado Fonte do Sapo, uma pracinha no jardim da praia, no Canal 5. Em Santos ainda não existiam ciclovias, e a gente se achava os maiorais disputando espaço com carros e ônibus no meio da rua, ele de skate e eu com os meus patins.

A música continuava sendo um elemento fundamental na nossa relação. Eu estava sempre com o meu discman e fone de ouvido na rua. Quem já nasceu na era digital não imagina os malabarismos que a gente tinha de fazer para descobrir novas músicas. Ter os discos de bandas que não pertenciam ao *mainstream* era quase impossível. Mas isso não era empecilho. Eu estava sempre correndo atrás de novidades, ouvia rádio o tempo todo e folheava as revistas gringas que chegavam às livrarias em busca de coisas inéditas.

Saber sobre o que as músicas falavam sempre foi importante para mim. Por isso, eu fazia questão de procurar as letras daquelas de que eu mais gostava. Quando eram em inglês, um dicionário me ajudava a desvendar o significado por trás das melodias. E assim, sem perceber e sozinha, aprendi a falar inglês com desenvoltura — mais um presente que chegou até mim por intermédio da música. Eu dividia isso com o Alê. Era bacana demais chegar com a tradução da letra de algum som que a gente gostava. E aí fomos entendendo juntos o poder que uma boa poesia, combinada aos acordes certos, pode ter.

Nós tínhamos respeito por todos os artistas, mesmo aqueles que não batiam com o nosso gosto musical. Um bom exemplo disso: por influência da mãe, a dona Nilda, que sempre apreciou uma bela moda de viola e adorava o Sérgio Reis, cantor sertanejo, o Alê curtia o trabalho dele. Sabia reconhecer o valor de todos os gêneros, admirava artistas que se conectavam com as multidões e tinha consciência de quanto isso era importante.

Sempre teve um gosto musical muito abrangente, que ia desde hip-hop, reggae, hardcore, punk até coisas pouco óbvias, como a música celta da Enya, e bandas alternativas que na época pouca gente conhecia, como os britânicos do My Bloody Valentine e o Ride. O amor pela música nos tornava cúmplices, como se dividíssemos um segredo só nosso, e reconhecíamos, com respeito, o poder que ela tem de forjar elos inesquecíveis.

ogo que o Alê e eu nos conhecemos, o Charlie Brown Jr. tinha acabado de passar por uma mudança de integrantes.

Com ele nos vocais, a banda tinha naquele momento o Champignon no baixo, o Renato Pelado na bateria e nas guitarras o Marcos Britto, o Marcão, e o recém-chegado Thiago Castanho, fechando assim aquela que ficou conhecida como a formação clássica do grupo.

O Alexandre ainda compunha as letras em inglês, sempre com uma temática de forte crítica social. “Prostitute Society”, que falava de uma sociedade em que as pessoas se vendiam para ser alguém, é uma música que representa bem essa época de sons pesados e letras mais agressivas. Desde o começo, ficava evidente o quanto os músicos eram incríveis, mas ainda não existia a identidade marcante que o grupo viria a desenvolver nos anos seguintes e que hoje influencia tantas bandas por todo o Brasil. O estilo Charlie Brown Jr. ainda estava em construção.

Desde o What’s Up, o Alê sabia que fazia um som diferenciado. Ele tinha uma personalidade artística muito própria e sempre acreditou que a música poderia ser um meio de vida, mesmo que quase todos à sua volta insistissem em dizer o contrário. É claro que não foi um caminho simples. Ele enfrentou várias dificuldades, tentou antes empregos convencionais nos quais nunca se encaixou — foi auxiliar de câmera e até vendedor de seguros. Mas o destino se encarregou de provar que a música era mesmo seu verdadeiro caminho.

No início o CBJr era composto de um bando de garotos cabeludos cheios de vontade de viver da música que criavam. Os integrantes eram todos talentosos, mas a liderança era algo espontâneo para o Alexandre, fazia parte da sua personalidade, e desde o início ficou claro que era ele quem assumiria essa posição na banda. Além de

compor as letras, ele também colaborava com a construção dos riffs de guitarra, das melodias e, às vezes, em toda a estrutura das músicas. Ele já tinha uma ideia de quais elementos poderiam conferir a sonoridade que a banda deveria ter, e durante essa primeira fase tudo aconteceu de forma natural.

Não demorou muito para chegar o dia em que eu veria a banda do meu namorado num palco de verdade pela primeira vez, com direito a um bom PA, aquelas caixas de som gigantescas que ficam viradas para a plateia. Eles iam abrir para o Viper — banda nacional que fazia um hard rock pesado, bem característico da época, no Clube Tumiaru, em São Vicente, cidade vizinha a Santos. Antes de a banda subir ao palco, conversei um pouco com o Alê.

“Sobe lá e quebra tudo, menino!”

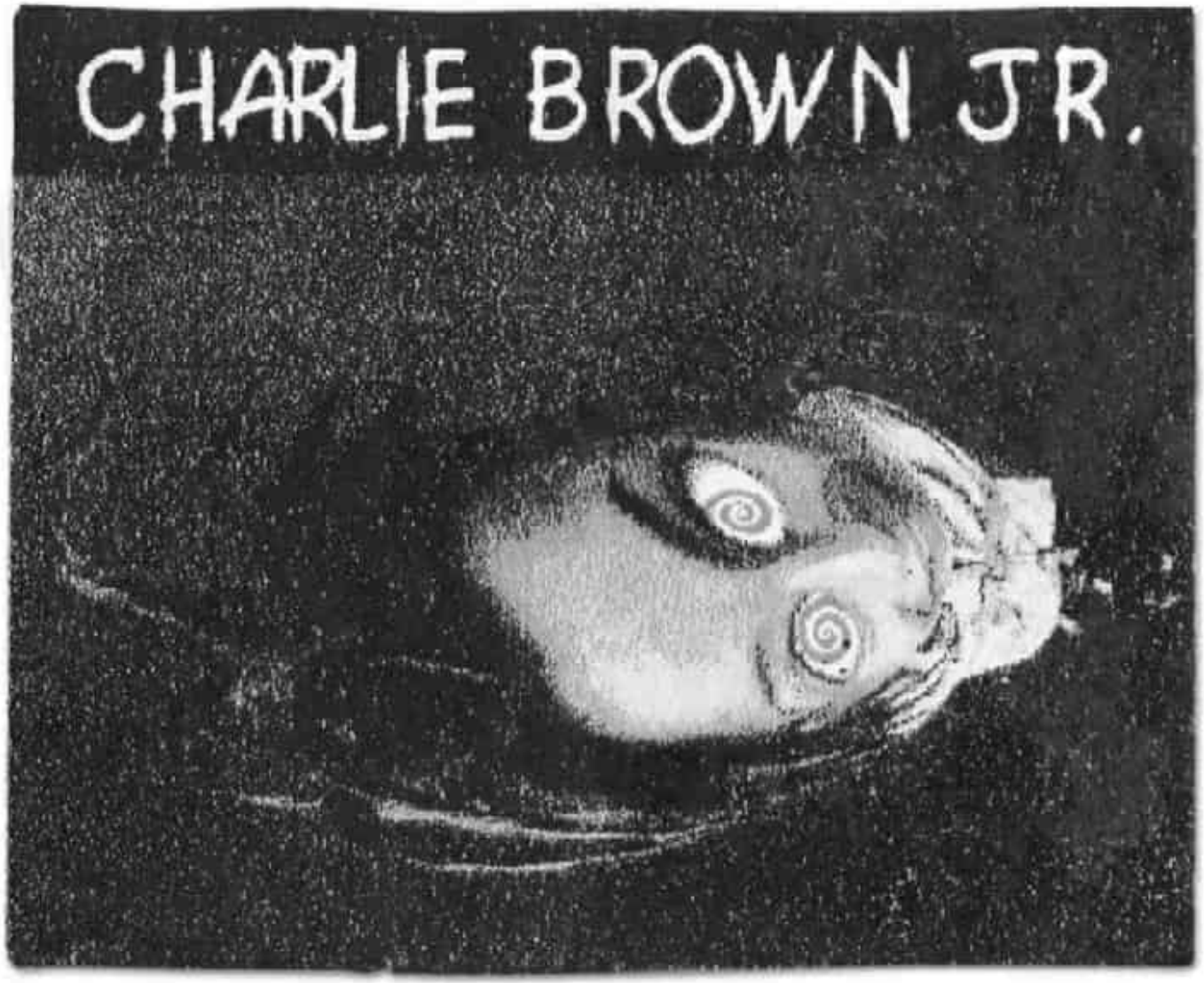
Ele estava nervoso. Sabia que a galera estava ali para ver a banda principal e não a sua, mas não se intimidava.

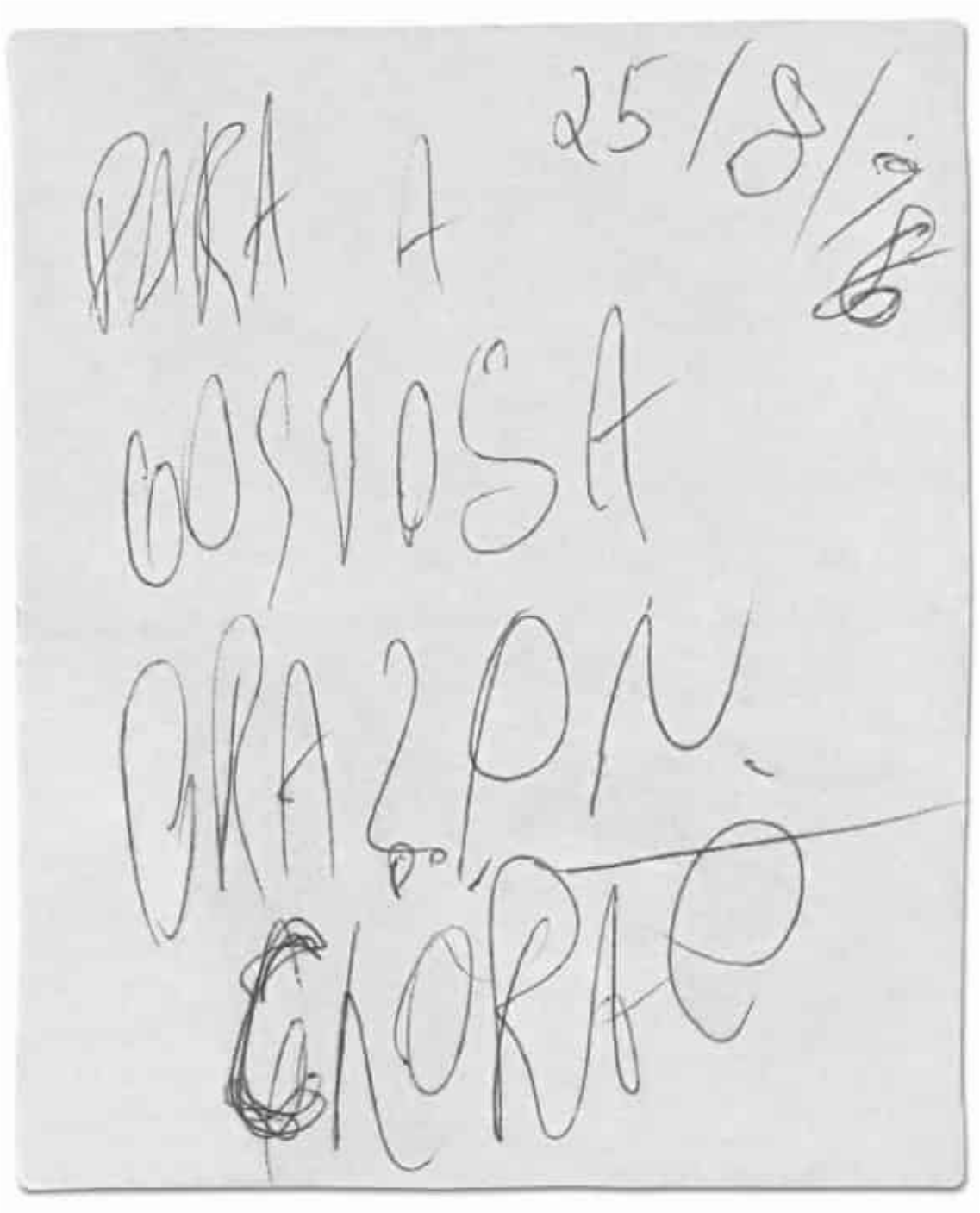
“Fica tranquila, pequena. Deixa comigo”, disse, me deu um beijo e foi para o palco. Aquela era a primeira vez que eu assistia a um show do Charlie Brown Jr., e foi aí que pude ver a transformação do Alexandre toda vez que ele se apresentava. Qualquer nervosismo que ele poderia estar sentindo naquela hora se evaporou no primeiro acorde de guitarra. Mesmo não sendo o público do CBJ r e com repertório em inglês, ele conseguiu fazer um show com muita energia e personalidade. Para uma banda consagrada como o Viper (que também cantava em inglês), ter letras em outro idioma não fazia tanta diferença, mas, para um grupo iniciante, conquistar uma plateia sem cantar em português ainda hoje continua sendo um desafio. Fiquei abismada com a naturalidade que ele demonstrava em cima do palco: o Alê ficava completamente à vontade. Ver uma pessoa se entregar daquela forma tão sincera e autêntica era muito inspirador e fazia com que a minha admiração por ele só aumentasse.

Esse tipo de apresentação num clube, com aparelhagem profissional e camarim, era uma exceção nos primórdios do Charlie Brown Jr. A maioria dos shows acontecia em casas pequenas ou eventos, muitas vezes organizados por pessoas que o Alê conhecia do meio do skate, ou por nós mesmos. Fizemos juntos alguns pequenos campeonatos de skate em Santos. Era um jeito de pôr a banda no circuito e, de quebra, ganhar um dinheirinho quando a coisa apertava. Em geral, eu ficava numa mesinha, tipo carteira de colégio, e os atletas se inscreviam comigo. Eu recebia a taxa de inscrição e depois corria para ajudar na produção.

Lembro-me com muito carinho de um evento desses que fizemos no Sesc de Santos. Na época, o skate ainda não era levado tão a sério no Brasil. Não havia atletas brasileiros de destaque internacional como Bob Burnquist, Sandro Dias, Pedro Barros ou Letícia Bufoni, só para citar alguns, e mesmo assim o Sesc sempre foi um lugar com portas abertas para esses projetos. Foi muito legal por ter sido uma “cria” nossa.

Os eventos juntavam duas grandes paixões do Alê: a música e as manobras de skate. Como atleta, ele chegou a figurar em boas posições nos rankings de alguns campeonatos de *freestyle,* mas, como músico, ainda estava descobrindo os seus caminhos. Na época, ainda eram poucos que botavam fé no Alê como vocalista. As pessoas só se lembravam das confusões em que ele se metia. Poucas pessoas tinham visto sua performance como músico. A galera não queria dar o braço a torcer. Por isso, tais eventos se tornaram uma forma de conseguir espaço para o Charlie Brown Jr. se apresentar, algo difícil na restrita cena musical santista daqueles dias.


CHARLIE BROWN JR.



O primeiro autógrafo que o Alexandre deu foi para mim, no verso da capa da primeira fita demo do CBJr: “Para a gostosa Grazon, Chorão”.

O espaço para bandas autorais era pequeno, e, como em qualquer lugar, rolava uma certa panelinha. Sem falar que na maioria das baladas só havia chance para grupos de pegada mais pop, daquelas que fazem covers de músicas de sucesso.

Mas o Alê seguia firme, driblando todas as dificuldades em busca do seu objetivo, e eu sempre estava ali, dando a maior força para esse sonho se concretizar. A gente tinha um pacto: “Nós vamos sair desse buraco juntos”. Eu acreditava muito nisso e sentia que havia espaço para a banda evoluir. O som que o CBJr fazia naquele momento ainda era muito pesado e nada comercial, o que tornava ainda mais difícil sua escalada em busca de sucesso. O mundo se rendia ao grunge, que, apesar das guitarras barulhentas, dos timbres sujos e vocais esganiçados, apresentava um polimento inegável na produção.

Mas era bem difícil falar alguma coisa. O Alê tinha um brio, um orgulho enorme do som que fazia, e talvez pudesse entender mal a minha preocupação. Eu teria que esperar um bom pretexto e o momento certo para dizer algo. E isso aconteceria antes do que eu imaginava.

Nossa parceria de amor e de sonhos já tinha mais de um ano quando certo dia, no meu trabalho —naquela época numa loja de roupas —, fui surpreendida pelo som de uma banda chamada Planet Hemp tocando no rádio. Eu só conseguia pensar “meu, o que é isso?!”. Achei sensacional.

Dei uma fugida até a DJ Ferrs — uma loja de CDs que ficava no Shopping Parque Balneário — e comprei o CD de estreia deles, *Usuário*, para dar de presente ao Alê. Mal podia esperar para escutar com ele, mais tarde.

“Alê, para tudo e escuta esse som louco! É novo, é bom demais e os moleques ainda falam de bagulho na cara dura!”

Escutamos o CD inteiro no *repeat* naquela noite. Ele também adorou o som cheio de groove da banda carioca. E, sem ideia do impacto que aquilo teria no futuro som do Charlie Brown Jr., eu falava:

“É isso, Alê! Escuta essa batida! É pesado, mas dá vontade de pular!”

Acredito muito que, quando estamos no caminho certo, entramos numa espécie de fluxo — uma vibração na qual tudo parece acontecer em perfeita sincronia —, e logo eu receberia uma prova disso.

Começaram a correr notícias de que haveria um show do Planet Hemp no Guarujá, cidade litorânea paulista vizinha de Santos, e, na hora em que eu soube, me veio uma luz: o Charlie Brown Jr. tinha que abrir esse show, e eu estava determinada a fazer de tudo para

que isso acontecesse. Eu ia encontrar o Alê naquela noite para darmos uma volta, depois que eu chegasse do trabalho. Parece que foi ontem. Estávamos andando pelas ruazinhas próximo ao Canal 3, na Vila Rica, quando lhe falei que precisávamos conversar. Sentamos numa escadaria de concreto de um prédio em construção. Falei sobre o show do Planet no Guarujá e contei os meus planos:

"E se a gente pusesse o Charlie Brown Jr. pra abrir esse show?"

Ele me lançou um olhar receoso, como se eu estivesse brincando com ele. "Mas como, Grazon, tá louca? Como que isso vai acontecer? Ninguém sabe o que é o Charlie Brown!"

E eu, com aquela certeza dos inocentes e a convicção de que nada é impossível, só pedi:

"Você me deixa tentar?"

A resposta veio com um sorriso e um abraço apertado. Percebi que ele acreditava em mim tanto quanto eu nele.

No dia seguinte, a missão começou. Consegui (pela lista telefônica) o número do telefone do lugar onde o show ia acontecer. Liguei uma, duas, três mil vezes, até conseguir falar diretamente com o dono, que se chamava Pedro. Usando todo o meu estoque de cara de pau, disparei sem respirar:

"Oi, tudo bem? Meu nome é Graziela Gonçalves, sou relações-públicas de uma banda superbacana daqui de Santos chamada Charlie Brown Jr. A gente queria muito fazer a abertura do show do Planet Hemp. Acho que seria legal vocês prestigiarem também uma banda local pra levar mais público. O que você acha?"

Ele demorou um pouco para responder, e cada segundo parecia infinito. Até que, finalmente, ele disse:

"O.k., tudo bem, mas os caras do Planet têm que liberar…"

Achei a resposta meio vaga, mas não desisti e perguntei como eu poderia falar com eles. Então, ele deu a dica:

"Eles estão chegando amanhã às dez horas. Vão ficar hospedados no Parque Balneário Hotel, em Santos."

Ter conseguido bancar a RP da banda e descolar essa pequena informação me deu um gostinho de vitória que fortaleceu a minha determinação de levar o plano adiante. Só que a corrida contra o tempo estava apenas começando. Eles iam chegar e tocar no mesmo dia, ou seja, a gente tinha poucas horas para fazer tudo dar certo.

No dia seguinte, logo de manhã, lá estávamos o Alê e eu, ansiosos e empolgados com aquela possibilidade, a postos na

recepção do hotel esperando a banda chegar. Foi quando notamos um cara que parecia estar fazendo o mesmo que a gente. Era o Alemão, um cara muito gente boa, divulgador da gravadora Sony Music, responsável por cuidar do Planet Hemp. Acabamos nos conhecendo e explicamos por que estávamos ali, falamos do CBJr, da ligação do Alê com o skate e de quanto seria importante para a banda abrir aquele show. O Alemão foi muito bacana e se dispôs a nos ajudar. Ele adiantou que o Marcelo D2 e o BNegão, vocalistas do Planet, eram tranquilos e que ia trocar uma ideia com os caras.

Já era uma da tarde quando a banda chegou e a gente lá, morrendo de fome, mas firmes no propósito. O Alemão subiu com eles e depois de algum tempo ligou para a recepção pedindo que chamassem a gente. Os caras iam nos receber. Tentando disfarçar o frio na barriga e manter uma postura minimamente cool, pegamos o elevador e seguimos até o restaurante do hotel, que estava fechado só para a banda. Eles estavam todos ali, junto com alguns *roadies* (técnicos ou pessoal de apoio que viajam com as bandas), em volta de uma mesa imensa. Eu olhava ao redor sem acreditar que a gente estava a ponto de dar a cartada final. O Alexandre, apertando minha mão um pouco mais forte que o normal, o que acusava seu nervosismo, deu um "oi" geral para a galera e foi direto falar com o D2, que, para nossa sorte, se lembrava dele da cena de skate de São Paulo, dos dias de Ibira Boys.

"Ah, tu é o Chorão do skate, né?"

Aproveitando essa entrada, o Alê entregou um walkman com uma cassete demo do CBJr e pediu, na lata:

"E aí, D2? Beleza? Escuta aí, mano. Será que você libera pra gente abrir o teu show hoje à noite?"

"Beleza, *brother*, abre lá. Se usarem o equipamento de vocês, tá tudo certo", disse, dando o aval tão esperado depois de escutar um pouco da demo.

A gente não tinha nenhum equipamento, mas era tudo ou nada! Saímos de lá gritando: "Caralhooooo! Conseguimos!".

Aquela seria a nossa primeira grande aventura profissional. Depois de muita correria e telefonemas, conseguimos arranjar um equipamento básico, e o Charlie Brown Jr. estava pronto para fazer o show de abertura.

Em geral, essas apresentações de abertura acontecem bem cedo, por volta das dez da noite, e a verdade é que, na hora que o CBJr tocou, havia apenas meia dúzia de gatos-pingados num lugar em

que cabiam cerca de quinhentas pessoas, mas isso não importava muito.

O show aconteceu e foi divertido. As músicas ainda eram aquelas do início da banda, pesadas, cantadas em inglês, e ficava mais difícil de a galera se identificar logo de cara. Mas a apresentação foi redonda, pois a banda era boa, as músicas, bem-feitas e o carisma do Alê sempre vencia. A aposta valeu a pena, especialmente pelo que estávamos prestes a presenciar.

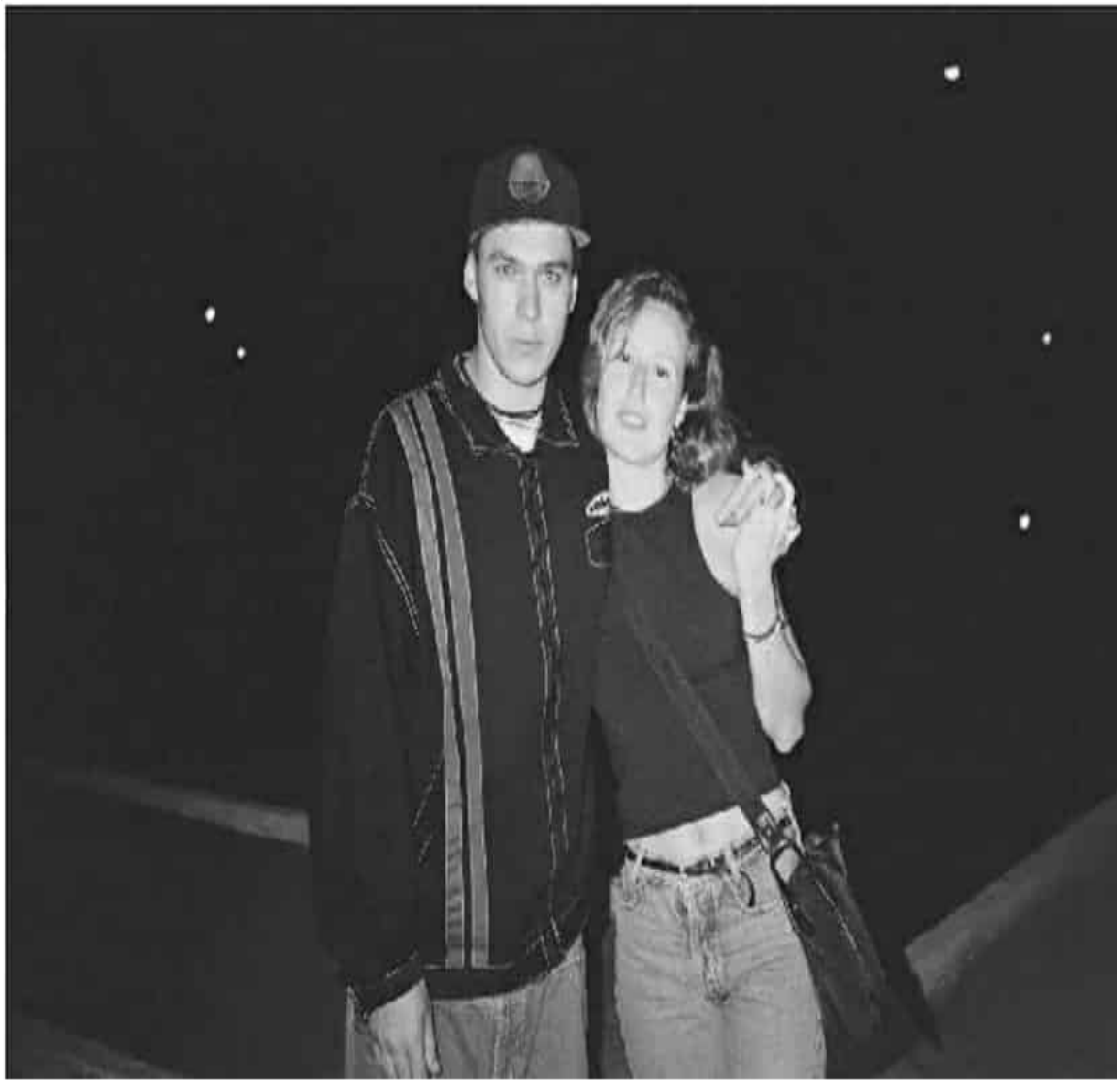
Quando o Planet começou a tocar, já estávamos no meio da galera, na plateia. No palco, o D2 e o BNegão davam uma verdadeira lição de comunicação com o seu público. E, para completar, a banda fazia um puta som ao vivo, era um furacão sonoro. Não tinha como ficar parado. Ficamos atentos a cada detalhe. Era muita coisa para assimilar: a atitude da banda no palco, o tema das músicas, a batida contagiante.

Eu olhava em volta e via aquele povo que pulava sem parar. Puxei o Alexandre para perto de mim, apontei para a galera e cochichei:

“É assim que o show do Charlie Brown Jr. tem que ser.”

Ele também sentiu que era isso que a banda deveria buscar. A lição de casa não era copiar o Planet Hemp, mas criar uma identidade forte e própria, bem original, como a que eles tinham. Passamos o resto da noite acordados, conversando sobre o que havíamos presenciado.

O universo sobre o qual o CBJr falaria também teria de ser autêntico, para ter aquela força que a gente pôde ver com o Planet. Os caras escreviam sobre o que eles viviam. Então, nada mais apropriado que assumir o pé na areia e falar de malandragem, skate, azaração, amor, realidade do país e elementos que faziam parte do cenário onde o Charlie Brown Jr. se formou. E, sobretudo, de algo que marcou muito a identidade das letras: a coragem e a importância de não desistir dos nossos sonhos.



No dia do show de abertura do Planet Hemp: a banda carioca influenciaria o som do Charlie Brown Jr.

O Alê assimilou as novas informações e processou do seu jeito: além do rock pesado, ele gostava de ska, reggae, hardcore, hip-hop, e compreendeu que podia misturar tudo isso para criar uma sonoridade nova. E também percebeu que seria melhor abandonar as letras em inglês, cantar em português e criar refrãos mais fortes, daqueles que a galera canta junto.

Não é exagero dizer que esse show do Planet Hemp foi fundamental na nova direção que o CBJr iria tomar. E admito que tenho muito orgulho de me lembrar da minha participação em tudo.

Enquanto os cariocas do Planet Hemp agitavam o país com sua mistura de rap e rock, um outro movimento musical ganhava força no início dos anos 1990, o Mangue Beat, que surgiu no Recife e

misturava rock com rap e ritmos regionais, como o maracatu. As principais bandas eram Chico Science & Nação Zumbi e o Mundo Livre S/A, que também acabaram sendo importantes influências no som do Charlie Brown Jr.

Eu gostava muito das duas bandas, mas não conseguia parar de escutar o *Samba esquema noise* —primeiro CD do Mundo Livre S/A, que eu considero até hoje uma obra-prima. Mostrei para o Alê as minhas duas músicas preferidas, “A bola do jogo” e “Musa da Ilha Grande”. Ele curtiu muito aquele som diferente que vinha da região Nordeste do Brasil. Tanto que a frase “eu tenho uma alma que é feita de sonhos”, parte da letra de “Bola do jogo”, mais tarde passou a ser recitada por ele em muitos shows do CBJr.

E foi devido a essas várias influências novas que o Alê passou a compor as letras em português. Ele não deixava a inspiração escapar. Qualquer guardanapo, caixa de pizza, embalagem de pão servia para escrever o que viesse à sua cabeça. Eram tantos pedaços de papel escritos espalhados pelo apartamento que eu não sei como ele conseguia organizar tudo. Mas existia método naquela loucura, mesmo que só o Alê entendesse. Eu não aguentava ver aquilo e acabei comprando um caderno onde ele pudesse escrever suas letras, o que se transformou numa das nossas tradições: todo começo de ano eu lhe dava um caderno (e depois também uma agenda) novo e, no fim dos 365 dias, o Alê me devolvia com seus escritos de presente.

O som da banda também foi mudando, do ritmo pesadão para um *groove* mais cativante, daquele que dá uma vontade irresistível de pular. Essa fase de mudanças marcava o nascimento da sonoridade do Charlie Brown Jr. que o mundo conheceria. Uma banda extremamente bem-sucedida e que ainda hoje é uma das maiores inspirações para muita gente.

Mas foi por outra namorada que a próxima grande chance chegou. Nessa época, o Champignon namorava a Andrea, que, por uma dessas felizes coincidências da vida, era cunhada do Tadeu Patolla, um respeitado produtor musical e integrante do Lagoa 66 — banda que fez sucesso na época. O Alê mandou para ele, pelas mãos do Champs, a demo com as novas composições do Charlie Brown Jr., já com as letras em português, cheias de malandragem e balanço. O Tadeu, com seu ouvido apurado, logo percebeu o talento da banda e quis conhecer os meninos. Dali para começar a produzir as músicas num pequeno estúdio na casa dele, em São Paulo, foi um pulo.

Quase um ano de muito trabalho e ensaios sem fim se passou, o que serviu para a banda aprimorar ainda mais o seu som. A participação do Tadeu foi essencial. Ele ensinou aos músicos que, para compor uma música de sucesso, é importante que ela tenha uma certa estrutura. Isso sem falar da importância de um bom refrão e de como tornar a sonoridade mais acessível para o público, sem perder a identidade. O Alê, junto com os outros integrantes, assimilou cada palavra, cada detalhe — acho fantástico como ele, sem nunca ter tido uma educação formal na música, conseguiu criar um estilo que deixou tantos herdeiros.

Ao mesmo tempo que tanta coisa acontecia com a banda, a gente continuava na dureza, faltava grana para tudo. Foi quando eu consegui um trabalho em que ganharia mais, no escritório de uma importadora marítima em São Paulo, por meio de uma amiga, a Dani Rego. A essa altura eu já tinha aprimorado o meu inglês, o que seria essencial para essa nova posição. Eu pegava o fretado às cinco da manhã para ir a São Paulo e chegava de volta, a Santos, às oito da noite, totalmente exausta.

Mas não reclamava, sabia da importância daquele esforço. Era melhor do que ficar desempregada, sem um tostão no bolso. Já o Alê, que ainda não conseguia ganhar dinheiro, estava sempre tentando arrumar um trocado, fazendo os bicos que apareciam. Ele chegou até a gravar jingle de propaganda de achocolatado que passava antes do filme nos cinemas. Mas o que isso rendia não era suficiente para ele se manter. O seu Geraldo, pai dele, mandava um dinheiro dentro das suas possibilidades, mas também estava numa situação financeira complicada.

Eu fazia o máximo para ajudar. A nossa relação era uma parceria, “o que era meu, era nosso”. Muitas vezes eu almoçava só um cachorro-quente de um real, porque, vendo o momento delicado pelo qual o Alê passava, acabava lhe entregando quase todo o meu talão de vale-refeição para que ele pudesse comer. A situação era um misto de ansiedade e frustração, mas a gente sempre acreditou que as coisas iriam rolar para o Charlie Brown Jr. Afinal, a hora mais escura é aquela que precede a luz, como dizem por aí.

Em 1996, a banda do Tadeu Patola, Lagoa 66, estava sendo relançada pelo Rick Bonadio, que já era naquela época um dos caras mais importantes e poderosos da indústria fonográfica. Entre muitas coisas, ele foi o produtor dos Mamonas Assassinas, e anos depois

se tornou um dos responsáveis pelo crescimento da cena hardcore brasileira ante o grande público.

A demo feita com a produção do Tadeu ficou finalmente pronta e foi mostrada para o Rick, que logo reconheceu o potencial daquelas músicas e, sem perder tempo, chamou a banda para uma conversa. E ali despontou outro grande talento do Alexandre, o de negociador. Ele sempre conseguia tudo o que queria na base do papo. Sabia vender o seu peixe, era extremamente persuasivo, esperto, tinha aquele brilho no olhar e uma capacidade imensa de falar a língua do interlocutor —fosse ele uma pessoa simples ou um empresário de uma multinacional. Ele era “o cara”, e isso ficava cada vez mais evidente. Depois dessa conversa com o Rick, o CBJr conseguiu o seu primeiro e tão sonhado contrato com uma gravadora, a Virgin Records.

O acontecimento era muito importante para passar batido. A gente tinha que comemorar! Pedimos uma pizza, daquelas de promoção, e fizemos um jantar à luz de velas no nosso cafofinho, a quitinete em que ele morava. As velas acumulavam duas funções: deixavam o clima romântico e também iluminavam o ambiente —ele estava com a luz cortada por falta de pagamento.

Estávamos muito felizes! Ainda parecia inacreditável que tanta coisa boa estivesse finalmente acontecendo. Comemos aquela pizza como se fosse a melhor refeição do mundo, namoramos muito e caímos no sono exaustos e felizes. O que a gente não sabia é que aquela noite se tornaria ainda mais inesquecível, por outras razões. Estávamos tão absorvidos pela comemoração que esquecemos de apagar as velas. Acordamos de repente, com a pequena televisão pegando fogo e o apartamento tomado por uma fumaça preta. A gente não teve tempo nem para raciocinar. O Alê pulou da cama pelado e, sei lá como, pegou aquela TV em chamas e atirou no corredor no prédio. Foi tudo muito rápido.

Quando a fumaça começou a se dissipar, pudemos ver o estrago. As paredes estavam pretas de fuligem e a gente também, sem contar a tosse. Não sei como não fomos parar no hospital. Logo nos tocamos de que o botijão de gás ficava ao lado de onde a TV pegou fogo, o que poderia ter causado uma grande explosão. Depois de recuperados do susto, nos olhamos e caímos numa gargalhada aliviada e comprida. Pagamos a conta de luz no dia seguinte, com uma grana emprestada pela minha mãe, já que não sobrara mais nada do meu salário àquela altura do mês. O mais louco dessa

história é que o escritório da companhia de eletricidade funcionava onde, anos depois, seria construído o prédio do nosso primeiro apartamento, para o qual nos mudamos depois de casados. A vida tem dessas coisas.

Alexandre com o fotógrafo e amigo Shin Shikuma no apartamento que pegou fogo.

O contrato foi assinado e logo começaria a gravação do primeiro álbum. Era a primeira vez que a banda entraria num estúdio de verdade, com a produção de um cara em quem eles acreditavam muito. A ansiedade era grande.

O Alê já tinha uma admiração pelo Bonadio, sabia do excelente trabalho dele com os Mamonas Assassinas. E ele foi um dos primeiros produtores brasileiros a alcançar o status de estrela. Ele estava para São Paulo como o Liminha estava para o Rio. E não era à toa, pois o Rick havia desenvolvido um conceito, era uma

figura a ser respeitada. E, por outro lado, com sua experiência, ele percebeu que tinha uma banda com personalidade única nas mãos. Como bom produtor, mexeu em algumas coisas: volumes, timbres, guitarras, refrão, e deu suas opiniões sobre composição, melodias e letras.

O primeiro disco, *Transpiração contínua prolongada*, saiu em 1997 e foi muito bem recebido pela mídia. Eu estava trabalhando quando o Alê me ligou avisando que a música deles ia tocar na rádio pela primeira vez. Eu saí anunciando para todo mundo do escritório. Ninguém aguentava mais me ouvir falar da banda “do meu namorado roqueiro”. Coloquei os fones de ouvido, sintonizei na rádio e em alguns instantes escutei “O coro vai comê”.

Aumentei o volume no máximo e esqueci completamente que estava no meu ambiente de trabalho. Quanto orgulho eu senti naquele momento! Parecia um sonho, mas aquilo realmente estava acontecendo. Comecei a pular feito maluca, alheia ao resto do mundo.

“A banda do meu namorado tá tocando na rádioooo!”, eu repetia sem parar.

É claro que a gente sabia que só tocar nas rádios não bastava. A banda precisava ser aceita e requisitada pelo público. E, para a nossa felicidade, isso aconteceu. A primeira música de trabalho foi um sucesso e deu muita visibilidade para aquele grupo dos caras de Santos com o seu jeitão diferente. O interesse cresceu, e logo apareceram os primeiros pedidos para shows do Charlie Brown Jr.

O segundo hit nas rádios foi “Proibida pra mim (Grazon)”, cuja letra fala sobre o começo da nossa história. O dia em que ele me mostrou a gravação foi inesquecível. O Alê fez um grande mistério

enquanto estava compondo, tinha que ser uma surpresa. Na hora que ele me mostrou, a gente estava dando uma volta pela avenida da praia com a minha vespa. Ele guiando e eu na garupa. Ele falou para eu pegar o discman no bolso dele.

"Aumenta o som e aperta o play!", gritou feliz enquanto acelerava entre os carros. Vieram os primeiros riffs de guitarra, seguidos pela voz dele cantando: "Ela achou meu cabelo engraçado/ Proibida pra mim, *no way*/ Disse que não podia ficar/ Mas levou a sério o que eu falei…".

Era a nossa história em forma de música. Era o Alê expressando em forma de melodia o quanto queria me fazer feliz. Vibrei, fiquei lisonjeada, sem palavras para expressar o quanto eu me sentia grata com aquela homenagem. Foi um dos instantes mais felizes da minha vida.

"Você merece muito mais, Grazon. Te amo muito! Você é o amor da minha vida, a minha musa inspiradora."

Na hora, me lembrei de um episódio da minha infância, quando descobri o significado da palavra "musa". Esse era o sobrenome de uma colega de escola, e a nossa professora explicou que "musa" vinha da mitologia grega, das mulheres que eram a fonte de inspiração para as artes e as ciências, e eu pensei: "Uau, que

bacana essa coisa de ser musa de alguém". Sem me dar conta, eu havia me tornado a musa do meu amor e inspirava os versos: "Se não eu, quem vai fazer você feliz?".

O disco foi um sucesso, ultrapassou a marca das 500 mil cópias vendidas. Os meninos estavam extasiados, e eu também. De certa forma, o projeto era um pouco meu. Viver aquele momento especial ao lado do cara que eu amava era um sonho que se transformava em realidade. Finalmente ele começava a ver o seu esforço recompensado. E o melhor de tudo era podermos compartilhar o momento tendo a certeza de que estávamos no caminho certo.

Por outro lado, algumas situações chatas também começaram a acontecer. Uma delas foi quando algumas pessoas do meio artístico aconselharam o Alexandre a não falar da namorada nas letras. Ele era o bonitão da banda, e naquele momento seria muito melhor se estivesse solteiro ou, no mínimo, parecesse que estava sozinho, pois essa imagem poderia ajudar o sucesso comercial da banda. Mas ele ignorou solenemente os conselhos.

Sempre fui muito tranquila, queria que ele fizesse sucesso, realizasse todos os seus sonhos, e fazer a linha da namorada

ciumenta-possessiva-pega-no-pé nunca foi o meu estilo. Jamais me colocaria como um obstáculo no caminho de algo que eu batalhei junto com ele para acontecer. É claro que, no começo, tive um pouco de ciúme. Até outro dia, eu tinha o Alexandre só para mim, e, de uma hora para a outra, tive que me acostumar a dividi-lo com um milhão de compromissos e com garotas gritando histericamente "Chorãããããão!".

Mas, se você está no jogo, é bom aprender as regras. Acima de qualquer coisa, eu tinha um compromisso comigo mesma, não iria me transformar naquele tipo de pessoa que eu achava ridícula. A partida estava só começando.

O primeiro empresário da banda, Samy Elia, aconselhou os meninos a se mudarem para São Paulo. O trabalho, dali em diante, seria intenso: muitos compromissos de divulgação com rádios para visitar, entrevistas para revistas, jornais, canais de TV, coisas que até então nós não fazíamos ideia de que eram tão necessárias no show business. Estávamos mais unidos do que nunca, e toda essa loucura só fazia sentido se estivéssemos juntos de verdade. Foi quando ele me disse:

"Grazon, o rolê vai começar e eu quero que você venha comigo! Bora?"

eguei as minhas melhores roupas, enfiei numa mochila e avisei a minha mãe:

“Tô indo morar com o Alê em São Paulo...”

Ela não reagiu com espanto. Eu já havia conquistado uma certa independência, e tanto ela quanto meu pai tinham sacado que essa seria a evolução natural de uma relação como a que eu mantinha com o Alê. Para falar a verdade, eu tinha pouca coisa para deixar para trás, já trabalhava em São Paulo, e tudo parecia estar em perfeita sincronia.

Os primeiros três dias em Sampa foram repletos de novidades, e a sensação era a de que estávamos em outro país. Uma excitação gigantesca tomou conta de nós naquela tarde fria de julho de 1997 em que chegamos à cidade. Havia muita coisa para ver, e a palavra tédio não fazia parte daquele momento. Ficamos hospedados num hotel próximo ao centro, na boêmia rua Augusta. Adorávamos estar ali, perto de tudo, descer para dar um rolê à noite e desbravar as redondezas.

O sentimento era de que aquele era o primeiro ano do resto das nossas vidas, o início de algo maior e incrível. Estávamos finalmente nos sentindo como gente grande. Lembro-me do momento em que, já instalados no nosso quarto, o Alê e eu nos olhamos e começamos a pular e gritar de alegria. Era a nossa primeira noite juntos naquela cidade, num quarto de hotel. A gente precisava dar vazão à sensação de vitória que estava presa no nosso peito havia muito tempo.

O hotel foi um quebra-galho. Logo na sequência, nos mudamos para um flat no bairro de Pinheiros, na rua Oscar Freire, entre a rua Teodoro Sampaio e a avenida Rebouças. Era um apartamento confortável, sem luxo, mas infinitamente melhor que o último cafofo

incendiado em Santos. Estávamos muito felizes e aos poucos conquistávamos a nova cidade.

As coisas começavam a acontecer; porém, entre os primeiros compromissos de divulgação, a gente levou um susto. Num rolê de skate, o Alê acabou caindo e quebrou o tornozelo. Foi mais sério do que imaginávamos, e era tudo o que ele não precisava que rolasse naquele momento. A fratura foi grave e necessitou de cirurgia, com direito a pinos, placa e um bom tempo de molho — pelo menos em teoria.

Ter um plano de saúde ainda não fazia parte da nossa vida, mas, como o Alê sempre dizia, santo forte ele tinha, e dessa vez pôde contar com a ajuda vinda do pai da Jenice, então namorada do Thiago Castanho, um dos guitarristas da banda. O dr. Paulo Reginato conseguiu que um colega de profissão operasse o Alê na Santa Casa de Cerquilho, uma cidade no interior do estado.

O procedimento foi um sucesso, e ele foi muito bem tratado por todos que o atenderam. Mais tarde, em agradecimento, ele voltou à cidade com a banda e fez um show beneficente em prol do hospital.

Mesmo com a ordem de permanecer em repouso absoluto, manter a perna operada para cima e não largar das muletas, o Alexandre cumpriu todos os compromissos com a banda. A apresentação no show de aniversário de 21 anos da rádio Jovem Pan foi antológica. Ficou marcada pela performance cheia de gás de um Chorão pulando numa perna só, sacudindo as muletas no ar e agitando a plateia, como se aquilo fosse a coisa mais normal do mundo, usando bem pouco a cadeira colocada para ele no palco. A disposição que o Alê demonstrava não me surpreendia nem um pouco. Eu sabia o quanto ele tinha lutado para viver aquele momento, vencer e se estabelecer como músico. Ele não ia deixar que alguns ossos quebrados o detivessem, de jeito nenhum.

Alê, Ollie e eu: clima de família no apartamento e o nascimento de um apelido.

Continuei trabalhando na importadora por mais um tempo. Todos os dias eu andava uns três quilômetros, do nosso flat na Oscar Freire até a avenida Nove de Julho, e pegava o ônibus até o bairro de Santo Amaro, onde ficava a empresa. O problema maior era a volta, quando o caminho parecia uma rampa sem fim. Era bem cansativo para uma santista acostumada a andar em ruas planas, sobretudo no fim do dia, quando tudo o que você quer é chegar logo em casa — quem faz isso sabe do que estou falando. Eu pensava em deixar aquele emprego e procurar outro mais próximo de onde morávamos. Refletindo bem depois, achei que seria precipitado, já que ainda não tínhamos estabilidade econômica. Mas o Alê via como eu chegava cansada todos os dias.

“Larga esse trampo, Grazi. Vem me ajudar. Vai dar tudo certo. Confia!” Vontade não me faltava, mas eu ainda ficava com o pé atrás. Sempre trabalhei e fiz a minha própria grana e não queria abrir mão da minha autonomia financeira.

Só que a gente não tem controle de nada nesta vida: a empresa em que eu trabalhava passou por uma reestruturação e eu acabei sendo demitida. A essa altura, o Charlie Brown Jr. estava começando a ter um volume maior de shows, e, para quem sempre viveu no aperto como nós, a grana que começava a entrar era mais que suficiente.

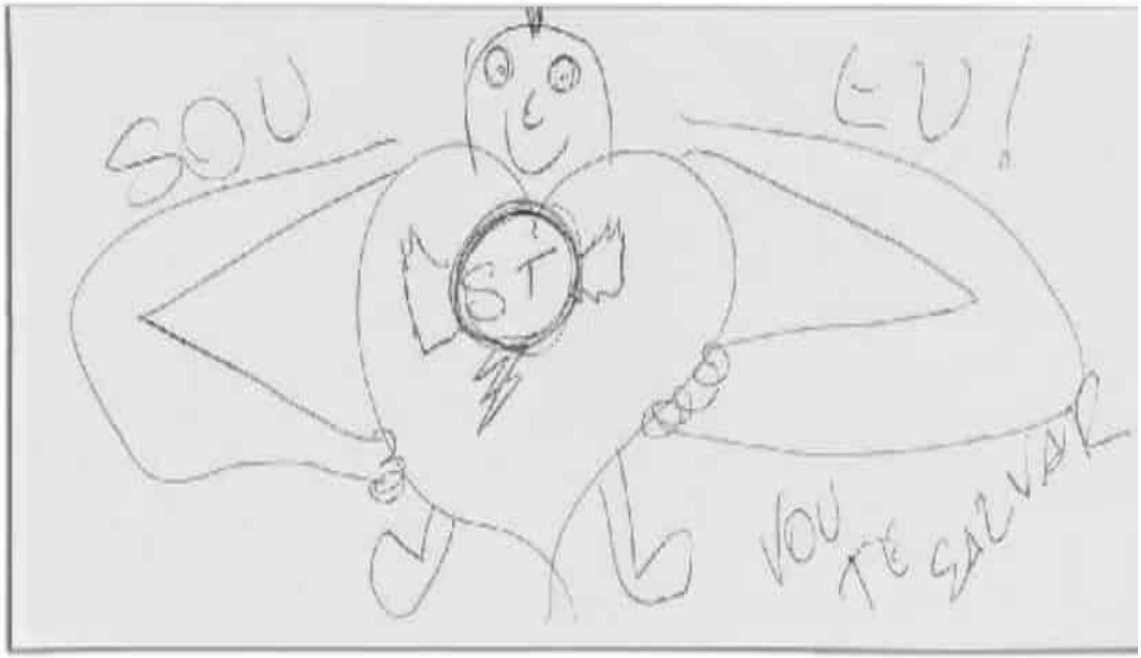
Com o tempo livre que passei a ter, foi uma consequência natural me envolver mais ainda com tudo o que se referia à banda. E eu tinha muito prazer em participar de tudo o que era possível. Desde montar uma agenda telefônica com os contatos mais importantes para o Alexandre — organização nunca foi o forte dele — até acompanhá-los em alguns compromissos de rádio e TV. Sem contar o privilégio de ser a primeira pessoa para quem ele mostrava suas letras e pedia opiniões.

O primeiro disco foi muito bem recebido pelo público. Além de “O coro vai comê” e “Proibida pra mim”, outras faixas, como “Quinta-feira” e “Tudo que ela gosta de escutar”, também caíram nas graças dos fãs. O som do CBJr tinha conseguido conquistar muita gente. O número de fanáticos pela banda só crescia, e logo surgiram os primeiros fã-clubes, que marcavam presença por onde a banda ia.

Eu já conseguia perceber uma mudança significativa na maneira como ele encarava essa nova realidade. Se, no primeiro disco, tudo tinha sido uma grande aposta, agora ele sentia uma responsabilidade muito maior em manter o que havia conquistado até ali. Passou a escrever muito mais, buscar inspiração nas bandas que curtia e descobrir novas referências, com o cuidado de não perder de vista a identidade musical do CBJ r.

Eu adorava estar ao lado dele, aproveitávamos cada momento juntos, grudados um no outro. Uma das coisas mais bacanas de morar em São Paulo, para o Alexandre, era se reaproximar da galera do skate e a possibilidade de ir a várias pistas. Sempre que sobrava um tempo, esse era o nosso programa. Foi num desses rolês na pista de São Caetano que o Ollie apareceu na nossa vida. O Alê viu um menino andando de skate com um filhote de gato nas mãos e perguntou se o bichano era dele. O menino disse que não e o Alê, pressentindo que o filhote seria abandonado, perguntou se poderia

ficar com ele. De repente, eu o vejo vindo na minha direção com aquela coisa fofa nas mãos. Levamos o gato conosco numa caixinha de papelão e lhe demos o nome de uma manobra básica de skate, ollie; ele viveu feliz conosco por dezesseis anos.



Bilhete com desenho do Supertiri: o Alê tinha o hábito de deixar cartinhas para mim.

A chegada desse gatinho trouxe um clima de família para o nosso apartamento. Falávamos com ele feito um bebê e, a partir daí, começamos a criar um vocabulário só nosso. A gente chamava o filhote de “Tchéri”, “Tcherero”, “Tchererinho”. E com o tempo nós mesmos começamos a nos chamar de “Tiri”, um desses apelidos bobos que os casais inventam e que quase ninguém entende — éramos bons nisso. Deve ser difícil para quem está de fora imaginar um cara daqueles, grandão, cheio de atitude, falando comigo como nenê, mas a nossa vida tinha dessas coisas, uma língua criada por nós, apelidos e os nossos pequenos rituais. Todo um universo que a gente ia criando com a convivência.

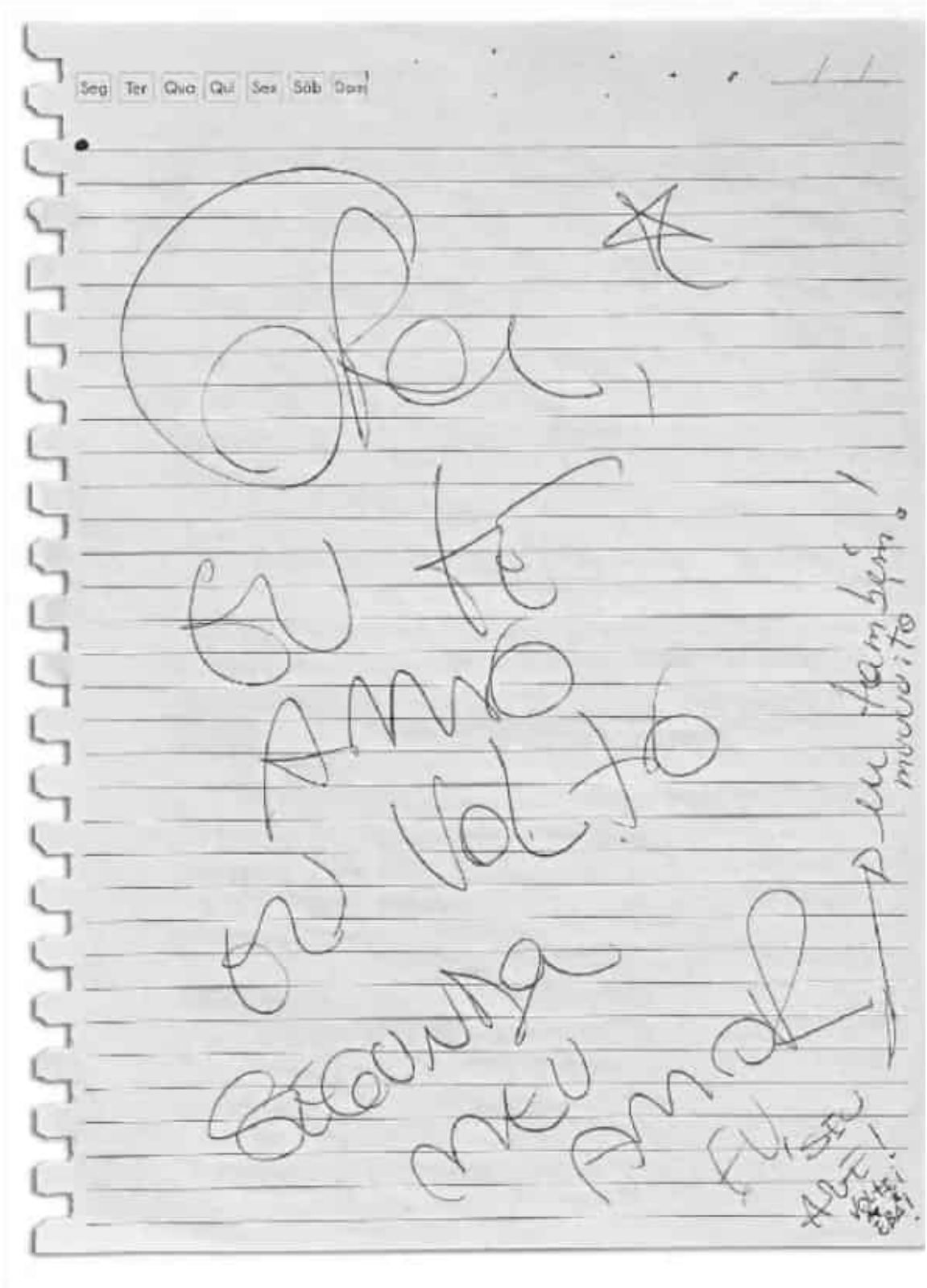
Com o dinheiro entrando, começamos a aproveitar tudo o que a cidade oferecia. Íamos aos restaurantes mais legais, e ele gostava de me mimar. Dizia que eu nunca mais passaria dificuldade na vida, tinha orgulho de me proporcionar coisas que me deixavam feliz. Não falo apenas das coisas materiais, mas de momentos só nossos, quando saíamos para explorar lugares novos, ou simplesmente ficávamos em casa, curtindo um som juntos de olhos fechados e

mãos entrelaçadas. O Alexandre era muito romântico e tinha uma facilidade imensa em demonstrar suas emoções. Era comum encontrar de manhã uma mensagem carinhosa no espelho do banheiro ou uma cartinha deixada de surpresa pela casa. Eu não tinha a mesma facilidade, uma coisa do meu temperamento talvez, mas aos poucos fui aprendendo a retribuir aquelas pequenas atenções que tinham tanto valor.

É claro que às vezes rolava algum atrito, afinal éramos um casal normal e a convivência diária amplifica qualquer detalhe. Eu pegava no pé dele para ser mais organizado e pontual, e ele se tornava um pouco mais ciumento, o que era um absurdo para mim.

Apesar de o Alê ser o homem da minha vida e com qualidades únicas, era um ser humano como outro qualquer, e também tinha seus defeitos. Vez por outra, se deixava dominar pela insegurança e pelo ciúme. Quando isso acontecia, não era nada legal. Até o fim da nossa vida juntos esse sempre foi o motivo principal dos nossos desentendimentos. Não era fácil de administrar. Eu pensava que se alguém tinha direito de sentir ciúme naquela relação, esse alguém era eu, poxa vida! Afinal de contas, a mulherada caía matando em cima dele sem tomar conhecimento da minha existência. O curioso é que mesmo durante os shows, no palco, enquanto cantava, ele ficava ligado em tudo o que eu fazia. De vez em quando rolava até ter ciúme de *roadies* da banda, que, querendo ser gentis, punham um *case* (aquelas caixas de transporte de equipamentos) para eu sentar na lateral do palco durante os shows.

“Por que você tá nesse canto? Por que o cara te ajudou?”



“Gra, eu te amo. Eu volto segunda, meu amor”: outro dos bilhetes que ele espalhava pela casa.

E eu tentava amenizar com um toque de bom humor:

“Para com isso, Alê. O cara quer puxar o saco do patrão, dar um lugar pra mulher dele sentar. Será que você não percebe isso? Deixa de ser bobo, vai!”

Já que estamos falando de defeitos, eu também tenho os meus. Sou teimosa, cabeça-dura e não tenho papas na língua: dizia a ele o que a maioria das pessoas não tinha coragem de falar. A junção das nossas personalidades fortes num dia não muito bom podia ser estressante, e às vezes acabávamos batendo de frente. Mas, olhando em retrospecto, tenho certeza de que o equilíbrio da nossa relação teve muito a ver com a minha sinceridade. Ele sabia que, ao contrário das pessoas que diziam o que ele queria ouvir só para agradar, a minha opinião seria sempre verdadeira.

No início, eu não podia ir a todos os shows. O cachê ainda era pequeno e o orçamento das viagens não comportava pessoas extras. A banda estava começando, era raro alguma outra namorada acompanhar os meninos.

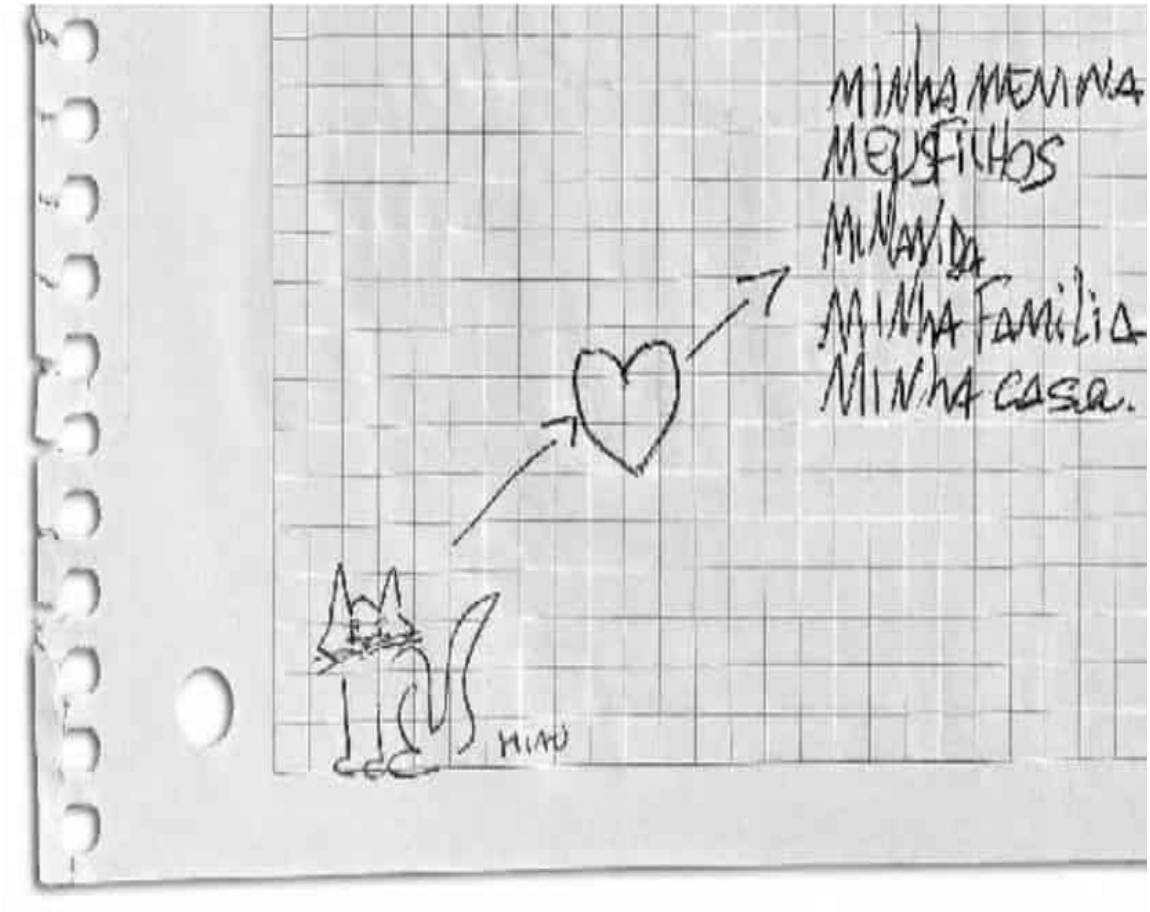
É claro que eu não gostava de ficar em casa, mas tinha de aceitar que era a realidade do momento. Quando dava para ir a alguma apresentação, sempre me emocionava quando ele me dedicava “Proibida pra mim”. Antes de a música começar, nos primeiros acordes o Alê falava de mim com amor e carinho, reconhecendo minha dedicação e reforçando o nosso sonho de vencer juntos. Essas atitudes me deixavam orgulhosa e cada vez mais apaixonada.

Nesse período, o Charlie Brown Jr. abriu alguns shows dos Raimundos, e acabamos ficando todos muito próximos. Nos encontramos pela primeira vez numa festa em que as duas bandas se apresentaram juntas, em São Paulo. Era a época em que “Mulher de fases” tocava sem parar nas rádios e os Raimundos estavam no auge. O Alexandre e o Rodolfo se deram bem logo na primeira conversa, e assim nasceu uma amizade sincera e duradoura. Fomos a algumas festas bem divertidas na casa dele. Sempre tinha um povo diferente, seus amigos de Brasília e pessoas da equipe técnica. Todo mundo era muito legal e recebia a gente de braços abertos.

Mas a nossa vida não era feita só de festas e comemorações. Ser mulher de músico, ou de qualquer artista, é uma experiência à parte de qualquer outro modelo de relacionamento que possa existir. A primeira vez que ele saiu em turnê e eu não pude acompanhar, aproveitei para ir a Santos visitar a minha família. Foi uma sensação estranha: eu não me encaixava mais na casa dos meus pais, mas ainda não estava completamente adaptada à minha nova vida na

capital. Perceber isso me fez começar a refletir sobre o meu lugar no mundo. Esse pensamento veio acompanhado de insegurança, um certo medo e frio na barriga. Nos últimos anos, havia me permitido concentrar toda a minha atenção, foco e energia no CBJr. O que, às vezes, fazia com que eu me esquecesse de mim e me sentisse como mais uma integrante da banda. Só que eu estava deixando passar um detalhe muito importante: eu não era.

Vários aspectos daquela vida me fascinavam: a aventura, a ausência de rotina, as novas paisagens, o contato com pessoas diferentes, toda aquela troca e o prazer de ver a criação acontecendo tão perto de mim. Eu amava esse universo, mas estava começando a me dar conta de que neste mundo cada um tem o seu caminho a trilhar, que não podemos andar por uma estrada que é do outro. A trajetória de realização é pessoal. Eu precisaria encontrar a minha.



“Minha menina, meus filhos, minha vida, minha família, minha casa”: parte de um bilhete amoroso dele.

Em novembro de 1997, o calor que já fazia anunciava que o verão ia começar com tudo. Para mim, o único lugar onde é legal passar calor é numa praia e, de preferência, dentro do mar. Fora isso, não

costumo me dar muito bem com altas temperaturas: fico molenga, sem um pingo de energia e minha pressão cai. Então, quando comecei a acordar enjoada e com tontura, não dei muita bola. Parecia só uma rejeição natural do meu corpo ao calor paulistano. Quando minha menstruação atrasou, fiquei preocupada. Comecei a desconfiar que o causador de todo o meu mal-estar não era só o calor. Conversei com o Alê e contei que estava atrasada, sentindo enjoo e que a única coisa que eu conseguia comer era mandioquinha cozida. A cara dele, quando falei, não foi das mais animadoras. Resolvemos esperar para ver se a menstruação descia. Nesse meio-tempo, minha mãe veio me visitar e ficou hospedada na nossa casa. Ela notou que eu estava diferente e me alimentando de forma estranha. Mãe é fogo, percebe tudo. Mas achei melhor ficar na minha e não lhe contar o que estava acontecendo. Era um momento extremamente particular, e eu ainda achava que a minha menstruação ia descer a qualquer minuto.

A espera completava quase um mês e meio e, então, tomei coragem. O certo era fazer um exame de sangue e saber o que estava acontecendo. Então, acordei cedo e, sem falar nada para o Alexandre, peguei um táxi e fui a um laboratório que ficava na rua Oscar Freire mesmo, perto da Nove de Julho. No dia seguinte veio a confirmação: positivo. Eu estava grávida. Naquela hora, muita coisa se misturou na minha cabeça.

Senti alegria e medo. Ao mesmo tempo que pensava que nada é maior e mais sagrado na vida, eu sabia que aquela responsabilidade seria imensa. Assim que cheguei em casa, contei para o Alê. Ele me abraçou e não falou nada. Nos soltamos, ele me olhou e veio a resposta:

“Tiri, eu te amo e quero construir um mundo do seu lado. Mas eu não acho que agora seja a hora de a gente ter um filho. Tô começando a minha carreira e ainda tem muita coisa pra acontecer. Mas se você quiser ter, sei lá, tudo bem…” Essa não era a resposta que eu estava esperando. Foi como tomar um choque. Tudo o que eu queria naquela hora era ouvi-lo dizendo “eu também tenho medo, mas vamos ter esse filho”. Absorvi aquelas palavras e disse que eu precisava de um tempo para pensar em tudo. Realmente, estávamos num momento em que a banda começava a decolar. A possibilidade de realizar os sonhos, ajudar a família, crescer cada vez mais era muito sedutora. Para falar a verdade, eu também não sentia que era a hora certa, até então não tinha passado pela minha cabeça

começar uma família tão cedo, e morria de medo de imaginar as mudanças que um acontecimento como aquele poderia trazer. Mas eu tinha um filho dentro de mim.

Passei mal todos os dias durante o tempo de gravidez. Ficava enjoada o tempo todo, os meus seios estavam enormes e o meu organismo tentava se adaptar a todas aquelas mudanças. E, depois daquela conversa, a minha cabeça também não estava legal.

Era sábado e à noite haveria um show dos Raimundos com abertura do Charlie Brown Jr., em São Paulo mesmo. Eu não tinha a menor condição de sair de casa de tanto mal-estar. Não via a hora de me deitar. O Alexandre se despediu de mim e pedi a ele que voltasse cedo, logo que o show acabasse, porque eu não estava me sentindo bem e não queria ficar muito tempo sozinha. Ele mal fechou a porta e eu desabei na cama num sono profundo. Acordei às três da manhã, com tanta cólica que mal conseguia ficar em pé. Fiquei apavorada, queria o Alexandre ao meu lado. Liguei para o Joe, segurança da banda na época, para saber dele. O telefone foi passado para o Alê e, enquanto ele falava comigo, eu ouvia o barulho de festa ao fundo:

“Oi, Grazon!”

“Alê, tô me sentindo mal, tô com dor e com muito medo. Por que você ainda não tá em casa?”

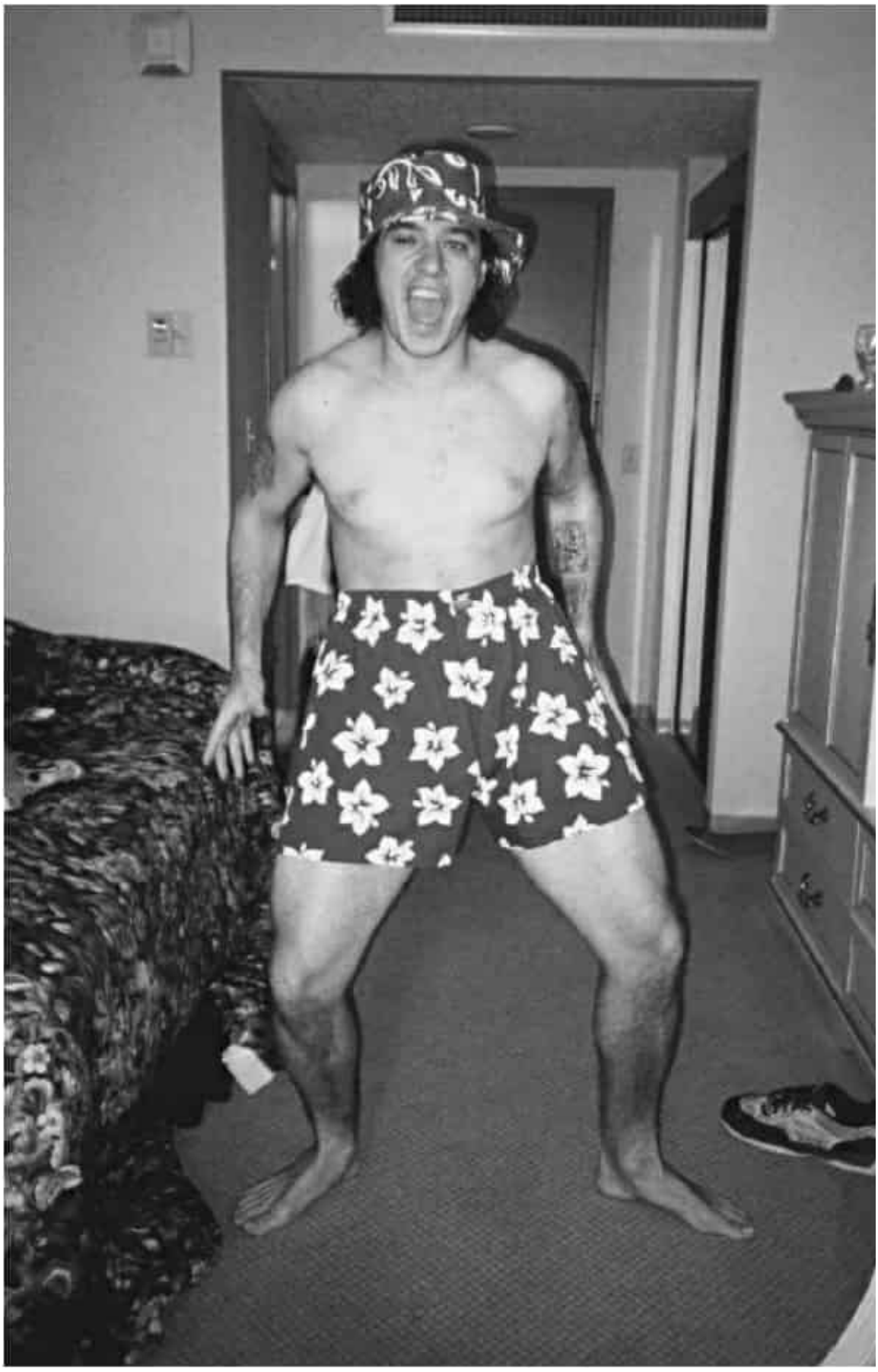
“Pô, relaxa, amor, isso não é nada. Daqui a pouco eu tô aí e vai ficar tudo bem.”

Depois de uma hora a situação não tinha mudado, pelo contrário. A minha cólica só piorava, e nada de ele chegar. Quando percebi que havia sangramento, chamei um táxi e fui para o hospital sozinha. Fui atendida, fiz exames e a médica me deu a notícia: eu havia sofrido um aborto espontâneo. Foi horrível, ainda não tinha conhecido um sentimento de tristeza como aquele.

Assim que me liberaram, voltei para o apartamento e encontrei com o Alexandre, que a essa altura já tinha se arrependido de não ter vindo para casa quando eu pedi e estava louco de preocupação comigo. Quando me olhou e percebeu o meu estado, a ficha caiu. Nos abraçamos e choramos juntos por muito tempo. Ele não sabia o que fazer para que eu o perdoasse por não estar ao meu lado num dos momentos mais difíceis da minha vida. Ele se sentia culpado, praguejava, dava socos na própria cabeça e me abraçava com força.

Ao mesmo tempo, confusa e fragilizada por tudo o que estava acontecendo, eu também me culpava por não ter conseguido levar

aquela gravidez adiante, pelos pensamentos negativos que tive. Me sentia fracassada e egoísta. Quando conseguimos dormir, estávamos afogados em lágrimas, cansaço e tristeza. Depois disso, o assunto “filhos” deixou de fazer parte dos nossos planos durante muitos anos. Conforme fomos amadurecendo como pessoas e como casal, conseguimos começar a conversar sobre isso com mais distanciamento. Apesar das cicatrizes que ficaram em nós dois, hoje consigo olhar para esse episódio da nossa vida com mais generosidade e amor. Éramos dois jovens cheios de planos, mais imaturos do que gostaríamos de admitir. Não existem culpados. Assim como não é possível passar por essa vida sem cometer erros.



Alê fazendo graça em um quarto de hotel em Los Angeles, quando a banda foi gravar matéria para o Domingão do Faustão.

epois daquele nosso momento de crise no fim de 1997, a vida continuou e várias coisas foram entrando no lugar. Parecia que o ano novo chegava com outra energia, trazendo uma vibração mais positiva. E foi justamente em 1998 que passamos a ter uma casa de verdade.

Saímos do flat da rua Oscar Freire e alugamos um apartamento maior, com sala, cozinha, área de serviço, banheiros e três quartos em Pinheiros, na rua Alves Guimarães, bem perto de onde morávamos antes. Não era um prédio de luxo, mas achávamos o lugar muito legal. Fiz questão de deixar tudo com a nossa cara, escolhi os móveis, tapetes e cuidei de cada detalhe do nosso novo lar. Consegui que a loja entregasse todos os móveis num sábado em que o Alê estava trabalhando, foi uma correria deliciosa para deixar tudo no lugar até ele chegar na segunda-feira. Não era só ele que gostava de fazer surpresas: acordei bem cedo, arrumei os últimos detalhes e fiquei a postos na sala, morrendo de ansiedade e esperando a porta abrir. Não poderia ter sido melhor. Assim que entrou, ele deixou a mala cair no chão, arregalou os olhos e abriu aquele sorriso enquanto eu corria para abraçá-lo. A gente pulava e se abraçava, daquele nosso jeito de sempre, ao mesmo tempo que ele falava: “Obrigada por me dar um lar, Grazon. Te amo muito!”

“Eu te amo mais ainda, Tiri! Obrigada por ser o meu amor!”

O primeiro carro também foi comprado nessa mesma época. Era um Volkswagen Polo branco, zero quilômetro, todo equipado. Era o melhor que a gente podia pagar. Demos uma boa entrada e parcelamos o resto. Assim que a documentação ficou pronta, corremos para a concessionária para retirar nosso possante. Ligamos o rádio assim que nos acomodamos e saímos felizes, no primeiro rolê oficial, em direção à nossa casa em Pinheiros. E não é

que no meio do caminho começa a tocar “O coro vai comê?”. Esse foi o batismo mais bacana que a gente poderia pedir para o Universo. Mas é claro que não ficou só nisso. Como tudo na nossa vida, tinha que haver um toque tragicômico, e esse aconteceu bem no meio da avenida Sumaré, quando o carro começou a falhar.

O Alê tentava acelerar, pisava na embreagem, trocava a marcha, desligava o ar-condicionado e nada adiantava. Quando percebemos, estávamos completamente parados no meio dos carros, que buzinavam ao passar. A essa altura, já estávamos nervosos, praguejando e pensando que tinham nos vendido um carro com defeito. Conseguimos empurrar e encostar no meio-fio, colocamos o triângulo de sinalização e um motorista parou logo atrás e perguntou se podia nos ajudar.

Explicamos o que havia acontecido, ele deu uma olhada geral no carro e daí, com um sorrisinho sarcástico, perguntou: “Vocês puseram gasolina?”. Olhamos um para a cara do outro com aquela expressão de surpresa. A gargalhada foi geral. Com uma mistura de constrangimento e alívio, buscamos gasolina num posto perto dali e fomos para casa rindo feito dois idiotas. Tínhamos muito o que aprender sobre essa vida de gente grande. Por mais feliz que eu estivesse, a ideia de dirigir um carro me apavorava. Minha alma era de motoqueira. Na minha cabeça de cria do litoral, era muito mais fácil andar por São Paulo sobre duas rodas. Então, quando o Alê não estava, o carro continuava na garagem e eu me locomovia pela cidade de metrô e ônibus numa boa. Mesmo assim, eu ainda passava muito tempo no apartamento, quase não ia para Santos e, muitas vezes, acabava ficando sozinha nos fins de semana, enquanto o Alexandre ia fazer os shows com a banda. Meu divertimento era ir à feira de antiguidades da praça Benedito Calixto, um dos meus programas prediletos, e explorar uma São Paulo além dos limites de Pinheiros. E o carro lá, ainda na garagem. Vendo que eu continuava usuária assídua do transporte público paulistano, o Alê resolveu que estava na hora de uma mudança, apesar de ter horror à ideia de me imaginar de moto no trânsito maluco de São Paulo. Certo dia, estávamos tomando café da manhã e ele pediu que eu me arrumasse, pois íamos sair. “Quero te levar num lugar que eu acho que você vai gostar.” Fiquei empolgada e corri para me vestir. Saímos e, depois de uns vinte minutos de suspense, estacionamos em frente a uma concessionária de motocicletas. Olhei para o Alê com aquela cara de criança no Natal enquanto ele me dizia:

“Seguinte, Tiri. Escolhe a que você quiser, pode ser a mais legal de todas, mas com uma condição: que seja de poucas cilindradas. Não vou te dar uma moto potente para você correr e se arrebentar por aí”.

“Não acredito! Você tá falando sério mesmo?” Saí pela loja, olhando uma a uma, e logo escolhi uma vermelhinha que achei a minha cara. A moto veio junto com muitas recomendações para que eu andasse devagar, tomasse cuidado com o trânsito paulistano e me benzesse sempre antes de sair com ela. Com a vida doméstica mais organizada e um meio de transporte próprio, me senti mais segura para ir atrás do que eu queria realmente fazer. Foi quando comecei a me envolver com moda de verdade. Os meus interesses iam além de roupas e tendências. Queria aprender sobre os processos de criação, saber como a moda está ligada à história e à nossa forma de viver. A importância cultural de todo esse universo me fascinava. Tudo corria muito bem, eu continuava a ajudar o Alê com as coisas do CBJr que ele precisasse, mas também sentia a necessidade de me dedicar a algo meu. Foi quando descobri que a Faap, uma faculdade em São Paulo, tinha na época uma unidade de cursos livres de moda. Pesquisei e descobri que existiam cursos de média duração, com aulas diárias e professores incríveis. Tudo que eu queria! Acabei cursando estilismo e modelagem.

A minha rotina ganhou outras cores. Acordava feliz da vida, tomava meu café, passava a manhã no curso e, quando chegava em casa, tirava o Alê da cama para almoçarmos. À tarde, continuava ajudando no que ele precisasse com as coisas da banda: atendia aos telefonemas, anotava os recados, conferia os e-mails e sempre montava a agenda de cada dia.

Nesse apartamento, primeiro lugar que chamamos de lar propriamente dito, o nosso cotidiano ganhou mais ordem e pequenos porém importantes rituais nasceram. Um deles, muito especial, que durou até o fim da nossa vida juntos, acontecia na hora que eu tinha de acordá-lo, quando eu voltava do meu curso. Entrava no quarto, me debruçava sobre ele na cama e cantava os versos do Cazuza que a gente tanto amava: “Amor da minha vida, daqui até a eternidade…”. Era assim, nessa vibe cheia de amor, que eu tirava o Alê da cama todos os dias.

Alê descansando no nosso apartamento na rua Alves Guimarães: aprendendo sobre a vida de gente grande.

À noite, sempre que podíamos, encontrávamos um casal de amigos meus, que se tornaram amigos dele também, o André e a Karen, e com eles fazíamos leituras de uma passagem ou outra do *Evangelho segundo o espiritismo*, do Allan Kardec. O Alê começou a sentir a necessidade de mudar alguns padrões de comportamento para alcançar o que desejava. Ele começou a se interessar cada vez mais pela lei de causa e efeito e passou a acreditar em reencarnação. Em meio a tudo isso, a mudança nas suas letras ficava evidente. Eu percebia que a temática evoluía e se refinava, sem perder a característica do CBJr. O nosso relacionamento e as suas vivências de rua continuavam refletidos nas composições, e ele estava cada vez mais receptivo ao lado espiritual das coisas. Os elementos que sempre fizeram parte do repertório da banda e da

vivência do próprio Alê continuavam ali: as dificuldades da vida, a malandragem, o skate, a noite, a azaração. Mas tudo visto sob uma nova perspectiva, com mais sensibilidade, evidenciando a transformação em curso. Estávamos passando por todas essas mudanças juntos. Estávamos crescendo como indivíduos, e, dentro do nosso relacionamento, tudo isso só enriquecia a nossa troca.

Sempre fui apaixonada pelo pôr do sol, e encontrava nesse momento do dia a vibração ideal para entrar em comunhão com o Universo. A janela da nossa área de serviço na Alves Guimarães proporcionava a vista perfeita para as minhas meditações, dava para ver de camarote o sol se despedindo todos os dias. E foi ali, num desses finais de tarde, que o Alê me flagrou sentada em cima da máquina de lavar, meditando de olhos fechados. Quando ele me perguntou o que eu estava fazendo, expliquei que estava tentando silenciar a minha mente, deixando o espírito voar livre, agradecendo pela vida e projetando meus desejos no Universo. “Sempre que desejar algo, pode pedir ao pôr do sol. Pra mim, ele é o melhor mensageiro de Deus.” Essa frase tocou o Alê de uma forma muito profunda e ele também passou a praticar aquele ritual sempre que conseguia, em casa, no avião, na estrada. Ele se identificou tanto com aquilo que até nos shows passou a falar sobre isso. Hoje, depois de tantos anos, percebo a força que havia no poder de comunicação do Alexandre com o seu público quando recebo mensagens carinhosas de fãs que me aconselham: “Grazon, quando você quiser alguma coisa, pede para o pôr do sol”. E fico feliz em perceber que, realmente, recebemos de volta o que damos, está tudo ligado. Tenho muito carinho por essa lembrança, e até hoje o pôr do sol é um momento de conexão com Deus que mais me liga a tudo que vivemos juntos. Logo voltei a acompanhar a banda em algumas viagens, mas aquilo estava se tornando cansativo para mim. Muita gente acha que a vida na estrada é só curtição e mordomia, mas há um lado pesado de trabalho, rotina, noites maldormidas e muito cansaço. Várias vezes acabei dormindo nos camarins em vez de me divertir. Decidimos então que eu só iria a alguns shows, nos grandes festivais ou numa viagem especial que oferecesse uma estrutura melhor.

Não demorou muito para recebermos um convite para que o Charlie Brown Jr. fosse a Los Angeles gravar uma matéria sobre a banda para o *Domingão do Faustão* e andar de skate. Aquela seria a nossa primeira viagem para fora do Brasil e nos proporcionaria

momentos incríveis. A equipe que nos acompanhou era muito legal e o repórter era o Otaviano Costa, um querido que deixava tudo ainda mais leve e descontraído. Parte da matéria foi gravada no Observatório Griffith, lugar icônico de Los Angeles com uma das melhores vistas do famoso letreiro de Hollywood. Piramos ali. O local serviu de cenário para dezenas de filmes, e eu falava para o Alê: “Sabe quem encostou nessa mureta? O James Dean! Aqui foi gravada aquela cena de *Juventude transviada* !”.

Passamos também por Venice, cidade ao lado de LA, e ficamos de cara com todo o clima. A gente estava ali, no lugar onde o skate, como conhecemos, foi inventado. Aquele era o lugar do Zephyr Skateboard Team, um grupo de skatistas pioneiros dos anos 1970 do qual faziam parte alguns dos maiores ídolos do Alê, como Tony Alva e Stacy Peralta. Ali também foi gravado, anos depois, o filme *Os reis de Dogtown*, que contava toda essa história. Andar de skate naquelas ruas tinha um significado especial para o Alexandre, como se ele fizesse parte daquilo tudo. E foi por ali também que um dia Jim Morrison caminhou ao lado da sua banda, The Doors, e da sua parceira cósmica, Pamela Courson, o que, por sua vez, era especial para mim.

Ainda em Venice, tiramos fotos em frente a uma casa que foi cenário do filme *A assassina*, estrelado por Bridget Fonda, que a gente adorava. Também visitamos outros lugares emblemáticos: o Teatro Chinês, a Calçada da Fama, enfim, tudo o que era essencial para nós, turistas de primeira viagem. E o Alê, sempre com o seu skate a tiracolo, aproveitou para experimentar as calçadas de todos esses lugares. Também aproveitamos para dar uma escapada até um Skate Park patrocinado pela marca de tênis Vans, onde, obviamente, ele andou até cansar. Essa foi uma das viagens mais inesquecíveis que fizemos juntos.

De volta ao Brasil e à nossa realidade, a rotina de trabalho e de shows se intensificava. Ele amava o que fazia e agora, finalmente, tinha o reconhecimento da sua família e amigos por ter vencido fazendo aquilo em que acreditava. Estava feliz e realizado. O tempo para relaxar e ficar junto estava mais apertado, porém não menos intenso. Aproveitávamos ao máximo os momentos que sobravam no meio da semana para fazer nossas coisas, podia ser um bate e volta até Maresias, praia do litoral paulista, deitar na grama fresquinha do Ibirapuera ou um jantar num restaurante gostoso. Os programas nem sempre eram fora de casa, também adorávamos nos desligar de

tudo fazendo coisas simples, vendo um filme, conversando e nos amando. Num momento nosso, só nós dois e os nossos gatos, Ollie e Dee Dee —sim, já eram dois bichanos. Então chegava a sexta-feira e, com ela, o momento de se despedir mais uma vez. Sempre que o Alê saía para pegar a estrada com a banda, eu o acompanhava até o elevador.

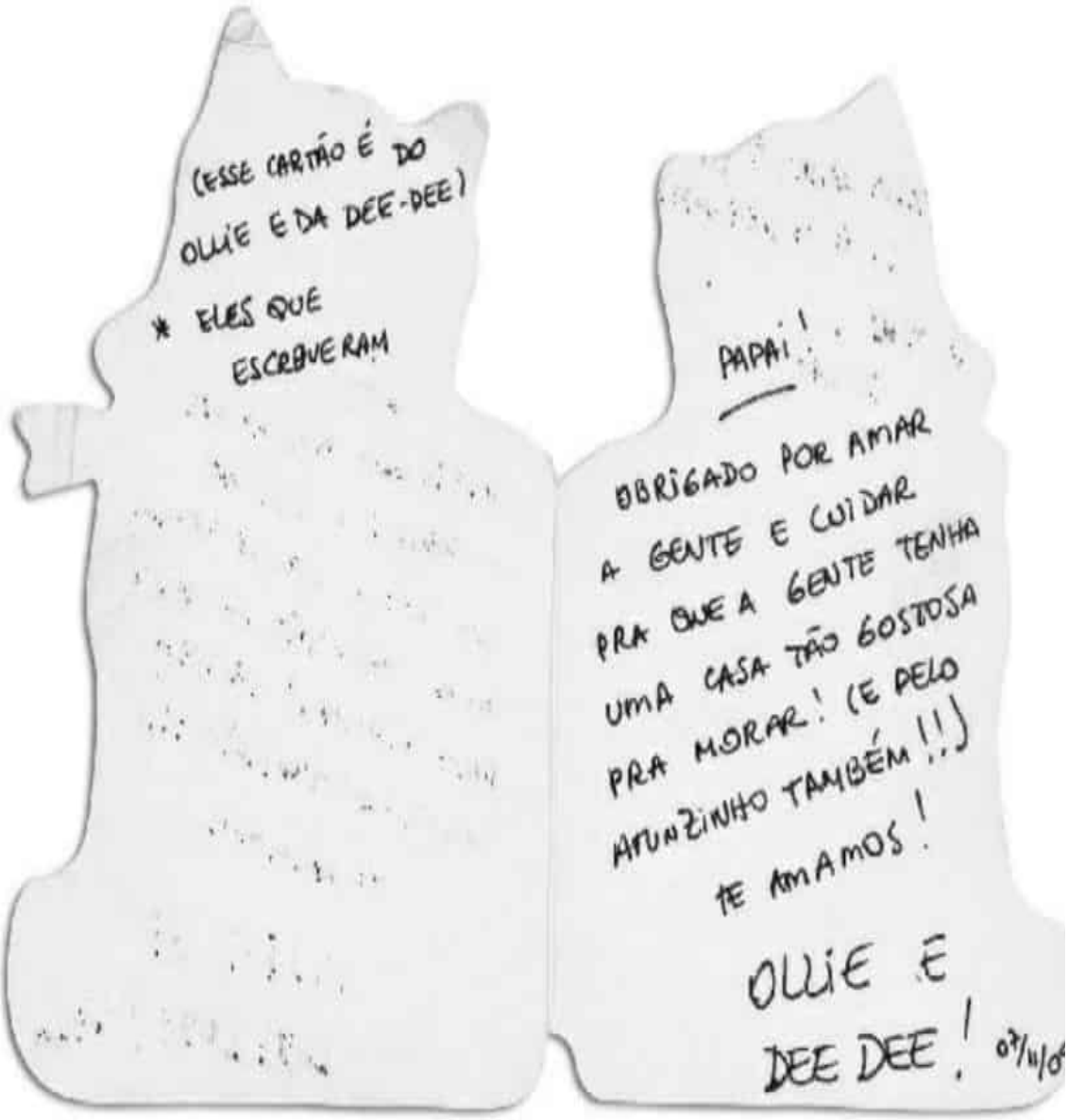
"Volta pra mim?", eu falava, enquanto lhe dava um abraço bem apertado. "Volto, Tiri", ele respondia olhando no fundo dos meus olhos.

Eu aguardava o retorno dele com ansiedade. Às vezes, ficava na janela até que a van chegasse em frente ao prédio, e então corria para o elevador esperando a porta abrir. Quando isso acontecia, eu já saía falando: "Tiriiiii!!". Ele soltava a mala e passávamos um tempo ali mesmo, no corredor, naquele abraço gostoso, matando a saudade e trocando palavras carinhosas.

O Alê e eu fizemos parte da chamada "Geração MTV". Talvez hoje muita gente não tenha ideia da força e importância que a emissora tinha nos anos 1990. Aquele canal definia o que deveria ser visto e escutado. Talvez seja justo dizer que era a maior fonte de referência musical para a juventude daquela época. Antes de o Charlie Brown Jr. rolar, o Alexandre até chegou a fazer um teste para ser VJ, e essa foi uma das poucas coisas que ele não conseguiu realizar. Por outro lado, a emissora abraçou o CBJr. Os seus clipes estavam regularmente na programação, e a banda se tornou uma das mais queridas da audiência. A prova disso veio em 1998, quando ganharam o primeiro prêmio no Video Music Brasil, o VMB, como banda revelação com o clipe de "Proibida pra mim".

Aquilo foi a cereja do bolo. Eu me recordo como se fosse hoje do nervosismo do Alê antes da cerimônia. Era uma mistura de ansiedade e esperança que se transformou num grito de alegria quando o nome da banda vencedora foi anunciado: Charlie Brown Jr. A sensação era a melhor do mundo, aquele prêmio era a confirmação da importância e da credibilidade alcançada pela banda no cenário musical brasileiro. Era um passo grande, sabíamos que depois muitas portas e oportunidades iriam se abrir. E naquele momento parecia que eu nem estava ali, era tudo tão irreal que me sentia numa experiência extracorpórea. Até hoje fica difícil traduzir os sentimentos daquela noite em palavras. Ao mesmo tempo que eu era invadida por uma felicidade extrema, mantinha um sorriso congelado no rosto e pensava: "Isso está acontecendo! É verdade! Ele está ali

no palco do VMB ganhando um prêmio!”. E tudo isso acontecendo em razão daquela música tão emblemática, “Proibida pra mim”. Demorou um tempo até que eu conseguisse respirar e soltar a emoção.


(ESSE CARTÃO É DO OLLIE E DA DEE-DEE)
* ELES QUE ESCREVERAM
PAPAI!
OBRIGADO POR AMAR A GENTE E CUIDAR PRA QUE A GENTE TENHA UMA CASA TÃO GOSTOSA PRA MORAR! (E PELO APUNZINHO TAMBÉM!!)
TE AMAMOS!
OLLIE E DEE DEE!

Bilhete que escrevi para o Alê como se fossem os gatos: adorávamos nos desligar de tudo.

A hora de fazer um disco novo tinha chegado. O segundo álbum é sempre um fantasma para qualquer músico. É o momento de provar todo o talento, mostrar que a banda tem ainda mais a oferecer, que será capaz de surpreender e mostrar evolução em seu trabalho. E o grupo superou o desafio com maestria. A receita que misturava as

letras do Alê (único letrista da banda), sempre sinceras e verdadeiras, e o *groove* certeiro funcionou mais uma vez, mostrando que o CBJ r estava no caminho certo.

Preço curto, prazo longo foi lançado em março de 1999. Era um disco ousado, longo, com mais de uma hora de duração e 25 faixas, muitas das quais estouraram nas rádios e se tornaram clássicos da banda, como “Zoio de lula”, “Não deixe o mar te engolir”, “Confisco” e “O preço”. “Te levar” era outra composição que contava um pouco da nossa história, mais especificamente sobre nossa mudança para São Paulo (“tive pensando em me mudar/ sem te deixar pra trás, yeah/ resolvi pensar em nós, yeah/ vou te levar daqui”). Virou o tema de abertura do seriado *Malhação,* da TV Globo, e ficou no ar por muitos anos.

Com esse álbum, a banda atingiu outro patamar, recebeu um disco de platina (80 mil cópias vendidas), conquistou um público ainda maior e, como consequência, teve um ótimo retorno financeiro. Com a fama crescente, sair na rua para fazer as coisas cotidianas começou a se tornar um problema. No início o assédio era algo tranquilo, acontecia de encontrar um fã no supermercado ou no restaurante que a gente frequentava. Agora o CBJr era uma banda grande, o número de fãs tinha aumentado muito e o Alê era abordado em qualquer lugar que fosse, por pessoas de todo tipo. Era necessário aprender a lidar com a popularidade e com os próprios conflitos. A chegada do sucesso contagia, ninguém queria que aquilo acabasse, mas a sedução da fama inflava os egos e mexia com a cabeça de todos. Esses elementos, somados à inocência da juventude, era algo explosivo, criando uma tensão que até então quase não existia entre os integrantes da banda. Era inevitável que uma hora tudo viesse à tona. E foi justamente o que aconteceu.

Durante uma reunião no nosso apartamento, os ânimos se exaltaram, e o que tinha começado como uma conversa se transformou em discussão. Para os meninos, estava difícil lidar com a maneira forte e impositiva que o Alê tinha de liderar o CBJr. Ele fazia uma ideia clara de como queria conduzir a banda e sobrava pouco espaço para sugestões. Foi a primeira vez que o Thiago e o Champignon falaram em deixar o grupo. Eles estavam na sala e eu num cômodo ao lado, na cozinha, ouvindo as vozes alteradas. O Alexandre estava exaltado, nervoso, tentando argumentar, quando de repente o Champignon estourou: “Quer saber? Estou fora dessa merda! Acabou essa porra! Vou embora!”. Fiquei desesperada,

pensando em tudo o que poderia acontecer em consequência de uma atitude impulsiva. Sem pensar se estava me intrometendo num assunto que não era meu, corri atrás dele e pedi: “Champs, não faz isso. Pelo amor de Deus, não faz isso! Você tá de cabeça quente. Tá sendo imaturo. Respira, deixa a raiva passar”. Eu não tinha percebido que estava chorando. Foi o olhar de espanto do Champs que me fez consciente do meu estado. Aos poucos ele foi se acalmando, percebeu que havia algum sentido no que eu tinha falado, voltou para a sala e, felizmente, eles se acertaram. A poeira baixou, mas ali, naquele exato momento, foi plantada uma semente de discórdia que criaria raízes mais profundas.

Desde que conheci o Alexandre, percebi que ele também tinha suas fragilidades, como qualquer pessoa. Ele trazia em si uma insegurança e certo sentimento de inferioridade que, sem que percebesse, influenciava muito na forma como reagia a algumas situações de conflito. Nessas horas ele via tudo vermelho, o sangue subia à cabeça e as brigas e discussões se tornavam intensas. Depois, com a cabeça fria, ele lançava outro olhar a tudo o que havia ocorrido e fazia questão de ser o primeiro a pedir desculpas da maneira mais sincera do mundo.

Porém, algumas mágoas e ressentimentos de coisas ditas sem intenção não iam embora tão facilmente. Essa forma de liderar a banda era uma questão delicada. Eu tentava argumentar com ele que a autoridade é algo que exige sabedoria e uma boa dose de inteligência emocional: “Um líder bom é um líder amado, que se põe ao lado, e não acima, de quem está perto”. Mas, nos momentos de nervoso, o que saía era a justificativa: “Essa porra é minha, eu que faço a letra, eu que faço a música, então vou fazer do jeito que eu quiser e quem não quiser, tchau!”.

E de certo modo era verdade. Apesar de todo talento e capacidade criativa dos músicos, que contribuíam para a sonoridade da banda ser o que era e também compunham, claro, não havia como negar que o Alexandre era a linha de frente do Charlie Brown Jr. e quem dava a identidade ao grupo. E se era ele quem recebia a maior parte dos elogios, com as críticas não era diferente, e não eram poucas. Na verdade, a resposta dele, que numa primeira leitura pode parecer agressiva, era um reflexo da luta de quem sabe muito bem o quanto precisou ralar para alcançar os seus objetivos. O problema é que aquela atitude batia de frente com o Champignon, que tinha o mesmo tipo de personalidade marcante. O que

funcionava tão bem em cima do palco, fora dele criava uma disputa silenciosa. Era difícil para o Champs acatar todas as decisões, ao mesmo tempo que o Alê não permitia que ele desafiasse sua liderança. Era aquele tipo de relação do aprendiz que já se sentia no nível do professor e agora queria dar aula. Acho importante dizer que a maioria dos conflitos e rivalidades vinham de uma relação muito particular entre os dois, fundamentada em admiração e amor. Como dois irmãos de gênio forte que reconheciam, um no outro, o ídolo e o adversário que estavam à sua altura. O Alê achava o Champignon um músico excelente, o melhor. Seu jeito dinâmico de tocar o baixo, os *beatboxes* que se encaixavam nas músicas, o modo como se movimentava no palco, tudo isso contribuía para ele ser o baixista ideal para a banda e ter a total admiração do Alexandre. Mas cada um no seu quadrado. Para as coisas funcionarem direito era necessário que cada integrante entendesse o seu papel dentro do grupo, saber que estava no lugar certo e relaxar, mas isso não era fácil. E uma coisa era inegável: o Alê era mesmo o líder. Na hora dos problemas, era ele quem quebrava a cabeça e achava as soluções. Estar nessa posição, ter que enfrentar conflitos constantemente, não era algo fácil. Mas faço questão de frisar que, apesar desse jeitão linha dura, o Alexandre tinha um amor imenso por cada um dos integrantes da banda. Eram os seus companheiros, e ele fazia tudo por eles. E tenho certeza de que eles sabem disso.

Grazi, por que você não abre uma loja em Santos?", foi a pergunta que o Alexandre me fez quando começou a perceber a minha inquietude.

Ao longo da minha vida, sempre trabalhei e ganhei o meu dinheiro, e, por mais que o sucesso dele com a banda estivesse intimamente ligado à minha felicidade, aquele barco já navegava sozinho e eu sentia falta de realizar algo meu. Queria dar vazão à minha criatividade e pôr em prática tudo o que tinha aprendido nos meus cursos na Faap. Obviamente, a ideia de ter uma loja de roupas me atraía muito. Mas eu tinha um pé atrás, já que nunca havia administrado nada. O meu negócio sempre foi a parte criativa mesmo, sem muito —ou nenhum —espaço para aquelas chatices burocráticas de lidar com contador, fechamento de caixa, banco e tudo o que envolve gerenciar minimamente bem um negócio próprio. E nessa época ainda morávamos em São Paulo. Então, além de tudo, eu teria que gerir a loja à distância.

"Você é talentosa, tem a sua irmã lá pra te ajudar. Você pode fazer as compras em São Paulo. Imagina que legal: fazer algo de que você gosta e, ao mesmo tempo, ter flexibilidade de horário para continuar me acompanhando quando você quiser", continuou o Alê.

Era uma proposta tentadora, e, depois de pensar um pouco, acabei aceitando. Achei um espaço para alugar na galeria Ipiranga, no bairro do Gonzaga, em Santos. Chamei um amigo arquiteto, o Edu, para fazer o projeto, que deu a cara que eu queria para a loja. Algumas semanas de reforma depois, nasceu a Superfox, com uma proposta mais ousada, moderna, algo bem diferente do que se via em Santos naqueles tempos. Fomos uma das primeiras a trazer marcas mais alternativas e trabalhar com jovens estilistas e criadores locais.

Acabei conhecendo pessoas incríveis nessa jornada, que até hoje são grandes amigos, como o Del Santana — estilista e maquiador de muito talento — e a Ludmilla Rossi. Ela é fundadora e diretora criativa da empresa que mais tarde faria o site inovador do Charlie

Brown Jr. e os videoclipes das músicas “Ela vai voltar” e “Pontes indestrutíveis”, projetos que renderam vários prêmios.

Eu estava muito feliz e excitadíssima com o que essa nova fase poderia trazer, mas já no dia da inauguração, em novembro de 1999, uma situação bem chata deu a pista do quão turbulento seria aquele período para mim. Uma fase que faria o Alexandre se deparar com algo novo: eu era o centro das atenções. Ele não estava acostumado a me ver no meu ambiente. Eu permanecia sempre ao lado dele, cercada por amigos e pessoas nas quais ele tinha confiança, e me observar ali, conversando com tanta gente, sendo prestigiada e recebendo atenção, foi algo com que o Alê não estava acostumado a lidar.

Mesmo sabendo que eram apenas amigos de infância, da faculdade, aquilo o incomodou. O Alê não conhecia todo mundo, era uma situação em que ele estava em segundo plano, e não segurou a onda. A velha insegurança veio à tona, e, ao ver um amigo me dar um abraço carinhoso, acabou tendo uma crise de ciúme na frente de todo mundo, em pleno coquetel de abertura. Disse que eu não estava dando atenção a ele e saiu enfurecido. A cena foi bem chata, eu não sabia onde enfiar a cara, mas mesmo assim mantive a calma, fui atrás dele tentando amenizar a situação e diminuir o constrangimento.

“Alexandre, é como no seu show: não posso esperar que você pare de interagir com o público e fique olhando só pra mim. Hoje tenho que receber as pessoas, conversar, dar as boas-vindas, pedir que voltem. Você não queria que eu tivesse o meu negócio? Então, é assim.” Tentei fazê-lo refletir, mas aquele descontrole já tinha acabado com a minha noite. Saí de lá me perguntando como ele podia me ajudar a realizar um sonho e, justo no dia em que tudo se tornava realidade, protagonizava uma cena descabida como aquela. Brigamos feio e acabei indo dormir na casa da minha mãe, arrasada.

Como sempre, ele caiu em si, percebeu que não deveria ter feito aquilo, não havia motivo. Tivemos muitas conversas durante os dias seguintes, e eu comecei a me dar conta da dificuldade que o Alê tinha em lidar com minha individualidade. Com a maior sinceridade, ele pedia desculpas: “Desculpa, Tiri, eu perdi a cabeça, não soube lidar com meu ciúme”. Quando a poeira baixava, percebia o quanto aquele temperamento volátil era o seu maior inimigo. Mantive a loja por cerca de um ano junto com a Mariela, minha irmã e grande parceira na vida. As coisas iam bem, mas ao mesmo tempo eu me

sentia dividida entre as obrigações de ter uma empresa e a constante demanda por atenção vinda do Alexandre e da banda. Então, acabei cedendo. Para mim, a coisa mais importante era a nossa relação, e eu não queria que nada a prejudicasse. Ao mesmo tempo, vi que ser empresária não era a minha praia mesmo e, um tempo depois, decidi fechar a loja.

Voltei a dedicar o meu tempo à banda. Embora nunca tenha sido uma funcionária oficial, lá eu tinha uma responsabilidade grande. As pessoas próximas, os empresários e produtores sabiam da minha capacidade de lidar com o Alê nos momentos em que ele se mostrava menos flexível. Eu era a única que conseguia acalmá-lo, deixá-lo centrado, fazê-lo respirar e pensar duas vezes antes de tomar uma decisão de cabeça quente. Era natural que eu fosse a pessoa a quem eles recorressem em muitas situações.

Foi no meio desse turbilhão que tivemos a notícia da doença do seu Geraldo, pai do Alê, acometido por um câncer agressivo, e decidimos deixar São Paulo e voltar para Santos. Seu Geraldo já tinha se mudado para lá um pouco antes disso. Diante dessa situação, uma das primeiras coisas que o Alexandre fez foi comprar um apartamento em Santos, bem grande e que acomodasse toda a sua família: os seus dois irmãos, Ricardo e Fábio, a irmã, Tânia, com os sobrinhos Amanda e Guilherme, a mãe, dona Nilda, e o pai, seu Geraldo, mesmo os dois seguindo separados. A família era tudo para ele. Dar uma condição melhor de vida aos familiares era um sonho realizado e sempre foi uma prioridade durante toda a sua vida. Nesse período nos mudamos para um apartamento alugado em Santos, no mesmo prédio em que o Marcão, guitarrista da banda, morava.

Não havia dúvida de que o Alê era um cara batalhador, que sabia das suas responsabilidades com a família e com o seu trabalho. Estava na hora de começar a pensar num terceiro disco, apesar da preocupação com a doença do pai. A banda, já mais madura, queria ter liberdade de experimentar novas sonoridades, novos timbres, e sabia que um estúdio sempre tem algumas limitações. Surgiu a ideia de fazer algo diferente, que proporcionasse a tranquilidade necessária para que todo o processo de composição funcionasse do jeito que eles imaginavam. Alugaram uma casa no Jardim Acapulco, um condomínio tranquilo próximo à praia de Pernambuco, no Guarujá. Ali eles tiveram tempo para compor novas músicas, pensar

nos arranjos e refinar algumas canções que já estavam quase prontas.

Nós dois na minha loja, a Superfox: crise de ciúme na abertura.

De repente veio a notícia: o pai dele tinha sido hospitalizado e estava em estado grave. Corremos para o hospital e o Alê ficou ao lado do seu Geraldo, que acabou falecendo nos seus braços. Perder o pai que tanto amava e admirava foi algo que ele nunca superou por completo. Os dias que sucederam à morte do seu Geraldo foram muito difíceis. O Alê ficou sem nenhuma motivação, acabou interrompendo as atividades da banda, ficava muito tempo isolado e deprimido. Nessa época, ele começou a engordar, não se cuidava mais e chegou até a pensar em desfazer o Charlie Brown Jr. Desde o

início, um dos principais objetivos do Alê era dar orgulho ao pai, e agora aquela motivação maior não existia mais. Ainda abalado pela perda do pai, muito sensível e nervoso, qualquer coisa podia virar motivo de atrito. Ele passava mais tempo trabalhando no Guarujá do que na nossa casa, e, quando voltava, não era difícil que a gente acabasse brigando. Eu ficava aflita, torcendo para que tudo retornasse ao normal. Eu sabia que a vida é feita de altos e baixos, e perdoava as suas palavras duras nas nossas discussões por imaginar o tamanho da tristeza que ele estava carregando.

Finalmente, em abril de 2000, a banda lançou o seu terceiro álbum, *Nadando com os tubarões*. Esse trabalho exigiu um grande esforço e foco do Alexandre, que estava muito abalado com a doença do pai. A banda continuava com a pegada firme tão característica do Charlie Brown Jr. O disco já começava bem, com "Rubão, o dono do mundo", e trazia participações especiais do rapper Sabotage e da cantora Negra Li, que cantou na faixa "Não é sério", um clássico que começava com os versos "Eu vejo na TV o que eles falam sobre o jovem não é sério/ O jovem no Brasil nunca é levado a sério", quase como um hino, refletindo de maneira exata a insatisfação da juventude do nosso país.

O disco foi muito bem recebido pelo público e pela crítica especializada, chegando a ser indicado ao Grammy Latino. O número de shows só aumentava, e os atritos entre os músicos também haviam se acentuado.

Bem no meio dessa turnê, depois de um desentendimento com o Alexandre, o guitarrista Thiago Castanho saiu da banda. O temperamento explosivo do Alê e as discussões frequentes foram os principais motivos dessa decisão. A combinação de personalidades fortes e egos inflados pelo sucesso começava a cobrar seu preço na trajetória da banda. Para o Alê era difícil enxergar isso, e ele não conseguia entender a saída do Thiago.

"Pô, Gra, o cara acabou de se casar, a gente tá ganhando dinheiro com a banda. Por que ele tá fazendo isso? O cara não aguenta uma pressão?"

A verdade é que, algumas vezes, ele acabava pegando um pouco pesado com as pessoas, até com as que ele mais gostava, e nem todo mundo estava a fim ou conseguia lidar com aquilo. Mas o Alê adorava o Thiago e estava profundamente triste com a sua saída. Na noite em que tudo aconteceu, ao voltar para casa, ele chorou muito, até que pegou no sono, deitado no meu colo.

Nesse período, o nosso relacionamento enfrentava uma fase que alternava momentos bons e outros carregados de tensão. O estresse do dia a dia da banda e a responsabilidade de se manter no topo roubavam a nossa qualidade de vida. Para compensar, já tinha virado um costume nosso escapar para Nova York quando a agenda do Alexandre dava uma folga. Nesses momentos, longe da loucura do trabalho, é que a gente se reconectava. Deitados na grama do Central Park, nos perdendo nos andares da Virgin Mega Store, uma das maiores lojas de discos do mundo naquela época, ou assistindo a performances de artistas de rua na Washington Square, conseguíamos reencontrar um pouco da paz e do entusiasmo que sentíamos no início de tudo.

Machucado pela perda do pai e pela saída de um integrante da banda, era de esperar que o próximo disco refletisse o momento de crise recém-vivido. Mas foi exatamente o contrário. O quarto álbum saiu em abril de 2001, com o título *100% Charlie Brown Jr. — Abalando a sua fábrica,* que era, evidentemente, uma provocação. Era como se ele dissesse que, apesar de agora serem um quarteto, a banda continua firme e forte, mesmo com um só guitarrista na formação, o Marcão. Nesse trabalho dava para perceber uma sonoridade mais crua, mais punk e, por outro lado, letras ainda mais inspiradas.

As nossas conversas também costumavam se transformar em temas para muitas das suas letras e, nesse disco, não foi diferente. Um exemplo engraçado e curioso disso é como a letra de “Sino dourado” foi composta. Certo dia, estávamos no carro, no trânsito, e no rádio começou a tocar um sucesso antigo da disco music, “Ring My Bell”. E na hora do refrão —“You can ring my bell, ring my bell” (você pode tocar o meu sino) —, olhei para a cara dele e dei um sorrisinho malicioso. Ele não entendeu na hora e me perguntou do que eu estava rindo.

“Ah, Alê, olha só o que ela tá cantando: você pode tocar o meu sino…” “Sino, como assim sino?”

“Não sei se é isso que ela quer dizer, mas, para mim, isso é uma baita de uma metáfora. Sino, campainha, na real, eu acho que ela tá é falando do clitóris!” Me diverti bastante quando ele me mostrou a letra pronta pela primeira vez — “Ela me disse que o segredo do sucesso está no sino dourado”. Também na letra de “Lugar ao sol” (“O amor é assim/ É a paz de Deus em sua casa/ O amor é assim/ É a paz de Deus que nunca acaba”, diz um trecho) eu encontrava ecos

dos nossos papos mais espirituais. Admirei muito a coragem dele de escrever uma letra falando de Deus com tanta naturalidade e pureza. Afinal de contas, o CBJr continuava sendo uma banda de rock, e esse não era um tema muito comum no gênero. O legal é que essa música foi abraçada pelo público deles e se transformou num hino de esperança, amor e superação, que marcou a carreira da banda definitivamente.

Nós dois pouco antes da separação: o ciúme falou mais alto.

Ao mesmo tempo que amava ajudar a banda, eu continuava sentindo necessidade de algo que me completasse, que fosse só meu. Como estava longe do mercado havia um tempo e me sentia desatualizada, resolvi que o melhor seria voltar a estudar (eu havia largado o curso de publicidade). Pensei bastante e decidi prestar vestibular para a faculdade de moda do Senac, em São Paulo. Eu estava feliz com a decisão e empolgada para dividir a notícia com o

Alexandre. Mas, disfarçado de um extremo senso de proteção que tinha por mim, o ciúme mais uma vez aflorava e ele foi totalmente contra a ideia.

Eu jamais poderia imaginar que ele fosse reagir daquela maneira. Sempre estive ao lado dele, apoiando todos os seus sonhos, e agora que a banda já estava estabelecida, eu só desejava estudar, me dedicar a algo de que eu gostava. Mas ele estava irredutível e, quando viu que eu realmente estava decidida, me colocou contra a parede de uma maneira inesperada:

“Escolhe, Graziela. A faculdade ou nós dois.”

Eu não conseguia acreditar que isso estivesse acontecendo de verdade àquela altura da nossa vida juntos.

“Pô, Alê, você não fala que todo mundo tem direito a um lugar ao sol? Você não diz pra todo mundo que ninguém deve desistir dos seus sonhos? Por que me impedir de seguir o meu?”

Nesse momento ele ficou sem resposta, abaixou a cabeça e saiu andando. Ele sabia que nada daquilo fazia sentido, ficou sem graça, mas não voltou atrás, simplesmente não conseguia aceitar a situação. Era muito difícil lidar com aquela forma possessiva que ele tinha de amar, que às vezes extrapolava o limite do bom senso. Ele se justificava dizendo que tinha medo de que eu me deslumbrasse, de que eu conhecesse alguém mais legal que ele e o abandonasse. E eu tentava argumentar dizendo que aquele pensamento era absurdo, que ele era o homem da minha vida, mas que a vida também era feita de outras realizações, e dava o exemplo da história dele próprio. Mas não adiantou. Apesar de abalada, eu mantive minha decisão. Mesmo sabendo que ele torcia contra e que não seria fácil passar, pois já estava longe dos estudos havia muito tempo, eu me empenhei ao máximo no vestibular e acabei sendo aprovada. Eu já estava com quase trinta anos.

Lidar com tanto ciúme e a falta de apoio era desgastante. E, diante da minha escolha, a separação acabou se concretizando.

Vivíamos uma união estável já havia alguns anos, e, para que fosse legalmente desfeita, seguimos todos os procedimentos necessários, com a ajuda dos nossos advogados e registro em cartório. Foi uma situação muito triste e estressante. Ainda era difícil acreditar que aquele cara para quem eu tinha me dedicado tanto não conseguia me retribuir o apoio. O dia marcado para oficializarmos o fim da união estável no cartório foi tenso. Tudo o que eu queria era assinar logo aqueles papéis e ir embora. Eu tremia de tanto medo e

nervosismo por saber que aquela assinatura poderia selar algo definitivo. Eu nunca tinha sequer pensado na possibilidade de perder o meu amor, e não entendia como uma pessoa inteligente como ele pudesse deixar a situação chegar a esse ponto. Nunca dei motivo para desconfianças, não havia razão para aquela insegurança toda. Ele era o Chorão, o cara. No cartório, levei como testemunha minha melhor amiga, a Soraya, e a do Alê foi o Champignon. Diante de todos aqueles olhares, com a mão trêmula e quase sem conseguir respirar, assinei a papelada sabendo que ali, apesar da tristeza, estava fazendo algo por mim.

As coisas tinham mudado, e agora eu devia procurar um novo lugar para morar. Precisava achar algo que coubesse no meu orçamento e acabei encontrando um apartamento legal em Santos, no bairro do Boqueirão, o mesmo da minha casa na infância. Era antigo, espaçoso, mas precisava de alguns retoques. Sem vaga de garagem, mas isso não era um problema, já que naquela época eu só tinha a minha moto. Garimpei alguns móveis em bazares beneficentes, deixei tudo bem bonitinho e me mudei para lá.

Pouco tempo depois, em fevereiro de 2002, começaram as aulas. Todos os dias, eu ia para São Paulo e voltava de lá numa van de estudantes. Aquele curso me deixava realizada, eu me dediquei muito e era uma ótima aluna.

Apesar dos contornos traumáticos que a nossa separação assumiu, o Alê e eu não conseguimos ficar muito tempo afastados. Ele me ligava todos os dias dizendo que sentia saudade e que era difícil viver sem mim. Não demorou muito —nem um mês —para voltarmos a ficar juntos, mas cada um no seu canto. Ele também tinha encontrado um apartamento, mas dormia muito mais na minha casa do que lá. Com isso, pôde ver como era a minha rotina de estudante e começou a perceber que a faculdade, no fim das contas, não era uma ameaça para nosso relacionamento. Ao contrário, eu ficava feliz fazendo aquilo de que gostava, e essa felicidade se refletia na nossa relação. Ele percebeu a minha dedicação, via os trabalhos que eu fazia, meus croquis, as peças de roupa que eu criava, e foi deixando o preconceito de lado.

Logo no primeiro ano de curso, participei do bazar dos alunos num fim de semana. As roupas que produzíamos eram vendidas para o público. Não imaginei que isso pudesse acontecer, mas o Alê acabou aparecendo por lá para me prestigiar; isso foi muito importante e significativo para mim. Me fez bem vê-lo superar algo que tanto

temia. Em pouco tempo, ele acabou reconhecendo o quanto tinha sido machista e imaturo diante de uma coisa tão natural como o desejo de realização pessoal que existe em qualquer ser humano. Mostrou que estava arrependido e me pediu desculpas mais de mil vezes. Essa era uma das qualidades mais bacanas do Alê. Se percebesse que estava errado, não media esforços para pôr tudo no lugar.

Também existia algo muito importante nisso tudo: eu queria que ele se orgulhasse de mim. A meu ver, o amor anda de mãos dadas com a admiração, e eu tinha me transformado numa mulher que, nos últimos anos, só ficava em casa e cuidava das coisas dele. Bem diferente da Graziela que ele conheceu, independente e batalhadora. Aquele curso ajudou a resgatar tudo isso. Alguns anos depois, na minha formatura, ele estava lá, na primeira fila, me aplaudindo com aquele sorriso orgulhoso no rosto. Na faculdade de moda é comum haver um desfile de encerramento de curso, em que os alunos concorrem com suas criações. Os prêmios para os vencedores eram cursos bem bacanas, alguns até fora do Brasil. O Alê, com a convicção vinda do amor que ele tinha por mim, acreditava muito que eu seria uma das vencedoras, mas isso não aconteceu e ele ficou arrasado, mais até do que eu.

Logo depois da cerimônia, fomos jantar, e ele, numa daquelas atitudes românticas e fofas, pôs algo nas minhas mãos e disse: “É claro que você ganhou um prêmio! Abre aí esse papel!”.

Quando vi, era uma folha de papel que trazia escrito, entre desenhos feitos por ele à mão: “Prêmio Modas Memo”. Pode até parecer sem muito sentido para quem está de fora, mas para mim aquele gesto, com palavras de um vocabulário que era tão nosso, tinha todo o valor do mundo. Era uma maneira especial e particular de expressar todo o reconhecimento que ele tinha pelo meu trabalho, pela minha conquista. Eu estava feliz e realizada, certa de que, depois de superarmos a separação, a minha existência estava atrelada à dele para sempre. Para arrematar a minha felicidade, logo depois, minha coleção de formatura foi a escolhida para desfilar na Feira Nacional da Indústria Têxtil (Fenit) do mesmo ano.

O prêmio Modas Memo: reconhecimento pela minha conquista.

Os solavancos da vida acontecem sem a gente prever, e nessa época meu pai perdeu o emprego e a situação financeira da minha família se complicou. Eles moravam num apartamento alugado, e essa despesa seria um problema dentro da nova realidade. A aposentadoria da minha mãe e o salário da minha irmã não eram suficientes para arcar com todas as despesas da casa. O meu irmão, que já trabalhava havia um tempo como *roadie* do Edgard Scandurra, da banda Ira!, morava sozinho e tinha seu orçamento comprometido com as próprias necessidades. Diante dessa conjuntura, conversei com o Alê e resolvi trazer meus pais e irmã para morar comigo no meu apartamento. Ele me deu todo o apoio, jamais se oporia a ajudar uma família em dificuldades, ainda mais a

minha, por quem ele tinha tanto carinho. Com a mudança da minha família para o meu apartamento, voltamos a conversar sobre em que pé estava a nossa relação. Afinal, estávamos separados no papel, mas vivíamos novamente como um casal. Então, para a minha total surpresa, ele disparou:

"Grazi, eu não consigo viver a minha vida sem ter você perto de mim. Quer casar comigo?" Aquele pedido era de verdade, um casamento tradicional, com papel passado, igreja, festa, vestido de noiva e bolo. É claro que eu aceitei!

Em julho de 2003, mês do meu aniversário, marcamos um almoço em casa com toda a minha família presente. Ele aproveitou a oportunidade, pediu licença para falar à mesa e fez o pedido ao meu pai: "Quero aproveitar o dia de hoje, seu Roberto, para saber se você me dá a mão da Graziela em casamento. Eu amo muito a sua filha".

O dia do casamento religioso: cerimônia de união e comprometimento cheia de simbolismo.

altavam poucos meses para o casamento, marcado para o começo de novembro de 2003, e o clima entre nós não poderia estar melhor. Nosso relacionamento tinha ganhado novas cores.

Eu nem imaginava que isso era possível, mas nos apaixonamos novamente com a mesma intensidade dos nossos primeiros anos juntos.

Foi nesse clima de namoro que decidimos tirar uns dias e fugimos para Búzios, cidade turística no litoral do Rio de Janeiro. A gente não se desgrudava a ponto de, em alguns momentos, esquecermos que estávamos em público. Os dias foram maravilhosos, e aproveitamos cada segundo. Uma noite, em especial, ficamos até tarde deitados no deck da piscina do hotel olhando o céu, que estava lotado de estrelas. Conversamos durante horas, refletimos sobre tudo o que tínhamos vivido até ali, fizemos planos para a nossa vida e trocamos juras de amor. Só nos distraímos do nosso universo particular quando, lá no céu, uma estrela cadente tirou nosso fôlego. Parecia roteiro de filme romântico clichê de Hollywood. Não deixamos aquele bom presságio passar em branco e fizemos nossos pedidos para uma vida cheia de amor e prosperidade. Na noite seguinte, depois de um jantar delicioso à beira-mar, passeamos pelo charmoso centrinho da cidade, cheio de lugares bacanas, entre eles um estúdio de tatuagem. Lá fizemos cada um uma estrela atrás do ombro esquerdo, o lado do coração, para eternizar tudo o que a noite anterior tinha simbolizado para a gente.

Para deixar aquele ano ainda mais especial, a banda foi convidada para gravar o *Acústico MTV CBJr,* que seria exibido pela emissora e lançado em CD e DVD. O Alexandre não cabia em si de tanta felicidade. Sabia que ser convidado a participar daquele projeto era um privilégio. A gravação aconteceu durante dois dias no mês de

agosto no Teatro Mars, em São Paulo, e contou com as participações mais que especiais do Marcelo D2, que junto com sua banda tinha sido uma grande inspiração no começo do Charlie Brown Jr.; o grupo de rap paulistano RZO; e Marcelo Nova, de quem ficamos bem próximos e que acabou sendo nosso padrinho, com a esposa, Inês, no casamento civil.

O repertório foi recheado com os hits da banda, que ganharam novos arranjos para o formato acústico, os covers “Hoje”, do Camisa de Vênus, banda do Marcelo Nova, “Samba Makossa”, do Chico Science, e “Oba, lá vem ela”, do Jorge Ben Jor, além de duas músicas inéditas: “Não uso sapato” e “Vícios e virtudes”. Na plateia, amigos, familiares dos integrantes e o maior tesouro do CBJr, os fãs. No mês seguinte, CD e DVD do projeto foram lançados e alcançaram um grande sucesso. A banda foi para a estrada levando o mesmo conceito para as apresentações ao vivo.

Embora “desplugados”, os shows continuavam sendo uma experiência única para o público. O Alexandre era um artista ímpar. Eu admirava a sua capacidade inesgotável de criação, que resultou em tantas letras inesquecíveis e, na minha opinião, geniais. Mas era em cima do palco que ele provava o quanto era foda. Não tinha pra ninguém. A sua energia era visceral e contagiante. O Alê comandava o público, e cada show era uma forma diferente de catarse. Ele gritava “Charlie!” e apontava o microfone para a plateia, que respondia em coro: “Brown!”. Era lindo de ver. Gostassem ou não de Charlie Brown Jr., não havia como ficar indiferente às suas performances. Não à toa, nos festivais, era difícil encontrar uma banda disposta a encarar a plateia exausta depois de um show deles. Para mim, eles são os melhores até hoje.

Toda essa entrega do Alê e da banda ao longo da carreira fez com que eles conquistassem uma legião fiel de fãs, de norte a sul do país. Ele sabia disso e dava muito valor ao que cada uma daquelas pessoas representava. Era muito claro para ele que, sem os fãs, um artista não é ninguém. A identificação dessas pessoas com a banda era tanta que vários fã-clubes surgiram espalhados pelo Brasil, e juntos formavam o que logo ficou cunhado como a Família CBJr.

Como toda mente criativa, o Alexandre era uma pessoa inquieta, sempre planejando o próximo passo. Era comum eu chegar da faculdade no meu apartamento e encontrá-lo na mesa da sala, debruçado sobre um monte de papéis, escrevendo o que se transformaria na sua próxima empreitada artística: o roteiro do filme

O magnata. Mas antes viria outro marco importante na nossa história: o casamento.

Para falar a verdade, um casamento tradicional, com toda pompa, cerimônia e formalidades nunca fez parte dos meus planos de vida. Contudo, diante de tudo o que havíamos passado, fazia sentido celebrar nosso amor em grande estilo. O Alê tinha a mesma percepção, e dava para sentir o quanto estava empolgado com aquele recomeço. Nossa vida estava mais estruturada, estávamos mais maduros e tranquilos. E, naquele momento, o Alexandre estava feliz por saber que finalmente havia conquistado a segurança financeira que sempre quis através do seu trabalho, o que nos permitiria ter mais conforto e amparar nossas famílias. Vivíamos uma época boa, serena, sabíamos que era a hora perfeita para dar aquele passo.

As tatuagens de estrela: lembrança de uma noite especial.

Mas quem casa, quer casa. Entre os preparativos para a festa, minha faculdade e o trabalho dele, fomos visitar um apartamento num prédio novo, recém-construído no mesmo terreno em que, anteriormente, ficava a sede da Companhia Elétrica de Santos, onde pagamos a conta atrasada depois do episódio do incêndio do cafofinho. A unidade que visitamos ficava no vigésimo andar, e nos apaixonamos no instante em que entramos. O chão ainda estava no contrapiso, a parte elétrica sendo terminada, não havia acabamento algum, mas a gente não precisava disso para nos imaginar dividindo a vida naquele lugar. Muita coisa passou pela nossa cabeça naquela visita, principalmente o quanto batalhamos para chegar até ali, o tempo da ladeira. E então nos demos conta de que tínhamos acabado de encontrar o local que seria o nosso lar.

Estávamos com pressa e não víamos a hora de tudo acontecer, mas ainda havia uma infinidade de preparativos pela frente, como uma celebração do jeito que tínhamos planejado exigia. Como fazíamos questão de uma cerimônia na igreja, marcamos nosso casamento na Igreja Ortodoxa São Jorge de Santos, já que o Alexandre havia sido casado anteriormente numa cerimônia católica. Posso afirmar que não fui uma noiva convencional ou do tipo obcecada por todos os mil e um detalhes. Era desencanada mesmo. A minha mãe, que nunca imaginou que veria a filha mais velha casando na igreja, adorou assumir o controle da organização.

Ela ficou feliz de verdade. Quem também se apresentou para ajudar, mais uma vez, foi a minha irmã, Mariela. Era muita coisa a ser decidida: flores para a igreja e a festa, local da festa, estilo da decoração, modelo dos convites, buffet, músicas para a igreja, a banda que tocaria na festa, além de ter que administrar uma lista de convidados que só crescia. Nesse tempo todo, a frase que mais falei foi: “Escolhe aí, mãe”. Só aprovei pessoalmente os docinhos e o bolo, que foi de chocolate com cobertura de pasta americana branca, decorado com palavras cuidadosamente escolhidas em relevo por toda a volta. Entre elas amor e sexo. O topo do bolo era uma miniescultura de dois bonequinhos caracterizados, representando o Alê e eu (é claro que o dele estava de tênis, boné e skate numa das mãos) e, aos nossos pés, os filhos felinos Ollie e Dee Dee.

Nem o vestido, que costuma dar tanta dor de cabeça às noivas, foi motivo de preocupação. Visitei um ateliê de noivas em São Paulo e encontrei o que queria: um vestido de linhas simples, com estilo mais para moderno do que romântico. O modelo era tomara que caia, feito

de *shantung* e musselina de seda, que davam à peça um brilho discreto e elegante. Pedi ao estilista que acrescentasse um toque meu ao modelo: pequenas tranças de tecido propositadamente sem acabamento, caídas estrategicamente no ombro e braço esquerdos, de um jeito que evidenciava minha tatuagem de estrela. Para completar, um véu curto de tule cobria meu cabelo, que, duas semanas antes da cerimônia, resolvi pintar num tom castanho. Mudar a cor do cabelo foi uma forma de simbolicamente marcar aquele passo tão importante na minha vida.

O casamento no civil aconteceu no dia 3 de novembro de 2003, quase quatro meses depois do pedido oficial no almoço do meu aniversário. Um juiz de paz e uma escrevente foram até a minha casa, onde fizemos um jantar com a presença dos meus pais, irmãos, tias, minha avó Maria e os nossos padrinhos, a Inês e o Marcelo Nova, além do Thronn, cuja amizade com o Alê vinha desde os dias de Ibira Boys. Eu me lembro bem de como eu estava vestida: rabo de cavalo, calça jeans e uma blusa de chiffon pink com fios prateados, que lembrava um tecido indiano. Numa cerimônia simples, assinamos o livro, brindamos com champanhe e comemoramos muito. Durante o resto da noite, curtimos a sensação diferente de termos oficializado nossa união. Eu não esperava que assinar aquele papel fosse tão significativo. Senti uma mudança interior, agora tínhamos nos tornado marido e mulher oficialmente perante o mundo. A importância desse ato, aparentemente tão simples, pôde ser sentida de imediato. Éramos os mesmos, mas algo maior tinha acontecido. Não havia dúvidas, não existiam mais problemas, o que não servia ficou para trás. Nossa felicidade era maior que tudo, nos sentíamos leves e prontos para seguir em frente.

Chegou o grande dia, sexta-feira, dia 7 de novembro de 2003, e eu tinha que me preparar. Passei o dia sendo mimada num salão de beleza bacana perto de casa, fazendo todos os procedimentos que o tal Dia da Noiva me dava direito. Massagem, depilação, pés e mãos feitos, sobrancelha, maquiagem e cabelo. Os profissionais que cuidaram de mim naquele dia se aproximavam cheios de dedos, achando que eu estaria uma pilha de nervos, e se surpreendiam quando eu mostrava que estava tranquila. Esse processo levou o dia inteiro, e saí de lá direto para a igreja.

Meu pai veio me buscar com o motorista que nos levaria para a cerimônia. Estávamos quase chegando quando recebi uma ligação de um dos padrinhos dizendo: “Grazi, fala pro motorista dar uma

enrolada porque o Chorão esqueceu a aliança em casa". Foi inevitável que eu caísse na gargalhada. Eu sabia o quanto o Alê estava ansioso naquele dia, não dava para ficar brava com ele. Demos uma volta a mais e, em dez minutos, depois de receber a informação de que já estava tudo o.k., entrei na igreja de braços dados com meu pai, ao som da marcha nupcial.

Nossos convidados lotavam a Igreja Ortodoxa São Jorge, em Santos. Mesmo vetando a entrada da imprensa na cerimônia e na festa, foi difícil escapar dos flashes dos fotógrafos, que se apinhavam na porta da igreja em busca de imagens junto com alguns fãs que se concentravam ali.

Apesar de não ter ficado nervosa até aquele momento, bateu um frio na barriga enquanto caminhava devagar em direção ao altar. Contemplei aquele salão lotado, recebendo sorrisos dos nossos amigos e familiares, até que o meu olhar encontrou o do Alexandre. Ele estava lindo de terno preto, me esperando com um sorriso enorme e esfregando as mãos sem parar de tão nervoso.

A cerimônia foi linda, cheia de simbolismos de união e comprometimento. Celebrado em grego e em português, o ritual ortodoxo tem muitas diferenças do católico. As alianças também são abençoadas, mas o ponto alto é o momento em que os noivos recebem, cada um, uma coroa dourada, símbolo de honra. Bebemos vinho da mesma taça, demos três voltas ao redor de uma mesa, guiados por um sacerdote, nos emocionando diante das centenas de pessoas que lotavam o lugar. Nos beijamos como manda a tradição e falamos um para o outro o quanto a gente se amava. Fui invadida por um sentimento maravilhoso de harmonia, e a felicidade transbordava.

Alexandre e eu mostrando as alianças, no dia do casamento civil.

Se em todos os momentos importantes da nossa vida juntos a música do CBJ r esteve presente, no nosso casamento não seria diferente. O curioso foi como isso aconteceu. Desde que escutou pela primeira vez a versão de “Proibida pra mim” que o Zeca Baleiro gravou, minha mãe achou que seria perfeito me ver casando com o Alê ao som dessa música, ainda por cima com o Zeca em pessoa cantando. Na fase de escolha das canções que seriam tocadas na cerimônia, ela confidenciou isso para a Mariela, que, empolgada com a ideia, correu para me perguntar se seria viável trazer um cantor como ele para tocar no casamento. Achei a ideia incrível, mas também não alimentava muitas esperanças de que isso fosse acontecer, já que estávamos falando de um artista consagrado com uma agenda lotada. Mesmo assim, comentei com o Alê, que amou a ideia e imediatamente procurou o Zeca, que foi um querido e aceitou o convite.

Na hora de cumprimentar os padrinhos e pais de cada um, escutamos os primeiros acordes de violão e, em seguida, a voz do Zeca, que estava ao lado do altar acompanhado por um músico de apoio, começando a cantar. Ele conseguiu dar um toque pessoal à música, com uma interpretação poética e delicada. Sinto profunda gratidão por ele ter nos proporcionado aquele momento tão especial, e, sem dúvida, um dos mais emocionantes do nosso casamento.

Na hora de sair da igreja, o coral cantou “My Sweet Lord”, música do beatle George Harrison, presente maravilhoso da minha irmã Mariela. Os convidados entraram no clima de comunhão que tomou conta do lugar e começaram a bater palmas no ritmo da música, enquanto nos olhavam sorrindo e jogavam arroz sobre nós.

Depois da cerimônia, seguimos para a festa, que aconteceu no Iate Clube do Guarujá. Estava tudo perfeito, e ter conseguido reunir as nossas famílias e amigos no mesmo lugar era muito especial. O salão era amplo, repleto de mesas para os convidados jantarem, e havia um espaço livre no meio para a galera dançar em frente ao pequeno palco, que recebeu a banda do Helinho, baixista do Lagoa 66, Nando Reis e, a certa altura da festa, o próprio Alê. Ele subiu para dar uma canja junto com o Marcelo Nova. Na parte que ficava voltada para o mar, havia uma varanda bem grande que foi transformada numa área de lounge, com muito pufes espalhados para quem quisesse relaxar. Flores, louças e outros detalhes decorativos eram brancos, e o salão ganhou uma atmosfera ainda

mais intimista com a iluminação, difusa e suave, composta de centenas de velas espalhadas por todo o espaço. Apesar de ter estranhado quando pedi uma decoração com clima elegante, porém informal, a Pupy Zogaib, responsável pelo visual da igreja e festa, correspondeu a todas as minhas expectativas. A comida estava maravilhosa, e a bebida foi servida em abundância. A noite inteira os garçons passavam com bandejas de vinho, uísque e o que mais os convidados quisessem.

Todo mundo se esbaldou na pista de dança, usando máscaras coloridas, daquelas que só cobrem os olhos, enfeitadas com penas e pedrarias, que foram distribuídas no meio da festa. Se fosse hoje, em que tudo é registrado e divulgado nas redes sociais, muita gente ali seria obrigada a lidar com fotos e posts de muitos momentos cômicos no dia seguinte, dignos de uma bela ressaca moral — não teve nenhum escândalo, mas rolaram cenas muito divertidas. Aquela noite era nossa, eu só queria curtir a festa com o Alexandre e todos os amigos e familiares queridos que estavam presentes. Para tornar tudo ainda mais especial, se é que isso era possível, num determinado momento muitos dos convidados se dirigiram à varanda do clube para admirar o céu e a lua, que estavam maravilhosos, já antecipando a vibe do eclipse lunar total que aconteceu na noite seguinte.

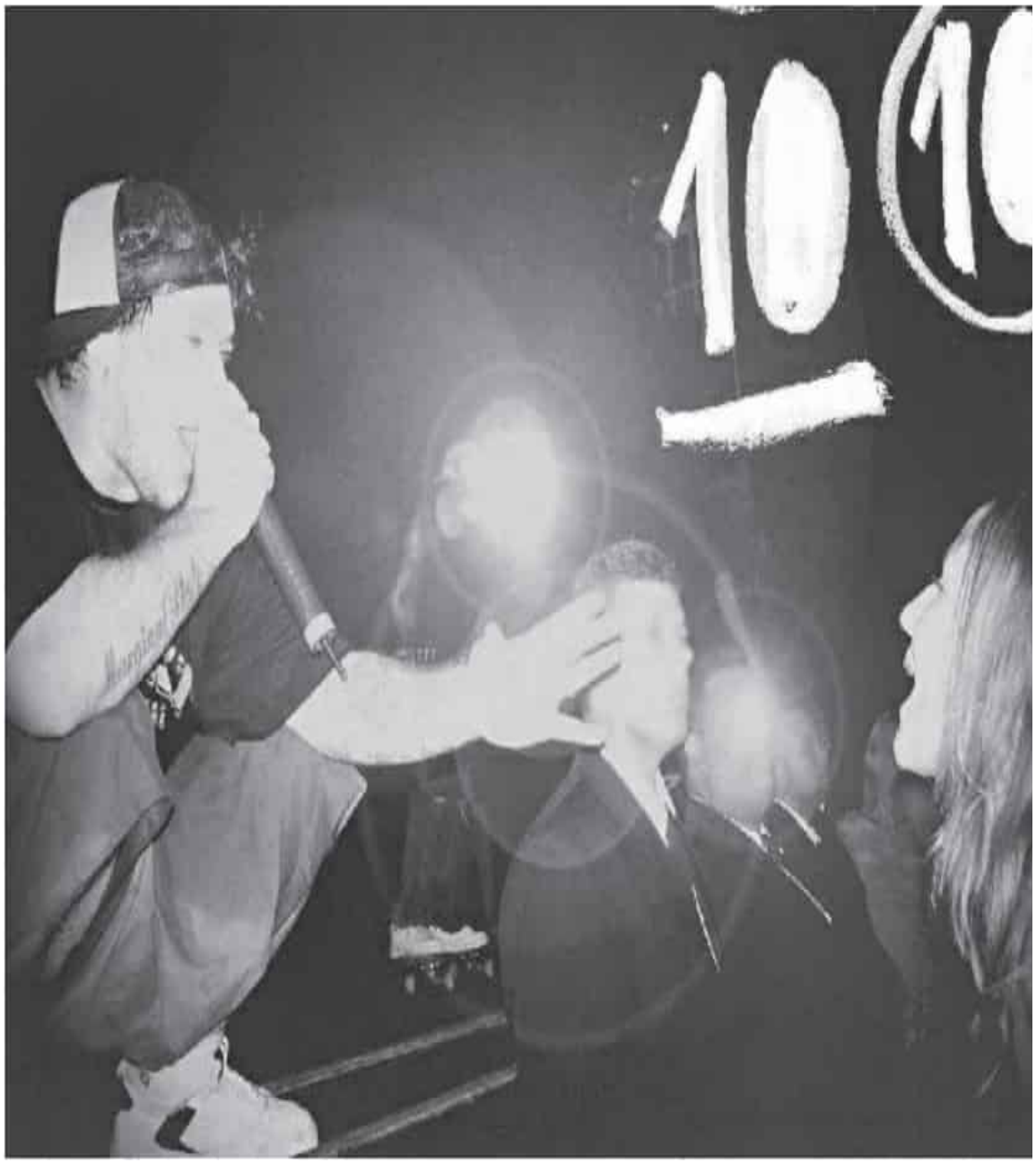
A festa continuou madrugada adentro. O nosso plano era passar a noite de núpcias no apartamento novo, antes de partir para a lua de mel, mas tivemos que mudar os planos na última hora. Deixamos as chaves do nosso apartamento sob a responsabilidade de um padrinho, que exagerou tanto na festa que acabou desaparecendo e só foi encontrado no dia seguinte, dormindo de terno e gravata embaixo de um coqueiro na areia da praia. Numa saída nem um pouco romântica, resolvemos dormir no meu apartamento mesmo, onde já estavam capotados o meu pai, a minha mãe e a minha irmã.

Na noite seguinte partimos para a lua de mel, em Miami, viagem que ganhamos de presente de um dos padrinhos. Os compromissos do Alê com a banda eram tantos que não permitiam uma viagem longa. Mas uma semana foi o ideal. Nunca havíamos ido para lá e nos surpreendemos com o clima caloroso de tempero latino, com as ruas largas e a arquitetura art déco. Tínhamos uma motorista à nossa disposição, que nos levou para conhecer a cidade toda e os seus arredores. Mas o que curtíamos mesmo era sair a pé para vivenciar o cotidiano local e aproveitar um pouco aquela liberdade,

que já não era tão fácil no Brasil. Eventualmente, estando em Miami, cruzamos com alguns brasileiros que não hesitavam em pedir fotos e autógrafos para “o Chorão”. Ele atendia com todo o prazer. Nos divertimos muito no geral, mas foi um jantar que acabou marcando essa viagem.

Encontramos um restaurante incrível na Ocean Drive, uma das ruas mais famosas e badaladas da cidade, e nos fartamos com frutos do mar deliciosos. O Alê aproveitou para tomar tequila e até eu, que não bebo, dei as minhas bicadinhas. Conforme a noite foi avançando, a iluminação do lugar mudou e uma pista de dança foi aberta. A salsa começou a rolar a todo vapor, e vários casais se jogaram na pista. Dava gosto de ver! Era tanto ritmo e energia que foi impossível não nos deixar contagiar. Na hora de ir embora, ao atravessarmos o salão, brincamos um pouco ao som daquele ritmo latino, arriscando alguns passos, mas logo percebemos que não levávamos jeito e caímos na risada.

O melhor da lua de mel foi perceber que não fazia muita diferença se estávamos em Miami, Nova York, Santos ou São Paulo. O grande prazer era estar um do lado do outro, onde quer que fosse, agora casados, nos divertindo, experimentando coisas novas, descobrindo o mundo juntos. Nós realmente precisávamos daqueles dias, foi uma pausa necessária. Foi a dose de descontração que faltava para então voltar à realidade na semana seguinte, na qual teríamos que retomar a correria do nosso cotidiano.



No gargarejo do último show antes do fim da formação clássica: passei toda energia positiva possível.

Com a reforma do apartamento novo ainda em andamento quando chegamos da lua de mel, o jeito foi continuar morando

com os meus pais no meu endereço pré-casamento.

O Alê se sentia muito à vontade com a minha família, e a convivência foi bastante harmoniosa. Como eu ainda estava na faculdade e só chegava no início da tarde, era a minha mãe quem acordava o Alê para almoçar. Ela fazia questão de preparar tudo de que ele mais gostava, principalmente a bacalhoada, e de sobremesa não podia faltar brigadeirão ou a torta de limão da dona Sônia. Ele amava os paparicos da sogra e se sentia completamente em casa, mesmo quando o meu pai queria puxar conversas aleatórias sobre pessoas que o Alê não conhecia e assuntos sobre os quais ele não tinha domínio. Era uma dinâmica gostosa, um clima muito amistoso de família. Já estávamos ficando mal-acostumados com todo aquele mimo quando nosso apartamento enfim ficou pronto.

Estávamos, finalmente, debaixo de um teto que podíamos chamar de nosso, com muito orgulho. O Alê, como eu, veio de uma família que enfrentou problemas com moradia e dificuldades financeiras. Por vezes, acabou despejada. Essas coisas deixam marcas na gente. A música “Confisco” veio de uma dessas experiências. “Dez horas da manhã, a campainha tocou/ O oficial de justiça logo ele avistou.” Foi exatamente assim que aconteceu num apartamento em que ele morava com o irmão Fabinho antes de se mudar para aquela quitinete em que a TV pegou fogo. Mas, como um alquimista, ele conseguia transformar todas as suas experiências, por piores que fossem, em ouro. Ser dono da própria casa e dar um lar aos seus familiares eram questões de honra que ele já podia riscar da sua lista de desejos. Estava feito.

Apesar de já termos morado juntos antes, a experiência de montar a casa nova foi diferente. Dessa vez, escolher os móveis, eletrodomésticos, lençóis, toalhas, talheres e cada detalhe significava construir cada pedacinho do local onde passaríamos muitos anos felizes. Era um apartamento grande, com espaço suficiente para que o Alexandre tivesse um lugar só para ele, onde pudesse guardar seus discos, equipamentos de skate, compor e fazer tudo o que quisesse. Com isso em mente, providenciei a montagem do seu escritório: prateleiras próprias para guardar CDs forravam as paredes com discos de todos os gêneros, do reggae de Bob Marley ao hardcore do Suicidal Tendencies, passando pelo Red Hot Chili Peppers, o hip-hop do Wu-Tang Clan e até Raul Seixas.

Na parte inferior, ficava uma bancada larga que funcionava como mesa, com telefone, agenda, caderno e canetas de prontidão, e que se estendia com mais armários. Um quadro de metal com algumas fotos presas por ímãs ficava em frente à mesa, e uma cadeira confortável completava a mobília. Também tinha espaço para seu "altar", com santinhos, fotos, frases de fé e coisas que ele mesmo escrevia. Isso não poderia faltar de jeito nenhum. Ele adorou cada detalhe e passava grande parte do dia naquele ambiente. Falava ao telefone, recebia os amigos, lia e, principalmente, escutava música e compunha. Muitas coisas bacanas foram criadas ali, incontáveis sucessos do Charlie Brown Jr., a finalização do roteiro de *O magnata*, o roteiro de outro filme, *O cobrador*, que não foi terminado, e tudo o que ele imaginava fazer.

Para nos ajudar na nossa nova rotina, por indicação da Tânia, irmã do Alexandre, tivemos a imensa sorte de encontrar a Lúcia, que fazia a casa funcionar de verdade. Ela aprendeu com a minha mãe a preparar os nossos pratos favoritos e não cuidava só da casa. Tinha um carinho especial por nós dois e era recíproco. Por dez anos ela esteve do nosso lado. Não consigo imaginar a nossa vida sem ela naquele período.

No ano seguinte, mais uma vez no dia do meu aniversário — parecia que novidades nessa data tinham se tornado uma tradição —, o Alê quitou nosso apartamento, o que foi muito comemorado. A sensação de ter conquistado algo com que sonhamos e lutamos tanto para alcançar era de muito orgulho, principalmente por entender todo o simbolismo e a importância dessa aquisição. A vida em comum nesse apartamento era muito boa, tranquila. Aos poucos, fomos construindo nossa rotina. Eu ainda estava na faculdade, e todos os dias ia a São Paulo e voltava de lá de van com outros estudantes. Acordava às 4h45 para me arrumar e fazer aquela viagem até o Senac. Era desgastante, eu estava sempre cansada e dormia muito pouco. Ele começou a ficar preocupado, não porque houvesse algo de anormal com a minha rotina, mas porque sempre teve um cuidado imenso comigo e queria que eu ficasse um pouco mais segura e confortável, ganhando algumas horas a mais de sono. É aí que entra em cena o Kleber Atalla, contratado para ser o meu motorista, que me levava à faculdade e me trazia de lá todos os dias. Assim como a Lúcia, ele acabou nos acompanhando pela vida e criando um laço de amizade forte com o Alê e comigo. Mesmo

depois de formada, ele continuou com a gente, levava o Alê aos compromissos e me acompanhava sempre que eu precisava.

O tempo corria numa fluidez que poucas vezes eu senti na vida. O Charlie Brown Jr. seguia a sua trajetória ascendente e o Alê estava realizado, mas nunca acomodado. Ele possuía um arsenal de energia criativa inesgotável e estava sempre com a cabeça no próximo projeto que ia criar. E eu, muito feliz com a minha faculdade e continuando a ajudar o Alê com os assuntos da banda. Mesmo sem os nossos horários baterem muito — ele era uma pessoa essencialmente noturna —, tudo funcionava numa boa, e a nossa sintonia nesse período estava melhor do que nunca.

Isso era uma das coisas especiais da nossa relação: nossa ligação quase telepática, algo forte que não conseguíamos explicar pela lógica. Era comum eu pensar em algo, ter aquela vontade de contar para o Alê e, ao ligar para ele, descobrir que ele estava pensando na mesma coisa, e vice-versa.

Uma vez eu estava na estrada, voltando da faculdade com o Kleber, quando comecei a pensar muito no Alê. Me deu uma saudade do nada, uma vontade imensa de vê-lo. Eu sabia que ele estava indo a São Paulo para uma reunião, junto com o nosso advogado e amigo, Maurício Cury, e então de repente eu falei: “Kleber, dá uma ligada pro celular do Maurício”. Quando o Alê pegou o telefone, a primeira coisa que ele disse foi: “Ai, Grazi, eu tô pensando tanto em você. Onde você tá?”. E naquele momento percebemos que estávamos exatamente no mesmo ponto da rodovia Imigrantes, apenas em sentidos diferentes. Paramos os carros, cada um do seu lado, e, como a estrada estava tranquila, saímos correndo para nos encontrar. Nem havia muito o que dizer, a nossa comunicação continuava a se fazer naqueles abraços apertados e beijos. Era muita sintonia, algo inacreditável e belo que a gente compartilhava.

Quando o Alê chegava das turnês, geralmente nas manhãs de domingo, era sempre um momento de alegria. Eu mantinha a tradição de correr para a porta, gritando “Tiriii!”, e ele, por mais cansado que estivesse, largava as malas e me abraçava falando o mesmo, todo feliz. Aquelas “bobeiras” de casal, por mais ridículas que pudessem parecer, mantinham o clima lúdico e muito terno. Os almoços do dia eram sempre especiais. A frase “comidas do mundo” era o código que sinalizava que ele queria comer muitas coisas diferentes. Então, eu acabava pedindo para entregar feijoada, peixe,

lasanha etc., que vinham de restaurantes diferentes. A nossa mesa ficava parecendo um banquete, um exagero mesmo, mas sobrava pouquíssima coisa para o dia seguinte. O moço era bom de garfo, e eu acabava indo no embalo. Compartilhar uma refeição, para mim, ainda é a melhor coisa que podemos dividir com alguém.

A banda seguia estourada em todas as rádios do país, e fazer qualquer atividade na rua já era algo muito difícil. O Alê sempre lidou com muita habilidade com o assédio dos fãs, mas havia momentos em que ele queria fazer algumas coisas, como andar de skate, de maneira mais tranquila.

Certo dia, passando de carro por uma rua do bairro Vila Mathias, em Santos, o Alê avistou um terreno grande com uma placa de "aluga-se". Não pensou duas vezes e, em poucas semanas, começava ali a obra do que viria a se transformar no Chorão Skate Park, o lugar dos sonhos que ele vinha idealizando havia algum tempo. A pista foi pensada inicialmente como um local particular, mas algum tempo depois ele decidiu abrir ao público. O projeto foi feito sob medida para proporcionar as melhores manobras de skate. Tinha um *bowl* gigante, rampas, corrimões e bastante espaço para pegar velocidade.

Uma minilanchonete, banheiros e arquibancadas proporcionariam conforto para quem estava só visitando ou acompanhando algum atleta. Na parte de cima seria construída uma pequena recepção, um espaço para um escritório e a cereja do bolo: um estúdio enorme para os ensaios da banda.

Falando em Charlie Brown Jr., eles não lançavam um disco só de inéditas havia dois anos, desde *Bocas ordinárias*, de 2002, que teve hits importantes como "Papo reto (prazer é sexo, o resto é negócio)" e "Só por uma noite" (que entrou na trilha do seriado *Malhação*, da Rede Globo). Desde então o único CD

havia sido o *Acústico MTV*, que foi muito bem recebido pelo público e resultou em mais um disco de platina para a coleção, numa época em que a facilidade de o artista comercializar a sua música via *streaming* ainda não existia. Então, em junho de 2004 é lançado *Tamo aí na atividade*, que trouxe o Rick Bonadio de volta à produção da banda e manteve a tradição de gerar vários sucessos, como "Champanhe e água benta", "Longe de você", "O lixo e o luxo" e "Eu vim de Santos, sou Charlie Brown".

Mesmo tendo nascido e vivido em São Paulo até boa parte da adolescência, o Alê acabou adotando Santos como sua cidade. Era

com orgulho que ele falava em entrevistas ou durante os shows pelo Brasil afora: “Santos me deu as coisas mais importantes da minha vida: o meu filho, a Grazon e a minha banda”.

A paixão pela cidade logo se estendeu ao time de futebol local, mesmo que no início eu tenha forçado um pouco para isso acontecer. Quando nos conhecemos, eu era aquela garota tipicamente santista que andava de bicicleta, pegava onda e, é claro, torcia para o Santos Futebol Clube. Uma das primeiras perguntas que eu fiz a ele no começo de tudo foi:

“Pra que time você torce?”

E ele respondeu, meio sem jeito:

“Olha, na verdade eu nem curto muito futebol. Acho chato, mas o pessoal da minha rua lá na zona norte de São Paulo gosta do Corinthians.”

Tenho o maior respeito pelos torcedores desse time e pela sua história, mas ter um namorado corintiano é tudo o que uma santista fanática não precisa. Determinada a mudar aquela situação, disse que agora que ele morava em Santos seria mais legal acompanhar o time da cidade. Falei do Pelé e de toda a tradição e glórias do meu alvinegro querido, e ele foi se identificando com aqueles personagens e histórias. Começou assim, devagarinho, minha “lavagem cerebral” para o Alê curtir mais futebol e torcer para o Santos. E deu muito certo! Quando casamos, era aquela época mágica em que o Santos tinha Robinho e Diego dando show de bola em cada partida, e ficou fácil para ele se converter de vez e passar a se identificar como um torcedor de verdade. A relação entre o Alê e o time acabou se estreitando cada vez mais, e passamos a frequentar juntos a Vila Belmiro sempre que possível e a participar de alguns eventos relacionados ao clube, como o retorno do Robinho ao time, com direito a show do Charlie Brown Jr.

O ano estava movimentado, com muitas coisas boas acontecendo para nós dois, mas algumas outras surpresas não muito agradáveis estavam à espreita para desafiar nossa capacidade de superar grandes desafios.

Em maio, o Charlie Brown Jr. partiu para uma turnê mundial que se tornou decisiva na história da banda e causou um impacto definitivo em nós dois. Os shows começaram nos Estados Unidos, com apresentações em Miami, Boston e Nova York, cidade que já tinha se transformado no nosso destino preferido. Foi lá, anos antes, que conhecemos o Marquinhos, o Jorge e o Fabrício, três brazucas

que moravam na cidade e que se tornaram nossos amigos e também parceiros musicais do Alê. Os shows nos Estados Unidos foram marcados pela mesma energia que o CBJr estava acostumado a ter; o público, formado basicamente por brasileiros que moravam lá, pirava com a oportunidade de poder curtir um show da banda ao vivo e devolvia tudo na forma de muito carinho. De lá partimos para o Japão. A expectativa de conhecer aquele país tão diferente tirou o nosso sono no voo, mas fomos recompensados por uma incrível coincidência: o filme exibido no avião era *Encontros e desencontros*, da Sofia Coppola, que ainda não tinha chegado ao Brasil e cuja história se passava exatamente na nossa próxima parada, Tóquio.

Tanto o Alê quanto eu tínhamos fascinação por aquele lugar, pela cultura milenar, pela moda muito louca que rolava por aquelas bandas. Ficamos grudados naquela telinha minúscula do avião até o filme acabar, absorvendo cada imagem e informação, que nos inspiraram demais. A banda também tinha shows marcados em Nagoya, cidade em que havia uma grande colônia brasileira.

Nós piramos naquele país, era muita novidade que entrava pelas nossas retinas e que a gente tentava assimilar na mesma velocidade. Comprei revistas de moda, roupas, brinquedos e todas aquelas bugigangas que a gente adora porque são diferentes. Tenho até hoje as minhas duas bonecas Blythe, que mudam a cor dos olhos e, por assustarem as crianças, agradaram mais aos adultos, os quais passaram a colecionar versões variadas do brinquedo, que acabou se tornando cult.

Visitamos Harajuku, bairro de Tóquio famoso por concentrar jovens com aparência exótica, artistas de rua, dançarinos e algo que ainda não era nem um pouco comum por aqui, pessoas vestidas como personagens de desenhos, com roupas diferentonas e cabelos de todas as cores que se pode imaginar, andando ao lado de executivos e executivas. Eu me lembro da gente correndo, atravessando o famoso megacruzamento de trânsito, o Shibuya Crossing, para comprar um guarda-chuva daqueles transparentes porque começara a chover. A limpeza das ruas também foi algo que nos impressionou, assim como a organização de tudo, a educação do povo local, o respeito e a gentileza com que éramos recebidos em cada lugar. Simplesmente maravilhoso.

À noite o show aconteceu numa casa lotada de brasileiros e descendentes de japoneses que agitaram muito e cantaram junto cada sucesso da banda. É sensacional ter a chance de conhecer

outras culturas em detalhes. Em Tóquio, uma cidade envolvida pela mais alta tecnologia, ainda existem ruelas em que, entre uma casa e outra, vimos minúsculos altarzinhos com flores e pequenas imagens. Ficamos tocados com a delicadeza daquela fé discreta. Foi inesquecível, mas depois de alguns dias na cidade era hora de seguir. Nosso meio de transporte até Nagoya foi o trem-bala, uma máquina silenciosa que te leva para vários lugares na metade do tempo de um trem normal. Durante o caminho, o monte Fuji vai se revelando e deixa a viagem ainda mais especial. Depois de instalados, saímos a pé pelas redondezas do hotel. É claro que o tempo todo o Alê levava o skate nos pés. Visitamos o castelo de Nagoya, uma construção maravilhosa de 1612 que tem à sua volta um fosso onde nadam as maiores carpas que já vi na vida. Nessa época, o fotógrafo Duda Santos viajava com a gente e registrava tudo.

O show estava lotado, e mais uma vez a performance da banda foi incrível. Quando os primeiros acordes saíam da guitarra do Marcão, o público explodia, parecia que estávamos no Brasil. A música e o *groove* derrubavam qualquer barreira.

Seguimos para a nossa próxima parada, a Europa. Começamos por Londres, onde passamos três dias. Infelizmente, por uma confusão do produtor local, os shows acabaram não acontecendo por falta de divulgação nos meios de comunicação, entre outros problemas. Aproveitamos o tempo livre para caminhar pela cidade, conhecer alguns lugares históricos e andar de skate. Estávamos hospedados na Grosvenor Square, em Mayfair, uma das áreas mais chiques de Londres, e é claro que fizemos questão de seguir a tradição inglesa do famoso chá das cinco. Pesquisamos um local bacana e lá fomos nós. Sentamos numa mesinha redonda delicada e tomamos o nosso chá, com direito a todas as delícias que a gente podia imaginar, desde as incríveis tortinhas doces e biscoitos até o sanduíche de pepino, um clássico britânico. Era engraçado ver como os ingleses, com um jeito bem conservador, olhavam para nós e principalmente para o Alê. Ele não mudava a forma de se vestir porque iria nesse ou naquele lugar: camiseta com estampa de skate e calça larga eram seu uniforme. Logo percebemos que isso deixava aquele povo meio chocado. A gente acabava se divertindo muito com isso e tirava a maior onda.

Um dos muitos “altares” que o Alexandre teve ao longo da vida.

Portugal, onde já tinham tocado antes, no Festival Sudoeste, em 2002, era o nosso próximo destino. A banda tinha shows marcados nas cidades do Porto, Évora e Lisboa. Nas primeiras duas cidades os shows aconteceram em lugares pequenos, mas não foram menos memoráveis. Além dos brasileiros que moravam no país, o público português se identificou demais com o som do CBJr e marcou presença nos shows. Mas foi na capital portuguesa que a banda fez uma apresentação antológica, na primeira edição do Rock in Rio Lisboa, que teve nomes importantes como Foo Fighters, Paul McCartney, Evanescence e Peter Gabriel. A gente dividiu o camarim com o grupo americano de rock Kings of Leon, bem antes de eles estourarem mundialmente com sucessos como “Sex on Fire” e “Use Somebody”. Lembro-me de falar rindo para o Alê: “Olha a cara do

vocalista observando a gente". Não sei se estávamos fazendo muita bagunça, falando alto como bons brasileiros, mas o Caleb Followill parecia abismado com a nossa informalidade e com o assédio dos fãs ao CBJr. Parecia que ele pensava: "Quem são esses caras?".

O Alexandre estava nas nuvens. O show do CBJr não decepcionou e botou a galera para pular. Percebemos que muitos portugueses já cantavam as músicas e curtiam o som com convicção. Quanta satisfação era ver o resultado do trabalho da banda dando frutos, não só em outro país, mas em outro continente!

Curtimos cada minuto daquele dia, e o Alê dizia que agora só faltava ele cantar no Rock in Rio no Brasil, o que infelizmente nunca chegou a acontecer. Estar em Lisboa era um motivo a mais de alegria para o Alê: o reencontro com a irmã mais velha, Kátia, que morava na cidade havia muitos anos e que ele não via fazia tempos. Foi emocionante testemunhar esse reencontro. A banda voltou ao Brasil depois do show, mas eu e o Alê estendemos a nossa estadia por mais alguns dias e a Kátia nos acompanhou durante todo o tempo. Ela nos levou a vários lugares bacanas, desde praias maravilhosas no litoral como também os típicos restaurantes portugueses. Impossível esquecer as comidas deliciosas, o melhor bacalhau com couve do mundo e o incrível queijo cremoso que é produzido na serra da Estrela. Acho que todo mundo deveria ter o direito de experimentar isso na vida.

Apesar do êxito da turnê e todo entrosamento em cima do palco, fora dele as tensões entre a banda continuavam a crescer e uma aura de descontentamento permeou toda a convivência durante a viagem. Cada um ficava no seu quarto antes e depois dos shows, com poucos momentos de confraternização. Aproximava-se o ápice daquela situação que começou com a briga na sala do nosso antigo apartamento em São Paulo. O Alê tinha dificuldade de lidar com as coisas que o contrariavam, ele era cabeça-dura. Eu contemporizava, citava a inevitável lei da física que diz que uma força aplicada em determinado sentido sempre gera uma força contrária. O melhor seria resolver qualquer diferença de maneira mais calma. Quando a sua liderança era exercida com bom senso, tudo corria de forma mais tranquila. Mas, ariano que era, não contava até dez e acabava explodindo impulsivamente.

Ele não era o único com personalidade forte e eu sabia que, uma hora ou outra, a coisa poderia desandar e virar uma treta grande. Por um lado tudo parecia bem, a química que eles criavam tocando

juntos ainda estava lá. Cada um conquistava o seu espaço no meio musical, estavam ganhando um bom dinheiro. Mas havia todo o desgaste que já vinha acontecendo e aquelas consequências negativas da fama, como a falta de privacidade, a interferência de pessoas de fora que davam palpites demais e as cobranças autoimpostas. A situação estava tão tensa que todos se irritavam com coisas bobas, cotidianas. Muitas vezes, para evitar desentendimentos com os outros integrantes, o Alê pedia uma van e camarim separados. Naquele momento, cada um dos caras tinha a sua turma.

Eu morria de medo que a banda acabasse, não apenas pela nossa segurança financeira, mas principalmente pela sanidade do Alê. Ele sempre dizia que a vida dele era cem por cento Charlie Brown Jr., e era a mais pura verdade. Do momento em que acordava até a hora em que conseguia dormir, ele respirava o grupo. O problema é que o Alê cobrava a mesma postura dos outros músicos.

As pessoas enfrentam as coisas de maneiras diferentes, e, entre o desgaste daquela convivência tão intensa e o jeito mandão do Alê, cada um já começava a pensar num novo projeto. O Pelado, por exemplo, abriu uma casa de música eletrônica e virou DJ nas horas vagas. Na minha opinião, ele tinha todo o direito de fazer o que quisesse, mas aquilo incomodou muito o Alexandre. Ele achava que a dedicação dos integrantes tinha que ser exclusiva ao Charlie Brown Jr.

Cheguei a ouvir muitas queixas dos outros músicos, inclusive a de que eles se sentiam empregados, e não parceiros, do Alexandre. Toda a ideia da banda, a identidade, realmente vinha da cabeça do Alê, e nos momentos mais tensos ele se valia disso. Costumava dizer que era o dono de tudo, mas, no fundo, sabia muito bem a importância daquele grupo, de como cada um dos meninos era indispensável para o CBJr. No meu papel de conciliadora, pedia a ele que tivesse mais cuidado no trato com as pessoas. Ele me dava razão e dizia que ia se policiar mais; porém, quando o nervoso batia, não conseguia se controlar, e algumas vezes acabava sendo mais duro do que precisava. O jeito do Alê era difícil de entender e muitas vezes truculento, mas era o modo dele de cuidar da coisa mais importante na sua vida. Alguns integrantes se ressentiam até mesmo da atenção que os fãs davam ao Alê. Mas, por outro lado, ele também se sentia sozinho. Várias vezes me falou: “Grazi, acaba o show e os caras saem fora correndo. Quem fica lá dando autógrafo,

falando com todo mundo até o fim, sou eu. Eu sou o último a ir pra van. Sinto que muito mais é exigido de mim".

A banda continuou com a sequência de shows pelo Brasil. O Alê estava com os nervos à flor da pele, e no meio de toda a tormenta, em julho de 2004, aconteceu a famigerada briga com o Marcelo Camelo, do Los Hermanos. Muita gente acha que tudo aconteceu por uma única declaração do Camelo, que criticou o Charlie Brown Jr. pela participação numa campanha de refrigerantes. Mas a verdade é que diversas vezes ele se referiu de forma negativa à banda. Em uma ocasião, os dois se encontraram na MTV, e naquele dia o Alê deixou claro que estava incomodado com isso. Algum tempo depois, o próprio Camelo ligou para ele dizendo que havia feito um novo comentário inconveniente, dessa vez para o *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro. Segundo o Alê, o Camelo tentou se justificar com argumentos nem um pouco convincentes. Aquele papo soou muito arrogante aos ouvidos do Alê, desceu errado, o que obviamente apenas piorou a situação. O Alexandre contou tudo isso numa entrevista ao programa *Ensaio*, da TV Cultura.

Até que um dia as duas bandas estavam no aeroporto de Fortaleza, aguardando o embarque para um festival no Piauí, e os dois finalmente se encontraram. O Camelo veio com uma conversa estranha, tentando se explicar mais uma vez, e a prosa acabou virando uma discussão, que terminou com o Alê dando uma cabeçada e um soco no rosto dele. A briga foi parar até no *Fantástico*, e o Chorão era o vilão de toda a história. A confusão se tornou motivo de uma série de boicotes por parte de vários artistas e empresários, principalmente de bandas cariocas, causando o cancelamento de vários shows em festivais. Rolou uma campanha do tipo "se o CBJr estiver, a gente não vai". Sou contra qualquer tipo de agressão e acho que o Alê errou ao tomar essa atitude, mas, segundo o juiz que cuidou do caso, ninguém era inocente. Anos depois, ele deu o veredito de culpa concorrente, quando as duas partes dividem a responsabilidade pelo ocorrido.

A imprensa sempre gostou de tratar o Alê como um eterno bad boy, e dessa vez não foi diferente. Ele se ressentia muito com isso, achava que não recebia o devido reconhecimento como artista, mas não conseguia enxergar que contribuía para aquela percepção.

Mesmo com a banda estourada, shows maravilhosos e milhares de fãs conquistados, ele nunca se sentiu completamente aceito. Como resposta, às vezes subia no palco e assumia aquela postura

desafiadora: “Sou maloqueiro mesmo e não estou nem aí. Falem o que quiserem, eu sou o que sou”.

Era um ponto de honra não mudar, não se transformar em algo em que não acreditava, apenas para se encaixar num determinado modelo de comportamento. Mas ele entendia a necessidade de manter uma boa relação com a mídia, sabia que as premiações eram importantes e que programas como o *Ensaio*, da TV Cultura, o *Acústico MTV* e o *Domingão do Faustão* eram imprescindíveis para o que queria alcançar.

Em meio a tudo isso, o clima entre os integrantes da banda se deteriorava cada vez mais. As tensões aumentavam e surgiam conflitos o tempo todo. Percebendo o que estava acontecendo, a EMI resolveu fazer um contrato separado para o Alê, garantindo que ele permanecesse na gravadora mesmo se a banda acabasse. Sem querer menosprezar o talento dos outros músicos, mas a

EMI sabia de onde as letras saíam e resolveu se garantir. A novidade foi muito mal aceita pelos outros integrantes, que começaram a se sentir desvalorizados e achar que o Alexandre estava levando grana por fora nos shows, o que nunca aconteceu. Não era mais possível continuar com as coisas daquele modo.

Ainda havia um último show marcado para aquele ano, mas antes disso o Alê se reuniu com a banda para uma conversa definitiva, seria o vai ou racha. O dia ficou marcado na minha memória. Lembro de estar em casa, entrar no banho, a água caindo na minha cabeça enquanto eu rezava e pedia a Deus: seja o que o Senhor quiser. Ao mesmo tempo que dizia aquelas palavras, eu me questionava: “Graziela, você está mesmo preparada pro que Deus quiser? Vem pedreira. Como vai ser?”. E naquele momento percebi que eu deveria me esforçar muito para aceitar o que viesse, e acreditar que a gente teria que seguir fosse qual fosse o resultado daquela reunião. Ia ser duro, seríamos eu e ele novamente, enfrentando tudo.

Dito e feito. O Alê entrou em casa e disse:

“Grazi, acabou.”

O Alê não queria a separação do CBJr, mas já estava cansado de tantos desentendimentos, se sentia em território inimigo dentro da própria banda.

Em dezembro, o grupo fez em São Paulo a última apresentação com aquela formação. O clima, supertenso, era palpável. Eu, que sempre costumava assistir aos shows na lateral do palco, dessa vez decidi que queria ficar no gargarejo, bem na frente do Alexandre, e

passar toda a energia positiva que eu conseguisse. Olhando dali, dava para perceber como estava sendo difícil para ele estar no palco naquela noite. Não tirei os olhos dele um minuto. Cantei junto todas as músicas, bati palmas, assobiei e pulei muito até o fim. Quando ele me via tão animada, vibrando na plateia, sorria e cantava para mim. Só nós sabíamos o que estávamos passando, e a nossa cumplicidade silenciosa se fortalecia a cada verso que cantávamos um para o outro. Mesmo passando por uma crise tão contundente, a banda fez um puta show.

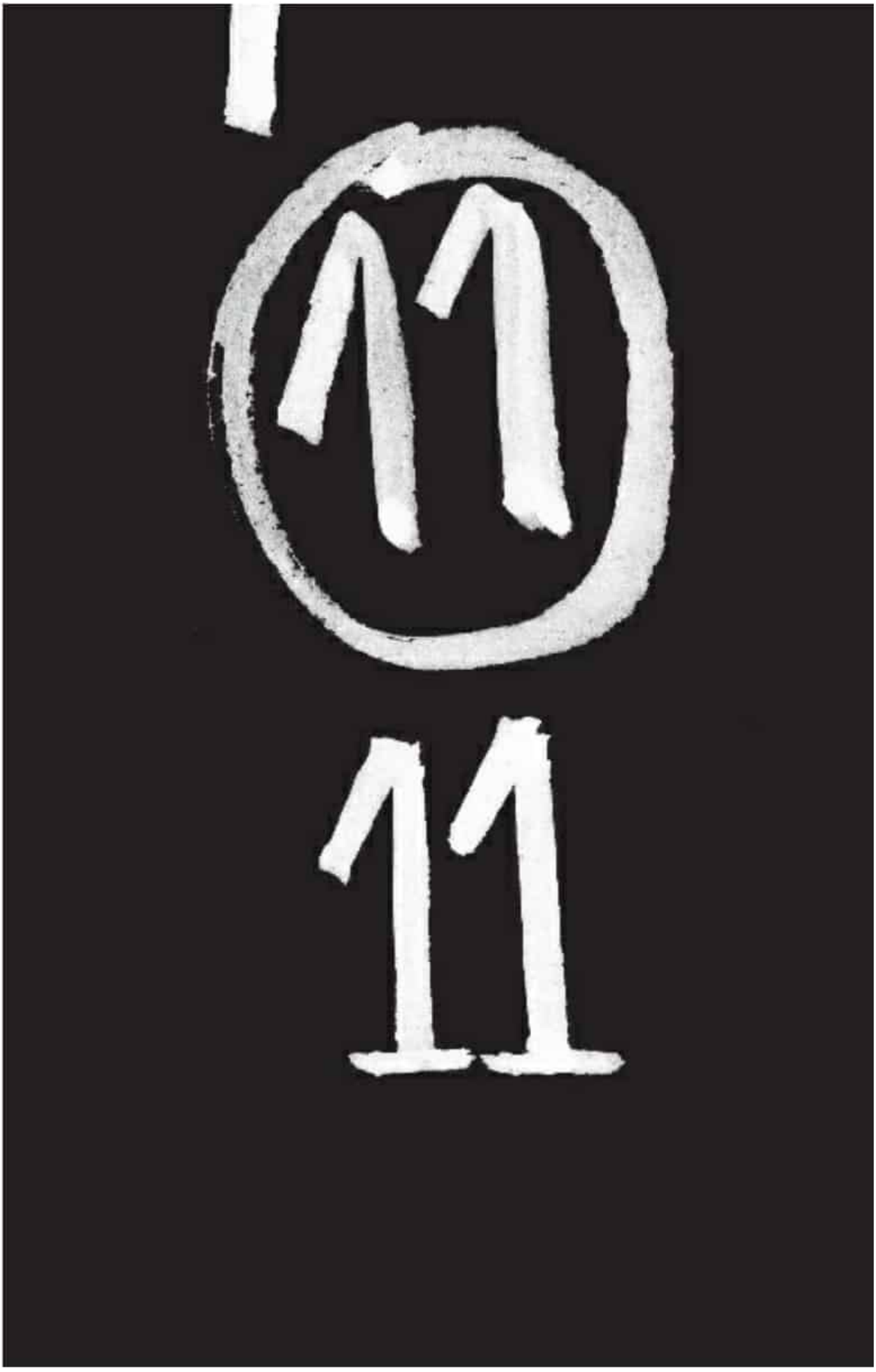
O anúncio de que o Marcão, o Champignon e o Pelado estavam deixando o Charlie Brown Jr. veio no início de 2005. O motivo alegado era que existiam divergências contratuais. A notícia caiu como uma bomba na imprensa. Não demorou muito para que surgissem boatos absurdos e para que o Champignon começasse a dar entrevistas e declarações que insinuavam que a causa da saída de todos eles era porque o Alexandre recebia mais dinheiro do que o resto da banda. Eram acusações graves que trouxeram muitas consequências negativas para a nossa vida e dos nossos familiares. Parecia que o Alê estava com algum vírus extremamente contagioso. Ninguém queria ficar perto ou ter seu nome associado ao dele naquele momento. A fama do seu temperamento difícil justificava as teorias maldosas que circulavam descontroladas. Houve uma polarização imediata entre os fãs. Tinha a turma que apoiava o Champs, o Marcão e o Pelado e outra que permaneceu fiel ao Alê. Vários shows previamente marcados foram cancelados pelos contratantes. Mas não havia tempo para se lamentar. Obstinado que era, o Alê dizia que ninguém iria impedir o sonho dele de continuar. Mesmo muito abalado, no dia seguinte ao acontecido ele já começava a planejar a nova formação do Charlie Brown Jr., e o nome do Thiago Castanho foi o início de tudo. Eles se encontraram para conversar. e o Alê perguntou se ele toparia voltar. O Thiago não pensou duas vezes, e a partir daquele dia se tornou o homem de confiança do Alê nos assuntos da banda, além de principal parceiro de composições.

Foi um período muito pesado. Lembro de um sábado à noite em que estávamos nós dois em casa, assistindo a uma retrospectiva do VMA na MTV, quando ouvimos uma pessoa gritando lá embaixo: “E aí, Chorão! Ladrão filho da puta!”. Aquilo tinha virado rotina, quase todo dia passava alguém de carro na nossa rua e gritava ofensas. Ele olhou para mim, não se segurou e começou a chorar no mesmo

instante. O Alê me abraçava e dizia: “Grazi, eu não mereço isso. Eu não aguento mais, se eu encontro um filho da puta desses nem sei o que eu faço”.

Tudo o que eu podia fazer era abraçá-lo de volta, o mais forte possível, e dizer: “Calma, Tiri, que tudo passa. Não precisamos fazer nada, a vida se encarrega. Você vai ver”.

Em meio a tudo isso, a TV mostrava a apresentação do grupo americano Yeah Yeah Yeahs, cantando uma de suas músicas mais famosas, “Maps”, que tem o verso “Wait, they don’t love you like I love you” (espere, eles não te amam como eu te amo). Eu cantei isso para o Alê e ele de volta para mim. Essa canção ficou muito marcada na nossa história e desde então, entre uma música e outra, ele sempre cantarolava esse verso para mim nos shows.



Alê me mostrando uma música nova durante gravação no estúdio Midas: todos os discos têm faixas que falam do nosso

relacionamento.

Charlie Brown Jr. não havia acabado, iria continuar, disso a gente tinha certeza.

Nos primeiros dias, quando tentávamos assimilar tudo o que tinha acontecido com um pouco de distanciamento, nós nos lembramos de uma história que se encaixava perfeitamente na situação pela qual estávamos passando.

O ano era 1997, e o Alexandre estava prestes a realizar um sonho de fã. O TSOL, grupo de rock californiano de pegada meio punk, meio hard rock, estava no Brasil para algumas apresentações. Ainda longe do sucesso que alcançaria, o CBJr tinha sido escolhido para abrir alguns shows, e os meninos estavam superfelizes de tocar com uma banda gringa que admiravam.

O Alê adorava o grupo, tinha vários CDs deles e dizia que era muito influenciado pelo som dos caras. Apesar de não ter mais nenhum integrante da sua formação original, o TSOL ainda mandava muito bem. No camarim, depois de um desses shows, que aconteceu numa cidade do interior de São Paulo, tivemos a oportunidade de conhecer melhor o vocalista Joe Wood, um cara muito acessível e escolado em matéria de show business. Como o Alê não falava inglês, eu participava do papo também como tradutora-intérprete. O cara tinha se impressionado com o show do CBJr e com a performance do Alexandre como vocalista. Ele fez questão de elogiar e dar um conselho que a gente nunca mais esqueceu: “Aí, garoto, posso te dar um conselho? Nunca queira ser o rei”. Nós dois olhamos para ele como quem pergunta o porquê daquela frase. Ele sacou nossa inocência e completou: “Porque, do rei, todos querem a cabeça”.

Essa conversa de anos atrás fazia todo o sentido agora. Era exatamente assim que o Alê se sentia diante dos últimos acontecimentos. Estava na hora de a gente se recompor e pensar na nova formação do CBJr.

Com a volta do guitarrista Thiago Castanho, o Alexandre se sentiu mais para começar a seleção dos músicos que substituiriam os antigos integrantes. O André Ruas — o Pinguim — se tornou o novo baterista, mas a escolha do baixista era um assunto mais delicado. Seria uma tarefa árdua achar a pessoa com a dose certa de magnetismo e talento para ocupar a vaga de um cara como o Champignon. Foram vários testes até encontrar o Heitor Gomes. Havia muito potencial nele, que é filho de um dos maiores baixistas do Brasil, o Chico Gomes, e o garoto já trazia no sangue a virtuosidade do pai e uma musicalidade própria que encantaram o Alê. Eu sabia que, depois do Alexandre, ele seria o mais cobrado pelo público, afinal estava entrando no lugar de um cara que tinha um estilo próprio muito marcante e que era adorado pelos fãs, além de ser um músico extremamente talentoso e carismático.

O Champignon era muito fã do Flea, baixista lendário do Red Hot Chili Peppers, e assimilou um pouco daquele jeito de tocar com o corpo, não apenas com o baixo, como se ele e o instrumento se tornassem uma coisa só. Era um espetáculo em cima do palco. O Alexandre admirava demais essa qualidade, e os dois se tornaram a linha de frente da banda. Ele até criou o bordão “Chorão e Champignon, mas que responsabilidade”, que servia para apresentar o momento dos shows em que o Champs fazia *beatbox*. Com isso o Champignon ganhou um destaque gigantesco e conquistou muitos fãs. A gente sabia que para alguém entrar no lugar dele teria que ter casca grossa, muito talento e criar o próprio estilo. Tocar bem seria atributo suficiente. Sabendo disso, assumi um papel muito protetor em relação ao Heitor, fazia questão de conversar bastante com ele e dar as dicas que eu achava que poderiam ajudá-lo. Não demorou muito e ele começou a me chamar de madrinha. Temos uma relação de muito carinho até hoje. O Heitor foi corajoso, sabia bem a barra que ia enfrentar, da cobrança e da expectativa dos fãs, e logo aquele moleque ingênuo desenvolveu uma personalidade artística forte e deixou a sua marca na banda. A música “Senhor do tempo” é um excelente exemplo. O Heitor fez a melodia, e o Alexandre criou a letra em cima dela.

Enquanto a banda, já com a nova formação, ensaiava incansavelmente, sabíamos que era necessária uma palavra oficial por parte do Alexandre, uma comunicação direta entre ele e os fãs do grupo. Redigimos um texto e postamos no site:

Enfim tudo se esclareceu. Nunca ninguém mandou ninguém embora, muito pelo contrário, ainda estou muito triste com a saída dos caras, mas entendo que eles têm o direito de procurar seus próprios caminhos. Desejo boa sorte ao Marcão, ao Champignon e ao Pelado em tudo que eles fizerem daqui para a frente. Junto deles compartilhei algumas tristezas e derrotas, mas muitas mais foram as alegrias e vitórias, e isso tenho a certeza de que nunca vou esquecer. Agradeço ao grande apoio que os fãs têm nos dado, e é por causa dessa molecada que sempre compartilhou comigo minha história e meus sonhos e que tornou tudo isso possível pra mim que quero dizer que não vou fraquejar nesse momento de provação. Vou continuar fazendo o que mais amo fazer: cantar pra vocês. Peço aos fãs que deem a oportunidade aos músicos que agora estão comigo assumindo essa grande responsa de levar o trabalho do Charlie Brown Jr. à frente com o mesmo nível musical, pois esses caras têm muito talento e esperaram a vida inteira por uma oportunidade como essa. O Thiago vocês já conhecem dos primeiros discos da banda. O batera, Pinguim, e o baixista, Heitor, também são caras de Santos que são guerreiros e têm muito talento. No dia 15 de abril vamos nos apresentar pela primeira vez em São Paulo e peço novamente à galera que nos dê essa oportunidade. Agora é com vocês, molecada.

E assim o novo Charlie Brown Jr. nascia, consciente de que enfrentaria várias pedreiras pela frente, mas com uma injeção de ânimo trazida pelo sangue novo que circulava entre eles. As declarações dos ex-integrantes sobre a questão do dinheiro continuavam a causar danos. Tentávamos recuperar a parte da agenda de shows que haviam sido cancelados, mas vários contratantes ainda se mostravam inseguros, e a banda ainda teve que enfrentar muitas críticas. Os fãs brigavam entre si, principalmente na internet. Muitos se voltaram contra o Alexandre e não aceitaram a nova formação. Foi a fase de aprender a lidar com as muitas mágoas que ficaram daqueles que, até pouco tempo atrás, faziam parte da nossa vida cotidiana, quase como uma extensão da nossa família. Agora, era olhar para a frente e provar para todos que o Charlie Brown Jr. continuava firme e forte.

Dentro de casa, o Alê tentava relaxar um pouco de todo o estresse trazido por essa crise, mas eram raros os momentos em que ele conseguia se desligar. Sem que eu percebesse, também começaram a aparecer sinais de que a situação me afetava mais do que eu imaginava. Sempre me considerei uma pessoa forte, porém

nunca tinha vivido uma situação tão complicada como aquela. Para mim, começou a se tornar comum ter dores de estômago e me sentir enjoada boa parte do tempo. Acabei indo ao médico, que me diagnosticou com gastrite nervosa. Ele me receitou remédios e passou uma dieta alimentar específica, bem chatinha. Fora isso, eu ainda lidava com a proximidade da minha formatura no Senac e tinha que me dedicar ao meu trabalho de conclusão de curso, que consistia em criar uma coleção e confeccionar as roupas para um desfile. Era muita coisa para uma pessoa já naturalmente ansiosa, e acabei somatizando tudo no coitado do meu estômago. As nossas conversas ganharam um tom mais preocupado, e tentávamos o tempo inteiro criar soluções para reverter as adversidades.

A primeira apresentação da nova formação da banda já estava marcada, e havia pouco tempo para acertar todos os detalhes. Foi uma semana muito tensa, em que o Alê ensaiava o dia inteiro, ficava em cima do Heitor e do Pinguim para garantir aquela pegada característica do Charlie Brown Jr., com bateria forte, baixo com personalidade e notas bem marcadas, ao mesmo tempo que preparava novas músicas para um próximo álbum. A maior preocupação dele era manter a qualidade do som da banda. O Alê sempre se orgulhou muito dos músicos, fazia questão de tocar com pessoas que ele admirava e que fossem os melhores em seu estilo. Ao mesmo tempo, ele estava genuinamente feliz com a volta do Thiago, que passou a ser chamado de “meu capitão”. Os dois passaram a ter uma convivência maior, mais próxima. A ligação entre eles se fortaleceu, e isso ficava evidente quando os dois dividiam o palco.

O show de estreia do novo CBJr aconteceu numa sexta-feira, 15 de abril de 2005, com promoção da rádio Jovem Pan, no extinto DirecTv Music Hall, em São Paulo. O Alexandre estava uma pilha de nervos, assim como os outros meninos da banda. Seria um desafio e tanto encarar o público exigente de São Paulo logo de cara. Antes de o show começar, ele chamou os integrantes no camarim, pediu a todos que se abraçassem numa roda, juntando as cabeças, e fez uma oração por proteção, força e bênçãos para aquela noite, finalizada com o grito: “Charlie Brown, Charlie Brown, Charlie Brown!”. Dava para ver que o Alexandre não apenas teve forças para passar por tudo, mas que voltava com uma pegada ainda mais forte e incisiva. O *set list* incluiu três músicas inéditas, “Too Fast To Live Too Young To Die”, “Liberdade acima de tudo”, “O futuro é um

labirinto”, e uma versão da música “Pra não dizer que não falei das flores”, de Geraldo Vandré, conhecida pelo verso “Caminhando e cantando e seguindo a canção”, um hino de resistência contra a ditadura militar. Essa releitura do Charlie Brown Jr. acabou fazendo parte da trilha da minissérie *Plano Alto*, da TV Record, que retratava os acontecimentos daquela época.

Ainda faltava fazer algo para mostrar aos fãs que toda a força da banda continuava intacta. Sabíamos que o momento era delicado e que muita gente acreditava em qualquer besteira que dissessem sobre o Alê. Então montamos um show especial, na pista de skate do Chorão Skate Park, que acabara de ficar pronta, mas ainda não tinha sido aberta ao público. Foi um evento fechado, apenas para os fãs mais próximos, escolhidos a dedo pela relação de lealdade que tinham com a banda. Era importante para reconquistar a confiança dessa galera, e sabíamos que o melhor jeito de aquilo acontecer seria assistindo a um show do novo CBJr de perto. Trouxemos fãs de todas as partes do Brasil para ver com os próprios olhos que a banda continuava firme e forte e que o som era tão bom e poderoso quanto antes. Continuamos a realizar uma série de ações por um bom tempo para assegurar aos fãs o quanto o Alê se importava com eles. E deu certo. Mas ainda assim aquele continuou sendo um período muito difícil, tivemos que lidar com um verdadeiro linchamento virtual.

O Alexandre ficou muito magoado por receber esses ataques de quem ele chamava de irmão, o Champignon, e sempre achou que as desculpas recebidas mais tarde nunca tiveram a mesma intensidade das palavras usadas para difamá-lo, fato que se tornou a raiz de outro grande conflito até o fim da sua vida. E ali começou uma rivalidade crescente. Eles trocavam indiretas nas letras das suas músicas, e isso continuou a dividir os fãs. No fim das contas, o desgaste moral tinha sido grande.

Apesar dos últimos acontecimentos, o Alê acabou aceitando o convite para gravar o *Família MTV*, um programa que mostrava a vida dos artistas como um reality show. Era uma maneira de mostrar para o público que ele era um cara normal, com outras facetas. Um cameraman ficou na cola dele e dos outros integrantes da banda durante alguns dias, captando imagens do cotidiano, e eu acabei participando também.

Estava toda atrapalhada, finalizando o meu trabalho de formatura, que aconteceria no mês seguinte, e tensa com o período de transição da banda. A minha gastrite continuava me incomodando e

não me deixava comer nada que não fosse purê de batata e água de coco. Um dos momentos do programa foi um jantar preparado pelo Alê para mim. O prato era um peixe que parecia delicioso, mas naquela noite em especial eu me sentia muito pior da gastrite e o meu estômago não aguentava nem o cheiro da comida. Não falei nada na hora para não estragar o clima e não acabar com a felicidade do Alê de ter conseguido fazer um prato tão apetitoso. Aguentei firme e a gravação ficou legal, mas na verdade comi só o suficiente para a captação. Mais tarde acabei falando tudo para o Alê e demos umas boas risadas, como acontecia quando passávamos por situações imprevistas.

Chegou o tão esperado dia da minha formatura. Se antes o Alê se mostrava contra o meu desejo de estudar, agora era a pessoa que me dava a maior força do mundo. Ele chegou no campus onde aconteceriam os desfiles causando alvoroço entre os parentes dos formandos. Sentou na primeira fila, com meu pai e minha mãe, e me prestigiou naquele momento tão importante para mim. Depois de tudo, como já contei, fomos todos jantar e ele me deu o prêmio “Modas Memo”.

Com a conclusão da minha faculdade, um ciclo tinha se fechado para mim. Apesar de eu estar cheia de ideias e com muita vontade de pôr em prática o que tinha aprendido, o momento não era nem um pouco favorável. Eu sabia que o Alê estava precisando de todo o apoio que eu pudesse dar, então ajustei as coordenadas e coloquei a cabeça para funcionar. Ele era um cara avesso à tecnologia, basta dizer que só foi comprar um celular quando já não havia mais como viver sem o aparelho. Todas as pessoas à sua volta já tinham o seu, inclusive eu. Ele não ligava muito para internet, mas chegou um momento em que percebi que já estava na hora de a banda ter um novo canal oficial para se comunicar com os fãs, um site bem bacana. Conversamos sobre essa ideia, ele concordou na hora e ficou empolgado com a possibilidade de produzir conteúdo para o público do CBJr. Com uma condição: eu teria que ajudá-lo a responder aos e-mails dos fãs. Lembrei da amiga dos tempos da minha loja Superfox, a Ludmilla Rossi, que já manjava do assunto e tinha a sua empresa de marketing virtual montada. Ela já havia nos sondado algumas vezes sobre a possibilidade de fazer um site oficial para a banda. Foram alguns meses de espera, aprovação de layouts e produção de material.

Nesse meio-tempo, a banda se preparava para entrar em estúdio mais uma vez. Em agosto de 2005 foi lançado o primeiro álbum da banda com a nova formação, *Imunidade musical*, com 23 faixas e participações dos rappers Rappin' Hood e Parteum em "Cada cabeça falante tem sua tromba de elefante" e do músico nigeriano Jamaica Boy em "Na palma da mão". Entre os hits do disco está a música "Lutar pelo que é meu", uma das mais representativas da banda e que, em 2006, substituiu "Te levar" como tema de abertura do seriado *Malhação* .

Todos os discos tinham músicas que falavam diretamente da nossa história, dos obstáculos que enfrentávamos juntos. "Ela vai voltar" é um retrato disso. Tenho muito carinho pelo momento em que ele me mostrou essa canção, uma das poucas que eu não vi sendo compostas. Mais uma vez, ele fez uma surpresa para mim. A música não estava totalmente pronta, mas o Alê disse que não aguentou, queria ouvir a minha opinião. Era comum ele me mostrar o que compunha e, se eu não gostava de alguma coisa, fazia as minhas críticas sem o menor problema. Estávamos na sala da nossa casa quando ele pôs o som para rolar e me olhava diretamente nos olhos, com aquela expressão de ansiedade tentando desvendar como eu estava recebendo a música. Na letra ele fazia um mea-culpa: "Minha mente nem sempre tão lúcida fez ela se afastar". Durante todo o nosso relacionamento, a banda sempre esteve no meio, a nossa vida pessoal e profissional se tornou uma coisa só. Muitas vezes eu não concordava com algumas atitudes que ele tomava e, quando eu criticava, a gente acabava brigando. Isso gerava uma certa tensão, e essa música fala disso e de tudo o que ele admirava em mim. Até hoje essa canção me emociona de uma forma diferente, porque foi feita num momento muito importante, de transição, um período extremamente difícil. E foi um sucesso. Ficamos sabendo, através de depoimentos de fãs e mensagens, que muitos meninos passaram a cantar essa música para as namoradas. Era o melhor selo de qualidade que uma canção poderia ter: a identificação de quem escuta. O álbum também tinha "Dias de luta, dias de glória", uma referência direta a tudo o que havíamos passado nos últimos tempos. E a gente sabia que a nossa vida continuaria sendo exatamente assim, alternando muitos dias de luta e muitos dias de glória. Aprendemos que o sucesso, a fama e o reconhecimento são coisas fugazes que, mesmo tendo muita importância na vida de um artista, não devem ser levadas muito a sério. E tinha ainda "Cada

cabeça falante tem sua tromba de elefante", um recado direto para a turma do contra. "Problema todos têm e eu tenho também/ Mas graças a Deus não devo nada a ninguém", diz um dos versos.

Junto com o álbum, a banda lançou o DVD *Skate Vibration*, que trazia imagens das gravações do disco, de alguns shows feitos naquele ano e cenas de skate, que não podiam faltar em qualquer coisa que o Alexandre fizesse.

Para arrematar todo o trabalho daquele ano, o site finalmente ficou pronto e o Alê adorou o resultado. Cada integrante tinha o seu e-mail pessoal para se comunicar com os fãs. Durante uma participação da banda no *Domingão do Faustão*, ele anunciou com orgulho o lançamento do site oficial da banda e deu o endereço virtual para todo mundo conferir. Foi um sucesso, com milhões de acessos na primeira semana no ar. Como ele mal sabia ligar um computador e não tinha o menor interesse em aprender, eu cumpria a minha parte no nosso trato e respondia aos e-mails que chegavam para ele.

É claro que ele via todos antes e às vezes me dizia o que escrever, mas quase sempre falava: "Grazi, pode responder, você já sabe o que eu diria". Algumas mensagens eram delicadas, de gente contando que encontrou força na música do Charlie Brown Jr., que as letras ajudaram a evitar alguma loucura ou a conquistar alguma coisa. Líamos e ficávamos emocionados. Era evidente o impacto positivo que ele causava na vida de muitas pessoas, e aquilo era incrível e especial. Pode parecer absurdo, mas o Alê ainda tinha uma insegurança imensa em relação ao seu valor, então, quando lia um relato daqueles, ele se enchia de motivação. Era como se ele encontrasse uma validação para tudo o que estava fazendo. Mostrava que estava cumprindo mais do que uma missão artística, que realmente fazia diferença para melhor na vida de muitas pessoas.

Para aumentar ainda mais a conexão com os fãs, nessa época passamos a cobrir cada passo da banda. Todos os shows, aparições em programas de TV, gravações em estúdio e até as sessões de skate eram documentados com fotos e textos do Jerri Rossato, que passou a acompanhar o Charlie Brown Jr. em todos os rolês e a postar tudo isso no site da banda.

O ano já estava acabando, e o Chorão Skate Park estava com tudo em cima para ser aberto ao público oficialmente. Mais um sonho se tornaria realidade. A pista se transformou numa das principais

atrações para a molecada que curtia skate da cidade e uma referência para os skatistas profissionais, tanto que sediou várias etapas do Circuito Brasileiro de Freestyle.

No dia da abertura, 6 de novembro de 2005, houve shows do Dead Fish, A Filial, Parteum e, obviamente, do Charlie Brown Jr. Contudo, antes mesmo de abrir, o lugar já colecionava histórias. Alguns meses antes da abertura, o skatista americano Bam Margera, que ficou conhecido pela participação no programa *Jackass*, veio ao Brasil e gravou imagens para o seu programa, *Viva la Bam*, exibido pela MTV. Ele foi até Santos para uma sessão de skate no Chorão Skate Park, junto com os skatistas Bob Burnquist e Jen O'Brien, que eram casados na época, além dos brasileiros Fabrizio Cara de Sapo, Bruno Passos, Sandro Dias e, obviamente, o próprio Alê, que acabou participando da gravação do programa e tocando algumas músicas com o Charlie Brown Jr. Os gringos ficaram impressionados com a pista e também por saber que existia uma banda que fazia um som tão foda como aquele aqui no Brasil.

12

reestruturação da banda implicou mais mudanças e aumentou a pressão no nosso dia a dia.

O Alexandre achou que estava na hora de cuidar das coisas mais de perto, rompeu com o empresário e resolveu abrir um escritório próprio para cuidar de tudo o que se relacionava a ele e ao Charlie Brown Jr.

O nome era Matriz. Para ajudá-lo nessa nova empreitada, ele convidou a irmã mais velha, Kátia, para ser o seu braço direito, tomar conta da administração e da parte financeira. Ela, que na época ainda vivia em Portugal, aceitou o convite e se mudou para Santos. Para vender os shows e atender aos contratantes, ele convidou a Samantha de Jesus, santista já experiente em show business, e a minha irmã, Mariela, assumiu a assessoria de imprensa. Também fazia parte da equipe a Bruna Justus, como assistente da Kátia. Tudo continuaria passando pelo crivo do Alexandre, que conseguiria ter mais gerência sobre a própria carreira. Nos tornamos responsáveis não só pela banda e pelo Chorão Skate Park, mas por toda a estrutura que os envolvia: os funcionários e toda a equipe que trabalhava com a banda na estrada, como produtor, técnicos e *roadies.* Se por um lado era mais fácil estar no controle do caminho que a banda iria tomar, por outro começamos a aprender que ser independente incluía uma série de dificuldades. Os custos eram altos e a responsabilidade, muito grande. O Alê não tinha medo de encarar novos desafios e assumiu mais esse papel. Nossa casa se tornou uma extensão disso tudo, e ficava cada vez mais complicado separar as coisas.

Apesar de a Matriz ter uma sala comercial em Santos, ele passava a maior parte do tempo no escritório, em casa, resolvendo as pendências por telefone. Ele me escreveu um bilhete nessa época se justificando por não ter me acompanhado num compromisso,

onde explicava um pouco seu lado antissocial: “As pessoas me assustam! Eu assusto as pessoas”. Não era raro o clima ficar pesado, o que acabava trazendo uma dose a mais de estresse para nossa rotina. Quando eu percebia que as coisas estavam tensas, ficava junto dele até que a situação fosse resolvida ou amenizasse.

A separação da banda e a maneira traumática como ela ocorreu foram um divisor de águas. O Alexandre tinha se tornado uma pessoa muito mais nervosa e preocupada, mais sensível às críticas e contrariedades e, por mais que fosse difícil para ele admitir, era evidente que tinha desenvolvido uma necessidade de estar um passo à frente dos ex-integrantes. Mesmo que não houvesse ameaça alguma ao trabalho do Charlie Brown Jr., ele acabou desenvolvendo uma competição inconsciente. Sentia obrigação de atingir um sucesso cada vez maior.

Saturado por toda a carga que passou a carregar, ele precisava de uma válvula de escape, que muitas vezes era fazer o bem. O Alê sempre foi uma pessoa extremamente generosa, e parecia natural devolver para o mundo um pouco de tudo o que já tinha ganhado. Quando soubemos da Casa Caio, que ficava perto do nosso apartamento, o Alê logo ficou interessado. A instituição cuidava de crianças com o vírus HIV e precisava de ajuda financeira para manter as portas abertas. Ele começou a fazer contribuições em dinheiro, compras mensais de supermercado e visitas à molecada. Eles ficavam sempre muito felizes e motivados de ver o Chorão ali com eles.

Também em 2006 aconteceu em São Paulo a cerimônia de entrega do Troféu Dia do Skate, evento criado pelo então deputado Turco Loco, para premiar skatistas e pessoas ligadas a esse esporte. Nesse dia conhecemos o Sandro Testinha, que desenvolvia um trabalho social chamado Skate na Febem (instituição que acolhe menores infratores, hoje conhecida como Fundação Casa) usando o skate como instrumento de educação e inclusão social. Ele também recebeu um dos prêmios naquele dia e seu discurso, cheio de críticas sociais supercoerentes, chamou a atenção do Alê.

“Tu foi o único que falou a verdade nesse palco hoje. Preciso te conhecer melhor e ver como posso te ajudar”, disse o Alê para o Testinha.

Assim começou o envolvimento do Alê com aquele projeto social. A primeira visita foi na unidade de Ferraz de Vasconcelos, na cidade paulista do mesmo nome, onde conversou com os internos e

procurou passar uma mensagem de força e esperança. Em seguida, com a ajuda do Testinha, organizou uma visita de quarenta internos ao Chorão Skate Park. Em 2010, fez um show na Fundação Casa de São Vicente, para os meninos de lá. Como nem sempre podia ir à instituição, ele deu outro jeito de participar: doou as minirrampas que eram usadas nos shows para ser utilizadas nas ações da ONG Social Skate, do Testinha. O Hospital do Câncer de Barretos foi outra instituição com a qual o Alê se identificou e quis colaborar. Nós conhecemos o Henrique Prata, diretor presidente da Fundação Pio XII, que administra o hospital, durante uma participação do Charlie Brown Jr. na Festa do Peão de Boiadeiro, em Barretos. Os dois conversaram bastante. O Alê contou que tinha perdido o pai para aquela doença e o Henrique, por sua vez, falou sobre tudo o que o hospital oferece aos pacientes, uma estrutura de última geração com atendimento pelo SUS, e comentou que sempre havia espaço para melhorias. Uma delas era a necessidade da construção de um local para abrigar os motoristas que transportavam diariamente quem estava em tratamento. Encantado com a história de dedicação e a excelência daquela instituição, o Alexandre se prontificou a ajudar. No dia 28 de abril de 2006, o CBJr tocou num dos maiores encontros de motociclistas do país, o Barretos Motorcycles, com a renda totalmente revertida para o hospital.

Com essa doação, as obras das instalações para os motoristas começaram. O Henrique sugeriu batizar o local de Pavilhão Chorão ou Alexandre Magno Abrão, mas o Alê pediu que o alojamento recebesse o nome do seu pai. Assim, no dia 7 de maio de 2008, foi inaugurado o Alojamento de Motoristas Geraldo Abrão de Jesus.

Sem dúvida, o envolvimento do Alê com a filantropia e a satisfação real que ela proporcionava tiveram um papel muito positivo na sua vida. Além disso, ele estava sempre disposto a ajudar quem lhe pedisse qualquer auxílio. Familiares, amigos e funcionários da banda conheceram a sua generosidade.

Também acho importante falar de quanto ele estava empenhado em criar um clima de união entre as pessoas que faziam parte do nosso convívio. Todos eram convidados para as festinhas que passamos a fazer em casa. Podia ser o aniversário dele ou o meu ou até uma festa junina, como aconteceu em 2006, com direito a roupas típicas e dança de quadrilha na nossa sala, com os móveis afastados. O Heitor, o Pinguim, o Thiago, os nossos funcionários, das meninas do escritório até os seguranças, as respectivas

esposas, maridos, namoradas e namorados, todos eram bem-vindos. Todo mundo se divertia, conversava e se enturmava. Ele queria que todas as pessoas estivessem fortes e unidas, convivendo dentro da maior harmonia possível.

Mesmo com novas e maiores responsabilidades, o Alexandre continuava criando, e sua imaginação extrapolava a música. Entre shows e compromissos com o CBJr, ele conseguiu finalizar o roteiro original do filme *O magnata* e começou a idealizar um livro de fotos e um DVD com registros da trajetória da nova formação da banda, dos fãs que os acompanhavam e de tudo o que envolvia sua vida, como seu amor pelo skate, sua família e eu.

O magnata era um projeto ousado, e pouca gente levou a sério quando o Alexandre falou que ia fazer um filme, mas ele realmente adorava cinema e tinha suas preferências bem definidas. O Spike Lee, por exemplo, era um dos seus ídolos, e tivemos a sorte de encontrá-lo em Nova York, uma dessas coisas que só acontecem uma vez na vida. Estávamos dando uma volta no Washington Square Park quando avistamos, vindo na nossa direção, ninguém menos que o próprio cara. O Alê não pensou duas vezes e, quando o cineasta passou por nós, disse: “What’s up, Spike?” (E aí, Spike?). E ele retribuiu, “What’s up, man?” (E aí, cara?). O Alê ganhou o dia, ficou feliz feito um menino, pois amava filmes como *Faça a coisa certa* e *Malcolm X* .

Para *O magnata* acontecer, ele teve que batalhar muito e usar todo o talento de vender as suas ideias, até que conseguiu reunir um time de peso para rodar o filme. A Gullane Filmes, dos irmãos Fabiano e Caio Gullane, abraçou o projeto. A direção ficou com o Johnny Araújo, parceiro da banda, que já realizara vários videoclipes para o Charlie Brown Jr., mas nunca tinha dirigido um longa. O roteiro do Alê passou pelas mãos do Bráulio Mantovani, que já era conhecido por seu trabalho no filme *Cidade de Deus* e depois seria o roteirista de *Tropa de elite*.

Ele ajudou a pôr todas aquelas ideias no formato adequado para o cinema, dividiu-as em cenas e ajudou no desenvolvimento dos diálogos. O elenco teve muitos atores famosos, como Juliano Cazarré, Maria Luiza Mendonça, Chico Diaz e Milhem Cortaz. E o querido santista Paulo Vilhena, que interpretou com maestria o papel do playboyzinho rico que queria ser um mano e acaba se dando mal.

O filme era intenso, rápido, misturava cinema com música, animação, cultura hip-hop, grafite e skate. Entre os convidados

especiais que aparecem no filme estão o João Gordo, o skatista Bob Burnquist, o Marcos Mion, o Marcelo D2 (em versão desenho animado) e, obviamente, o Charlie Brown Jr.

Sempre que possível eu ia assistir às filmagens, e numa dessas oportunidades, em Maresias, rolou a cena da festa, que aconteceu num casarão com piscina em frente à praia. O trabalho virou a noite e eu olhava todo aquele aparato, todas aquelas pessoas ralando, e pensava: “Olha só aonde o meu menino chegou”.

O filme teve um bom público, recebeu críticas positivas e foi exibido em festivais de cinema brasileiro em vários países do exterior. Isso era muito animador, pois se tratava de um resultado inesperado para um iniciante.

O filme chegou aos cinemas em novembro de 2007, sendo exibido nas principais salas do Brasil. O lançamento em Santos foi uma ocasião especial. O Cine Roxy, da avenida Ana Costa, no centro da cidade, foi o local escolhido para a festa. Além dos nossos familiares, amigos e convidados, o público também participou e curtiu a exibição do filme. Havia uma minirrampa na porta, com skatistas se apresentando, e o Alê ganhou uma estrela na calçada da fama em frente ao cinema.

A banda, já entrosada, foi responsável pela trilha do filme, lançada como um disco do CBJr. Batizado de *Ritmo, ritual e responsa*, conta com 23 músicas e vários convidados especiais, como o João Gordo, o rapper MV Bill, o Marcão, do grupo Lobotomia, todos os integrantes da banda carioca Forfun e o Xangaii, vocalista do grupo eletrônico português Paranormal Attack, com o qual rolou uma parceria na faixa “Paranormal”. A primeira música de trabalho foi “Não viva em vão”, que o Alê fez com o Thiago Castanho. Depois vieram “Pontes indestrutíveis”, o maior sucesso do disco, que entrou na trilha sonora de *Amor à vida*, e “Be Myself”, que fez parte da trilha de *Duas caras*, ambas novelas das Rede Globo. As composições traduziam principalmente os sentimentos que prevaleciam naquele momento, a busca de um novo caminho e sentido para as coisas, a importância do amor e a superação de decepções.

Com as coisas sob controle, achei que era uma boa hora para encarar uma nova empreitada pessoal. Já fazia algum tempo que minha irmã e eu falávamos sobre uma marca de roupas que tivesse a nossa cara. O universo rock ‘n’ roll dos anos 1970 e as suas famosas groupies foram a nossa inspiração para criar a Moon.

Em vez de uma loja, começamos bem devagar com um pequeno showroom num quarto na casa da minha mãe, mas a coisa acabou crescendo e mudamos para uma sala comercial onde criávamos as peças, estocávamos as roupas e recebíamos os clientes. Era o momento pelo qual eu sempre esperei, me sentia realizada trabalhando em algo que amava e ao lado da Lela, minha irmã e amiga. Ela dividia seu tempo entre o trabalho com o CBJr e a Moon, mas dava supercerto. Até que um acontecimento inesperado me tirou de cena e me obrigou a apertar a tecla *pause* na minha vida mais uma vez.

Depois de três anos como baterista do Charlie Brown Jr., André Ruas, o Pinguim, resolveu deixar a banda em 2008. O motivo apresentado foi incompatibilidade no relacionamento com o Alexandre. Pouco tempo depois, veio a surpresa desagradável: fomos avisados pelo nosso advogado que o Pinguim havia aberto uma ação trabalhista contra o Alê, pedindo uma indenização surreal de 4 milhões de reais. Se ainda hoje essa soma parece assustadora, imaginem em 2008. A ação continha demandas nas quais ele descrevia o período em que esteve na banda como “um calvário”. Alegou, entre outras coisas, que teria ficado surdo por conta do volume em que a banda tocava. Um perito até chegou a fazer uma medição do nível de decibéis num show do Charlie Brown Jr. para o processo. No fim, o Pinguim perdeu a ação, mas o dano causado por isso na nossa vida foi grande.

Durante todo o período da ação, passamos a viver sob um nível de estresse ainda maior. Apesar de termos removido a imagem do baterista do site e de toda a comunicação visual da banda, ainda acontecia de alguns contratantes desavisados usarem fotos antigas para divulgar os shows sem o nosso conhecimento, apesar de enviarmos o nosso novo material de divulgação. Sempre que isso acontecia, recebíamos uma notificação da parte do Pinguim, que não queria de jeito nenhum a sua imagem atrelada ao CBJr e repetia que não autorizava a utilização de material em que ele aparecesse. Além disso, ainda havia o nosso escritório, a banda, a agenda, a pista de skate e a nossa família para administrar. Nada era simples, tudo envolvia prazos, pagamentos, e a todo momento surgia uma treta nova para resolver. Mesmo com a Kátia na linha de frente, a palavra final era sempre do Alê.

Todas essas adversidades deixavam o Alexandre ainda mais tenso, e eu, por viver todas aquelas situações com ele, acabava

absorvendo a energia, achando que daria conta. Ele chegava em casa estressado e obviamente desabafava comigo. Eu sempre tentava diminuir o peso das coisas negativas e ajudá-lo a ter uma nova visão mais positiva sobre os problemas. Mesmo que eu tentasse manter uma atitude mais leve, não havia como deixar de ser afetada por tudo o que o atingia. Nossa vida era uma só. Mas a última coisa de que ele precisava era alguém do lado dele colocando pilha errada.

Apesar de tudo o que estávamos passando, a mensagem oficial no site da

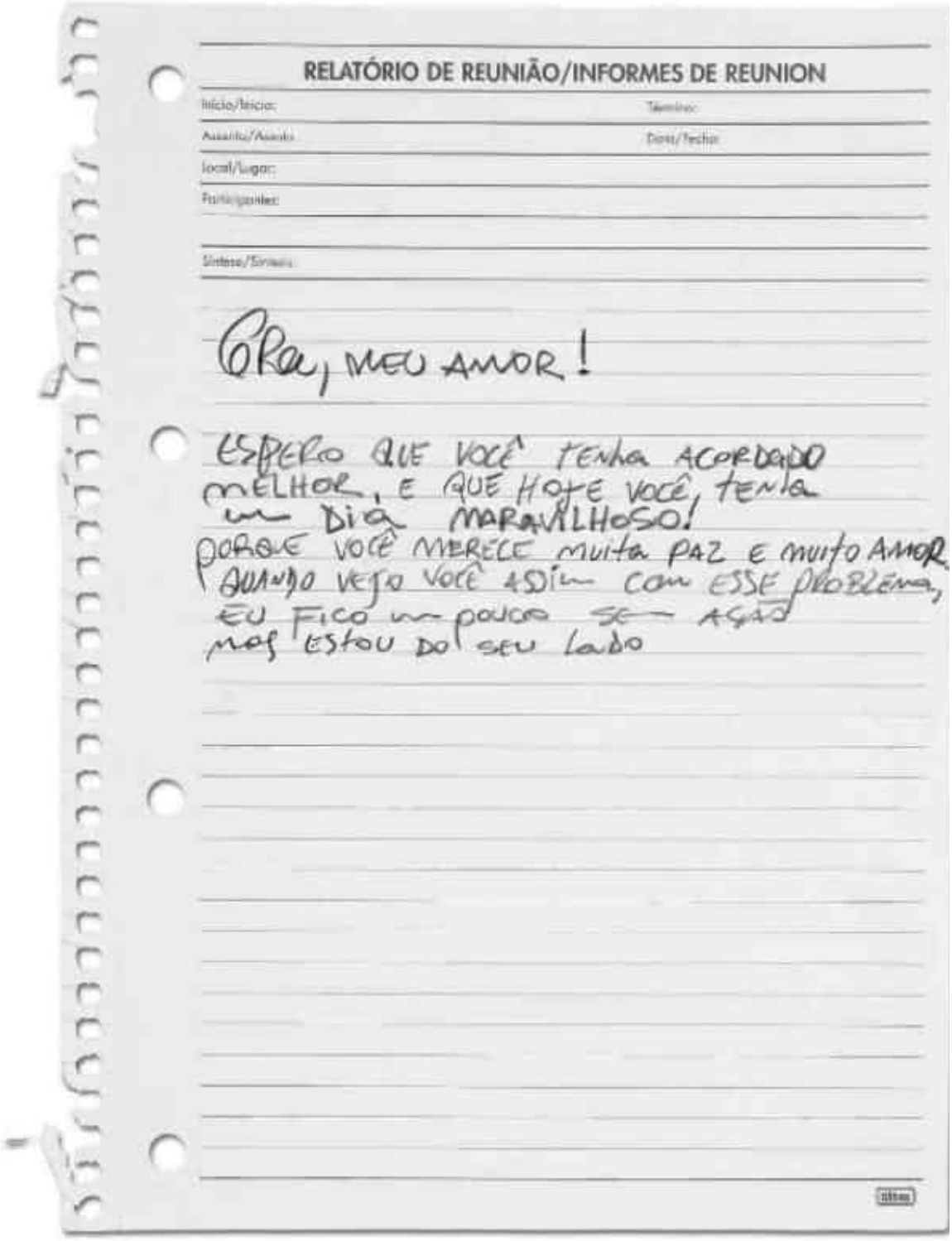
banda, publicada no dia 23 de abril de 2008, amenizava os acontecimentos e passava a sensação de uma separação tranquila: o fim do contrato do baterista já estava previsto para aquele momento, e nenhuma das partes quis renovar. Não havia por que lavar roupa suja em público.

Eu nem imaginava o quanto meu organismo ia acusar o golpe de tantas preocupações até que, numa terça à noite, enquanto estava sozinha em casa vendo TV, tive meu primeiro ataque de pânico. Aconteceu logo depois que recebemos uma daquelas notificações do processo do Pinguim. De repente, meu coração disparou, parecia que estava na minha boca. Comecei a suar frio, senti um enjoo violento e subiu um calor até o meu rosto. Minha barriga começou a doer, fiquei gelada e, na minha ignorância, pensei que estava tendo um ataque do coração. Liguei para o Alê, que estava ensaiando, e contei que estava passando muito mal. Em menos de cinco minutos ele chegou em casa e me levou correndo para o hospital. Lá me examinaram, fiz um eletrocardiograma, tirei pressão e colheram meu sangue. Os resultados vieram, não havia nada de errado comigo. Depois de me medicar com um calmante, o médico explicou que todos os meus sintomas eram típicos de uma crise de ansiedade. Ele sugeriu que eu procurasse um especialista para investigar melhor e fazer o tratamento adequado. Acabei sendo diagnosticada com síndrome do pânico. Tive muitas crises como essa e cheguei a um ponto em que nem conseguia mais sair de casa. Adeus Moon, eu não tinha mais a menor condição de manter o negócio.

Para me distrair, passava o dia todo vendo futebol na televisão, em especial os jogos do campeonato inglês, que eu amava. Torcia pelo Manchester United, que na época contava com o grande jogador Cristiano Ronaldo. Acompanhava todos os jogos da Liga dos Campeões, e aquilo funcionava como uma terapia. Cada um tem um

jeito de lidar com essa fase da doença. Para mim, assistir aos jogos foi a maneira que encontrei para controlar meu mal-estar. Ver as partidas me dava a impressão de estar vivendo alguma coisa, que não estava em casa simplesmente sentada no quarto olhando para o teto. Eu estava ali torcendo por algo que acontecia efetivamente naquele minuto. De alguma forma eu estava participando, me sentia um pouco mais viva, e isso acabou me ajudando muito. Para controlar as crises mais agudas, tive que começar a tomar ansiolíticos. Quem já passou por isso sabe que a impressão é de que podemos ter uma crise a qualquer momento, e a cada crise o sentimento de impotência diante da doença é total. Fiquei tão paranoica que levava na bolsa um medidor de pressão, daqueles digitais, nas ocasiões em que conseguia sair de casa. Cada vez que sentia algo diferente, recorria ao aparelho para saber se estava tudo bem. Mantinha outro medidor no meu criado-mudo, de tão apavorada que eu me sentia o tempo inteiro. Você sente que não tem controle sobre mais nada. Quem sofre da síndrome do pânico muitas vezes vê o seu mundo diminuir até chegar a um ponto em que não consegue mais sair do quarto. Dá medo de tudo. Nesse

período eu me afastei bastante dos shows e ensaios, porque simplesmente não conseguia sair de casa nem para ir à padaria. O Alê se preocupava muito comigo, fazia questão de saber se eu estava indo ao médico, se minha pressão estava boa. Se estivéssemos juntos e eu me sentisse mal, ele ficava mais nervoso do que eu, não sabia o que fazer.



RELATÓRIO DE REUNIÃO/INFORMES DE REUNION

Início/Inicio: Término:

Assunto/Asunto: Data/Fecha:

Local/Lugar:

Participantes:

Síntese/Síntesis:

Oba, MEU AMOR!

ESPERO QUE VOCÊ TENHA ACORDADO MELHOR, E QUE HOJE VOCÊ TENHA UM DIA MARAVILHOSO! PORQUE VOCÊ MERECE MUITA PAZ E MUITO AMOR. QUANDO VEJO VOCÊ ASSIM COM ESSE PROBLEMA, EU FICO UM POUCO SE— AÇÃO MAS ESTOU DO SEU LADO

Um dos bilhetes que o Alê me deixou na época da síndrome do pânico: “Espero que você tenha acordado melhor, e que hoje você tenha um dia maravilhoso! Porque você merece muita paz e muito amor. Quando vejo você assim, com esse problema, eu fico um pouco sem ação, mas estou do seu lado.”

Um jeito especial que ele encontrou de cuidar de mim todos os dias era na hora de dormir, quando massageava meus pés até eu pegar no sono. Comecei a fazer terapia e fui entendendo como tudo funcionava, que aquela descarga de cortisol, hormônio que controla o estresse, na corrente sanguínea era reabsorvida em mais ou menos vinte minutos e depois disso os sintomas começavam a melhorar. Aprendi a fazer exercícios de respiração, que ajudaram bastante.

Quando meu coração disparava, eu conseguia controlar simplesmente respirando. E assim, aos poucos, fui aprendendo sobre a doença, os motivos de ela ter se manifestado em mim e como fazer para aquilo não se repetir. Foi um trabalho de autoconhecimento. Com o tempo, consegui me libertar e me sentir pronta para a vida mais uma vez.

O preconceito sobre esse tipo de doença mental ainda impede muita gente de se tratar de modo correto. O fato é que vivemos num mundo que nos cobra uma perfeição impossível de ser alcançada. A vida real não é assim. Mas, até a gente sacar isso, já compramos como verdade boa parte dessa balela e deixamos que essa cobrança nos afete. As pessoas podem sim ter uma depressão ou uma síndrome do pânico, ninguém é super-homem. A gente vive num mundo de muitas exigências, e não há ser humano que consiga lidar com tanta coisa e sair ileso. A vida é complicada, a nossa caminhada tem coisas incríveis, mas também tem dificuldades, desafios e perdas. Temos de aprender o que realmente nos faz felizes e parar de engolir padrões que acabam nos colocando dentro de caixas e nos sufocando.

13

o início de maio de 2008, o Charlie Brown Jr. ia gravar o *Estúdio Coca-Cola Zero*, um programa da MTV que juntava no palco dois artistas de universos musicais diferentes.

Dessa vez, todo o peso da banda se juntou à delicadeza da cantora de MPB Vanessa da Mata. Com a saída do Pinguim, houve pouquíssimos dias para encontrar um novo baterista e ensaiar o repertório escolhido, mas no fim deu tudo certo. O santista Bruno Graveto assumiu o posto, e a gravação do programa foi perfeita. De todo modo, era mais uma mudança na banda, que trazia novos obstáculos e reforçava a pressão em cima do Alexandre como líder.

Exteriormente ele continuava sorrindo, com seu jeito brincalhão e cheio de marra, mas quem o conhecia de verdade sabia que as coisas não iam tão bem. E era dentro de casa que o Alê podia ser ele mesmo e deixar transparecer o quanto já começava a se sentir cansado de toda aquela responsabilidade. Eu percebia que, em certos dias, ele se mostrava mais irritadiço que o normal, mas quando eu perguntava o que estava acontecendo, ele dizia que eram os problemas de sempre e nada mais.

Paralelamente a isso, o Alexandre deu seguimento aos planos de montar suas marcas de vestuário voltadas para o *skatewear*, a Doce e a Plata. Ele passou a patrocinar alguns atletas e a usar as roupas das marcas nos shows, entrevistas e no dia a dia também. Era bacana vê-lo envolvido no universo da moda, que até então era só meu. Muitas vezes ficávamos conversando sobre tendências, padrões e tecidos que seriam melhores para este ou aquele modelo de roupa. E, para a própria surpresa, ele acabou gostando de expressar sua criatividade por mais esse meio.

Já estávamos casados havia cinco anos, e a questão de ter filhos e construir uma família voltou a aparecer para mim, mesmo com toda a instabilidade do nosso dia a dia. A dor de ter perdido um filho nunca saiu totalmente de dentro da gente, e eu acreditava que

aquele era o momento para curarmos a ferida de vez. A meu ver, estávamos mais maduros e prontos. Porém, quando toquei no assunto com o Alê, mais uma vez ele me pediu que esperasse. Estava preocupado com o rumo que as coisas poderiam tomar, não se sentia seguro para dar aquele passo. Fiquei inevitavelmente decepcionada, mas acabei aceitando as razões dele e não toquei mais no assunto. Sempre há aquela amiga que aconselha a parar de tomar o anticoncepcional e tentar engravidar sem falar nada, mas a estratégia me soava desleal. Para mim, ter um filho era uma decisão que deveria ser desejada e planejada por nós dois.

Depois de sete anos de contrato com a gravadora EMI, eles assinaram com a Sony Music e, em 2009, iniciaram as gravações de um novo álbum. O sentimento que nos guiava era de luta, de constante superação, como se o caminho que o CBJr percorria não desse tréguas. O sucesso existia, sim, mas só nós, que vivíamos aquilo de perto, sabíamos o preço que ele cobrava. Era essa vibe de continuar firme na luta que ele queria transmitir para o próximo disco, cujo nome é repleto de significados.

Durante um voo, folheando a revista de bordo, o Alexandre bateu os olhos numa reportagem sobre o Pelé, ilustrada por uma foto do craque jogando futebol debaixo de uma chuva pesada. O Alê viu muito além daquela imagem, arrancou a página, levou para casa e fixou no mural em frente à sua mesa. Foi aquela foto, uma imagem tão forte de determinação e vitória, que o inspirou a criar o nome para o CD que estava sendo gravado. Aquele pedaço de revista permaneceu no seu mural até o fim da vida dele.

Camisa 10 joga bola até na chuva foi o nome perfeito, porque, além da alusão à força e à persistência, aquele era o décimo álbum do CBJr. Lançado em setembro de 2009, o trabalho foi produzido pelo Alê, o Thiago Castanho e o Rick Bonadio. A ideia era resgatar a sonoridade do início da carreira, e o dedo do Rick, cujo trabalho o Alê continuava admirando, traria mais uma vez a pegada sonora almejada.

A criatividade dele com as palavras ia dos nomes dos discos aos bilhetes amorosos que escrevia para mim. Como um recadinho de 2009 que termina com frases que rimam e cita o fotógrafo americano David LaChapelle:

Menina encantada do mundo. Você é pura, lúdica e subversiva. Como uma foto de LaChapelle. Linda, viva, brilhante

Agora ainda mais que antes.

Momento encantado que tenho comigo
Te ver dançando é realmente perigo

Uma das canções do *Camisa 10*, “O dom, a inteligência e a voz”, foi composta em 2001, logo depois de um encontro com a Cássia Eller nos bastidores de um show no Sesc Interlagos. O Alê disse a ela que seu jeito tímido fora do palco em contraste com o talento avassalador quando se apresentava o cativou instantaneamente. Sempre que se viam, rolava aquele papo de combinarem de gravar algo juntos, mas o tempo passou, os compromissos de ambos os lados eram constantes e eles nunca fizeram nada juntos. Ela morreu no dia 29 de dezembro daquele ano, 2001, apenas duas semanas depois de a música ficar pronta.

O primeiro single, “Me encontra”, chegou às rádios quase dois meses antes do lançamento do disco. Mas foi outra canção, “Só os loucos sabem”, que se tornou o maior hit do álbum. Aquela balada linda, só voz e violão, tocou o coração das pessoas (“Um homem quando está em paz/ Não quer guerra com ninguém”, diz a letra) e atingiu ótimas colocações nas paradas. Por trás dela também há uma história muito forte para o Alexandre. Já fazia tempo que na rotina dele não havia muito espaço para a normalidade.

O sucesso não era mais novidade e passou a vir acompanhado de problemas. Vários amigos tinham se perdido pelo caminho. E ele começava a experimentar uma sensação de tristeza, apesar de tudo o que tinha conquistado. A melancolia que ele sempre trouxe dentro de si, e que foi um ingrediente importante na composição de muitas letras, estava potencializada, e parecia ganhar traços de depressão. Quando conversávamos sobre isso, ele falava que estava começando a se cansar de tantas responsabilidades e que sentia falta da alegria de quando tinha mais inocência em relação à vida. Apesar de nunca ter sido um cara religioso, no sentido literal da palavra, ele acreditava em Deus e buscava respostas que, para ele, só a fé traria. Foram dois grandes amigos, o Glauco e o Tarobinha, ambos skatistas de responsa convertidos e frequentadores da igreja Bola de Neve, que o convidaram para um culto em São Paulo.

Haveria pregação e música, o Rodolfo Abrantes, ex-Raimundos, ia se apresentar, e a possibilidade de encontrar o cara de quem já tinha sido tão próximo deixou o Alexandre com mais vontade de ir. O lugar era grande, estava lotado, e as pessoas que chegavam para o evento começaram a reconhecê-lo. Dar autógrafos e tirar fotos estava longe de ser um problema para ele, mas naquele dia o

propósito era outro. Ele queria ser mais um na multidão que também buscava paz. Conhecendo bem o amigo, o Glauco o levou para um lugar mais reservado, onde poderia ter um pouco de privacidade para escutar as mensagens e refletir sobre elas. E foi isso o que o Alê fez durante todo o tempo em que ficou ali. Sentado num canto, abraçou os joelhos, abaixou a cabeça e permitiu se sentir em comunhão com a energia de todos que estavam presentes. Quando olhava para os lados via várias pessoas como ele, não só na aparência, mas também na vontade de encontrar conforto e um caminho melhor.

Ele não iria se converter ou frequentar a igreja, mas aproveitou demais a experiência e absorveu o que fazia mais sentido para ele: a mensagem de amor e perdão. Afinal, ele não era um cara de dogmas, era um sujeito de fé. Saindo dali, foi jantar com o Glauco e a esposa dele, Dani. Logo que se sentaram à mesa, ele pegou um guardanapo de papel e começou a escrever sobre o que tinha acabado de testemunhar. Aquele relato emocionado, ainda fresco, se transformou na letra de “Só os loucos sabem”, que, posteriormente, foi citada pela edição nacional da revista *Rolling Stone* como uma das dez músicas brasileiras mais marcantes do século. O clipe, dirigido por Alex Miranda, foi indicado ao prêmio Multishow, em 2011, na categoria Melhor Videoclipe.

Como o Alê havia imaginado, a parceria com o Rick Bonadio na produção do

álbum *Camisa 10 joga bola até na chuva* foi produtiva e rendeu mais um Grammy Latino ao Charlie Brown Jr., dessa vez de melhor álbum de rock brasileiro.

Mas, mesmo com tanta resposta positiva, a insegurança continuava presente: ele nunca achava que o trabalho dele era bom o bastante, por mais perfeito que estivesse. Então, quando era reconhecido pela sua obra, fosse por uma crítica positiva, fosse por um prêmio, ele se sentia validado. Mas a sensação nunca durava muito. Embora esse sentimento de inferioridade o incomodasse, ao menos servia para que nunca se acomodasse com seus feitos. Ao contrário. Se ganhou um Grammy, ele já queria um segundo, um terceiro, e quem sabe um dia gravar um disco em inglês e ganhar um Grammy internacional. Ele estava sempre pensando no próximo passo.

Em março de 2011, a banda iria gravar um DVD ao vivo, no Citibank Hall, em São Paulo, mas houve tantos problemas com o

som e a luz que o trabalho não foi concluído, e isso acabou sendo um dos motivos para o rompimento com a gravadora Sony. Daí para a frente, a banda passou a trabalhar de forma independente.

Os últimos anos tinham sido financeiramente menos generosos. Depois de tantas polêmicas, o valor do cachê dos shows já não era o mesmo, e os gastos com a pista, o escritório, a banda, marcas de roupa e os impostos que todas essas empresas geravam só aumentavam. Já havia um tempo que o Alê tinha começado a tomar providências com relação a isso. Diminuiu a estrutura dos shows e do escritório, decidiu fechar a Doce e a Plata, pôs o apartamento que tínhamos em São Paulo à venda e fez uma das coisas mais doloridas para ele: vender o apartamento em que estava a sua família. Em seguida, alugou outro imóvel para eles e deixou claro que aquela situação era temporária. Já a pista, que completava três anos de portas abertas para o público, rodava sempre no vermelho.

Ele quebrava a cabeça tentando buscar alternativas para transformar o espaço em algo que, pelo menos, empatasse nas despesas. Fechar a pista estava fora de cogitação. Além de ser o lugar onde ele extravasava tudo com seu skate, também era o espaço que a banda usava para se reunir, compor e ensaiar sem limite de tempo. Não tinha como abrir mão. Quando chegou a hora de renovar o contrato do imóvel, passou pela cabeça dele a possibilidade de desistir, pois não havia mais ninguém para ser o seu fiador. Depois de pensar bastante, o Alê resolveu: ele e eu seríamos fiadores. Confesso que fiquei bastante apreensiva em assinar aquele documento, a multa era muito alta, mas acabei concordando, uma dessas coisas que a gente faz de boa-fé sem imaginar nem por um minuto que pode trazer consequências sérias. Mas, naquele momento, deu tudo certo e a pista continuou funcionando.

Depois de alguns sacrifícios, ele teve condições de comprar novamente um apartamento para a sua família. Dessa vez, bem próximo de onde morávamos.

Assim, ele dizia, poderia ir todas as tardes tomar o melhor café do mundo, o da sua mãe, dona Nilda.

“Mãe, aqui é a sua casa e dos meus irmãos. Eu prometo que ninguém vai vir tirar vocês daqui!”, foi o que ele disse quando a levou para conhecer seu novo lar.

Embora as responsabilidades fossem muitas, a gente conseguia arranjar tempo para descontrair. Como um ano antes, em março de 2010, quando fomos convidados pela Red Bull, que patrocinava o

CBJr, para assistir a um jogo especial de inauguração do estádio deles, em Nova Jersey, no estado de Nova York, nos Estados Unidos. A partida amistosa foi entre o time da casa, o New York Red Bulls, e o Santos FC, que ainda contava com o Neymar no elenco. Fomos ao jogo numa van, com empresários de futebol e jornalistas especializados, e naquela hora as tardes que passei fechada em casa com crises de pânico, assistindo aos jogos da Liga do Campeões, me deram estofo para ter assunto com a galera. Quando me dei conta, estávamos o Alê, eu e o Benja (Benjamin Back, comentarista esportivo que na época trabalhava na ESPN) conversando sobre os jogos do campeonato inglês. Foi tudo muito leve e divertido. O Santos perdeu o jogo, mas a gente ganhou uma foto com o Neymar, ainda bem novinho. Percebemos que ele seria substituído no intervalo, e, enquanto eu reclamava da troca de jogadores, o Alê disse: “Gra, vamos aproveitar e tentar tirar uma foto com o moleque?”.

Não tive muito tempo para pensar. Ele me puxou pela mão e corremos até a entrada do vestiário. Apostamos que o Neymar saberia que o Alê era “o Chorão”, e, quando o jogador passou por nós, ele gritou:

“Neymar, e aí? Dá pra tirar uma foto com a gente?”

“Pô, Chorão, que legal! Claro, vamo aí!”

A viagem ficou marcada por esse encontro.

A volta para a realidade depois de momentos de descontração estava se tornando cada vez mais difícil. Por mais que o Charlie Brown Jr. estivesse fazendo shows por todo o país e já fosse uma banda consolidada no cenário musical brasileiro, um vazio crescia dentro do Alê. Ele ainda se amargurava com o fim da primeira formação e remoía constantemente tudo de ruim que tinha acontecido. Ao mesmo tempo, sentia saudade dos caras com os quais havia começado a banda, de compor junto, de ver todos unidos no palco de novo, da energia daqueles shows inesquecíveis. Ele sabia que havia algo a resolver e queria desfazer aqueles nós.

Conversávamos muito a respeito de como ele estava se sentindo. Eu falava tudo o que acreditava que pudesse ajudar a tirar o pensamento do caminho negativo. Voltei à terapia em busca de ferramentas mais eficientes para lidar com as pressões de maneira melhor e também para ajudá-lo mais. Foi a solução que encontrei, já que ele mesmo se negava a fazer qualquer coisa nesse sentido.

Algumas vezes, nos dias em que ele parecia pior, eu conseguia convencê-lo a conversar com uma terapeuta, chegava a marcar horário para ele, mas no dia da consulta ele dava um jeito de não ir.

Eu sabia que uma vez ou outra podiam rolar drogas nas turnês, o Alexandre nunca negou isso — mas era algo que nunca havia interferido na nossa convivência até então. Quando acontecia, ele chegava em casa com a culpa estampada no rosto e acabava me contando tudo, sempre pedindo desculpas. Como era algo ocasional, eu até ficava chateada, mas tentava levar numa boa. Porém, de repente, o ocasional passou a ser habitual. Quase toda semana eu percebia que havia algo errado com ele. Era só apertar um pouco que ele contava. Era cocaína. Ele sempre ficava péssimo no dia seguinte. Não se alimentava direito, não queria falar com ninguém e ficava extremamente depressivo. Comecei a me preocupar de verdade e reforcei que era importante que ele procurasse ajuda. Eu sofria demais ao vê-lo daquele jeito, e, por mais que eu tentasse ajudar, nada mudava. Ele morria de vergonha daquela situação e, toda vez, me fazia prometer que não contaria que aquilo estava acontecendo para ninguém. Se eu fizesse isso, jamais iria me perdoar. A cada episódio, ele jurava que seria o último. Eu me sentia impotente, não aguentava ver aquele homem que eu admirava tanto tão enfraquecido. Eu o amava demais, mas não tinha a menor ideia de como lutar contra aquilo.

Ele escreveu uma carta quando completamos quinze anos juntos:

Ah, quinze anos.

Conheci uma mulher que me proporcionou uma vida completamente diferente de todas as coisas que poderiam ter me acontecido. E mudou o meu caminho.

Ela trouxe-me confiança, novamente paz. E uma nova chance. Esteve ao meu lado. Me ajudou. Me inspirou. Me aceitou. Perdoou. E me fortaleceu. Todas as vezes que não estava bem. Então nos casamos. E tudo que ela queria era uma vida normal e tranquila e filhos. Mas eu sou um estúpido e estraguei tudo!

A situação chegou a um ponto crítico em julho de 2010, com o Brasil em clima de festa pela Copa do Mundo de futebol que estava acontecendo na África do Sul. O uso da droga passou a ser frequente e eu não sabia mais o que fazer.

Eu me sentia isolada, não tinha a quem recorrer, pois para pedir ajuda eu teria de quebrar a promessa que fiz a ele de não contar para ninguém. A relação com um adicto é muito complexa. Muitas

vezes acabamos cedendo aos apelos e às chantagens emocionais. No fundo, eu acreditava de verdade que ele iria parar. Então resolvi recorrer à única arma de que eu dispunha naquele momento: eu mesma.

Uma amiga tinha um apartamento mobiliado e vazio na Ponta da Praia, bairro de Santos, e, sem dar maiores explicações, pedi o imóvel emprestado por uns dias. Se ele não parasse como havia me prometido, eu sairia de casa no dia seguinte. Era uma estratégia extrema para mim, mas era a única que eu imaginava que poderia surtir algum resultado. Era eu ou o pó. Eu seria a própria barganha.

Infelizmente, ele não conseguiu cumprir a sua parte da promessa e eu acabei saindo de casa. Foi horrível fazer aquilo, pôr o nosso relacionamento à prova daquela maneira, mas eu acreditava que era o único jeito de me posicionar. No início era um blefe, mas não houve jeito. Ainda não entendia que estava lidando com algo muito além da minha capacidade. Depois fui aprender que essa reação é comum entre parceiras(os) de adictos. No segundo dia fora de casa, ele foi me procurar, me pediu perdão e fez mais uma promessa de que o vício tinha ficado para trás. Afirmava que não valia a pena me perder por algo tão ordinário. Conversamos por horas e choramos bastante, como sempre acontecia. Tentei fazê-lo entender como aquela situação era descabida, que eu tinha certeza de que ele era mais forte que aquela substância e que eu o amava demais.

“Eu quis o perigo e até sangrei sozinho, entenda/ Assim pude trazer você de volta pra mim.” Esse trecho da música “Índios”, da Legião Urbana, me caía como uma luva e ele entendeu que, por trás do meu gesto desesperado, só havia o desejo de que ele voltasse para mim.

Retornamos juntos pra casa.

Alê e eu no Central Park, em Nova York: tentativa de se livrar do vício e de nos reconectarmos nessa que foi a nossa última viagem juntos.

estrutura da banda estava redonda, com o escritório e o site funcionando da melhor maneira possível.

Eu ainda continuava sendo a ponte entre o pessoal do site e o Alê, coordenando as ações junto aos fãs, e era a responsável por responder aos e-mails dele. Isso sem falar na função não oficial de secretária para tudo de que ele precisasse.

Não ter uma separação entre a nossa casa e o trabalho era estressante, os assuntos acabavam se misturando e interferindo no bem-estar da nossa relação. Mas apesar disso eu achava bom saber que tinha um papel único no meio daquilo tudo. Eu sabia o quanto a minha presença era importante para ele. Mas a vontade de ter um projeto meu sempre vinha à tona. A essa altura, eu já estava cansada de saber que ninguém se realiza por intermédio do outro e continuava buscando uma maneira de me completar sem que isso me impedisse de continuar a trabalhar pelo Alê e pela banda.

Depois da experiência precocemente encerrada da Moon, eu não queria me envolver de novo com toda a burocracia necessária para montar um negócio. Ao mesmo tempo, o mundo da moda continuava sendo fascinante para mim. Como muitas pessoas, eu adorava navegar pelos vários blogs que apareciam pela internet. Então tive um insight: por que não criar um blog meu? Eu poderia escrever e tirar fotos nos meus momentos livres sem prejudicar o meu trabalho com a banda. E assim estava criado o Meu Diário de Estilo, ou MDDE, como eu gostava de chamar. Lá eu falava de moda, tendências, os meus ícones de estilo preferidos, dava sugestões e também postava fotos com os meus looks. Era um espaço no qual eu podia exercer a minha individualidade. Aos poucos, o MDDE se

tornou conhecido e conquistou leitores de vários lugares do Brasil. As minhas manhãs passaram a ser preenchidas por aquela atividade, que me divertia e também funcionava como uma válvula de escape para a minha criatividade. Era extremamente recompensador.

O Charlie Brown Jr. continuava a sua rotina de ensaios e shows Brasil afora, sem maiores problemas; mesmo assim, eu percebia uma insatisfação crescente no Alê. Sempre conseguíamos conversar com mais calma à noite, quando ele voltava dos ensaios. Em geral, ficávamos no escritório caseiro dele, e era nesses momentos que o Alê me mostrava as composições novas, falava dos seus planos, trocávamos ideias e ele se abria comigo. O Alê tinha consciência de que o CBJr tinha alcançado um sucesso que ele jamais imaginara atingir. Mas o término da primeira formação deixara um gosto amargo na boca, uma nuvem carregada sempre presente num céu azul e ensolarado. Ele era um cara orgulhoso e ainda se ressentia muito de como as coisas tinham terminado.

Talvez, sem se dar conta, continuasse a dar sinais do quanto sentia falta dos caras. Quando eu percebia que era possível falar sobre isso, procurava encorajá- lo a buscar uma reaproximação. O Alê até considerava essa possibilidade, mas a mágoa vinha à tona e ele recuava. Algumas vezes até me proibia de tocar nesse assunto, mas eu continuava insistindo. Esse papo passou a se repetir quase todas as noites, e eu saquei que era dali que vinha grande parte da sua frustação. Foi nesse período que, mais uma vez, notei mudanças no seu comportamento. Ele se mostrava mais nervoso e impaciente que o normal. Era comum vê-lo levantar a voz com quem quer que fosse quando estava falando ao telefone sobre coisas que antes seriam resolvidas de forma mais tranquila. Desconfiei que havia algo de muito errado. Esperei alguns dias, me iludindo inconscientemente e atribuindo minhas suspeitas a uma paranoia criada por mim mesma.

Eu não queria pensar que ele pudesse estar usando a droga novamente, mas não tinha como ficar me enganando durante muito tempo. Como doeu constatar que tudo o que eu mais temia estava voltando a acontecer. Esperei o Alê chegar do ensaio uma noite e, pela maneira que o recebi na porta, ele já notou que havia algo diferente no ar. Eu estava séria, olhei bem nos seus olhos e disse que a gente precisava conversar. Na sala de casa, comecei a falar das coisas que estava percebendo. Ele sabia que eu o conhecia bem

demais para negar e acabou confessando que tinha voltado a usar cocaína, mas me jurou que não era como da outra vez, que era apenas algo necessário para aliviar todo o peso que sentia. Foi como se um elefante tivesse caído sobre mim, me esmagando no chão e me roubando todo o ar dos pulmões. Por mais que eu soubesse que aquilo era real, queria que ele negasse, que me dissesse que era apenas um descontrole, que eu estava enganada. Imaginar viver aquilo de novo me apavorava.

Caí num choro desolado, daqueles de soluçar. Ele tentava me consolar dizendo que eu estava exagerando, que não ia deixar aquilo interferir na nossa vida, que era apenas uma válvula de escape. Eu já havia perdido alguns amigos para aquela droga ao longo da vida e não conseguia nem pensar que a pessoa que eu mais amava no mundo pudesse entrar nesse caminho. Implorei para que não abrisse essa porta de novo, que poderia não ter volta. Mas ele, sempre muito seguro de si, continuava a falar que estava no controle, que era algo temporário e que eu tinha de acreditar nele. Diante de todo o amor que eu sentia e de tantos argumentos, não me restava muita coisa a não ser acreditar. Eu me sentia impotente e incapaz de tomar qualquer atitude, já que, mais uma vez, ele me pediu que não contasse a ninguém.

Na banda, as mudanças se aproximavam. Cada vez mais o Alê se mostrava maleável quando o assunto era Marcão, Champignon e Pelado. Até que chegou aos nossos ouvidos uma conversa de que o Marcão sentia muita saudade do CBJ r e estaria disposto a conversar com ele. Dava para perceber o quanto aquela notícia o deixara feliz, mas, marrento que era, levou ainda um tempo para aceitar essa ideia de fazer as pazes. Por fim, combinaram uma conversa no estúdio da pista de skate.

O papo começou meio sem jeito, como acontece quando a gente volta a falar com aquele amigo querido que estava distante, mas logo perceberam que o melhor era deixar as diferenças de lado e que seria muito legal para todo mundo se o Marcão voltasse a tocar no Charlie Brown Jr. Nesse dia, esperei ansiosa que ele voltasse para casa e me contasse como tinha sido a conversa. Eu ainda tinha medo de que algo pudesse dar errado. Mas não, o Marcão estava de volta.

Em maio de 2011, o Charlie Brown Jr. tocou no Viradão Carioca, um evento que promovia 24 horas de shows e espetáculos gratuitos em palcos espalhados pela cidade, no Rio de Janeiro, e naquele dia

o Alexandre tinha uma surpresa preparada para os fãs. Ele chamou o Marcão ao palco e ali oficializou a volta do antigo companheiro depois de cinco anos longe da banda. Agora eles eram um quinteto, com três integrantes da formação clássica, o Thiago, o Marcão e o Alê, e, da nova formação, o baixista Heitor Gomes e o baterista Bruno Graveto. Mas as mudanças não parariam ali.

Naquela época, o Alexandre já havia retomado o contato com o Champignon, via amigos em comum, e soube que ele expressara a vontade de voltar à banda. Eles ainda não tinham se encontrado pessoalmente, e eu sabia que dessa vez a coisa seria um pouco mais complicada. Ficara uma mágoa grande entre eles. O Alexandre viu o Champignon crescer, como homem e artista. Era um talento que complementava o dele, e isso criou uma ligação muito forte entre os dois. Era compreensível que o ressentimento tivesse a mesma proporção. No fundo, era só amor, mas os dois eram muito temperamentais para dar o braço a torcer. Mas, não havia como negar, mesmo sem admitir ele queria que o Champs voltasse. Marcaram uma conversa na nossa casa, e, quando a campainha tocou, o Alê, que estava nervoso pela expectativa daquele encontro, me pediu:

“Fica atrás da porta, Grazi. Eu quero uma testemunha do que a gente vai conversar aqui.”

Eu me sentei no chão, atrás da porta do corredor, e esperei-o entrar. Ficou bem claro para mim que o Champs estava tão tenso quanto o Alê. Os dois se cumprimentaram e se sentaram. Depois de alguns segundos de silêncio, o papo começou. Dava para perceber que nenhum dos dois queria baixar a guarda, e por um instante achei que tudo podia ir por água abaixo. As primeiras palavras trocadas entre eles foram duras e tinham um quê de rivalidade. Aos poucos a tensão foi diminuindo até que escutei a primeira risada. Nessa hora, percebi que estava prendendo a respiração de tanta expectativa e dei um longo suspiro de alívio. O Champignon pediu desculpas para o Alexandre e reconheceu que tinha errado em algumas atitudes ao deixar o CBJr.

Percebi que, de alguma forma, o Champs também queria ouvir um pedido de perdão, mas o Alê acreditava firmemente que não devia se desculpar por nada. Esse foi mais um momento tenso, e cheguei a pensar que o Champs se levantaria e iria embora, mas depois de muita conversa eles fizeram as pazes e selaram a sua volta para a banda.

No meio dessa situação toda estava o Heitor, um cara que tivera muita coragem de assumir o posto de baixista da banda e que já havia conquistado seu lugar e seus fãs. Era uma sinuca de bico. Eu sempre tive um carinho especial pelo Heitor e, por mais que quisesse ver o Charlie Brown Jr. original de novo no palco, não achava justo deixá-lo no meio do caminho, e o Alê concordava comigo. Enfim, chegou a hora de conversar com o Heitor e expor a situação. Estávamos o Alê, o Heitor e eu na sala, e era evidente que o Heitor já sabia do que se tratava. Eu não queria que ele deixasse o Charlie Brown Jr. e sugeri de a banda ter dois baixistas, com o Heitor e o Champignon dividindo o set nos shows e até tocando juntos algumas músicas. Ele, no entanto, compreensivelmente recusou. Nos agradeceu pela oportunidade de tocar no CBJr e saiu da banda de forma amigável. Fiquei muito triste, mas é impossível ter tudo. Ele já tinha o desejo de desenvolver outros projetos musicais, e com o talento que era só seu, logo entrou para o CPM 22.

O Alexandre explicou o retorno do Champignon num comunicado publicado no site oficial da banda, no qual reafirmou que as diferenças entre os dois eram coisa do passado:

Botamos a limpo o motivo pelo qual nos separamos e ele me disse que percebia agora o quanto tinham sido intempestivos a maneira como ele deixou a banda e os comentários que ele fez sobre mim depois. Ele me pediu desculpas e eu aceitei de boa, mesmo passando até hoje por coisas desagradáveis por conta de todo “fala fala” e esse engano, hoje esclarecido. […] No fundo eu sabia que esse dia ia chegar.

Já o Champignon postou um vídeo no YouTube em que dizia estar muito feliz em voltar ao posto de baixista do CBJr, assumia que havia pegado pesado nos últimos tempos, mas que aprendera muita coisa. Ele também explicava que tinha procurado o Alexandre, que os dois haviam conversado e que agora estava tudo resolvido: “Tô aqui pra recuperar o tempo perdido. Vocês vão ver a sonzeira rolar. Tô de volta na área”.

A banda havia retornado praticamente com a sua formação clássica. Faltava apenas o baterista, o Renato Pelado, mas ele estava em outro momento, passou a frequentar a igreja Bola de Neve e não tinha mais interesse em retomar aquela vida de músico.

Essas mudanças despertaram muito interesse, tanto no público quanto nos contratantes. O número de pedidos de shows aumentou muito, e por onde a banda passava encontrava plateias lotadas. O

sucesso era enorme. Nesse momento, o Alê resolveu retomar o projeto de gravar um novo DVD, agora que a formação da banda estava praticamente completa.

A gravação aconteceu em duas partes. A primeira em setembro, no Master Hall, de Curitiba, e a segunda no início de outubro no Clube Portuários, em Santos. Os shows contaram com participações especiais: o Zeca Baleiro cantou a sua versão de “Proibida pra mim”, o Marcelo Falcão participou em “Me deixa” (sucesso do Rappa) e “Não é sério” e o Marcelo Nova em “Coração satânico”, que começa com a plateia entoando aquele coro tradicional: “Bota pra foder”.

O DVD foi lançado apenas em maio de 2012, por uma gravadora independente, a Radar Records, e um CD homônimo, com produção do Liminha, trazia catorze faixas dos shows e uma música inédita, “Céu azul”. Ela se tornou o grande hit do disco e entrou para a trilha de duas novelas, *Balacobaco*, da Rede Record, e *Império,* da Rede Globo. Quatro anos depois, em 2016, saiu o segundo volume do CD, com as músicas que até então só apareciam no DVD .

Em meio a tanta coisa acontecendo, algumas vezes o Alê dizia que queria experimentar algo novo, além do Charlie Brown Jr. Foi quando o Falcão, vocalista do Rappa, falou sobre um projeto paralelo, Falcão e os Loucomotivos, que reunia alguns amigos como o BNegão, o produtor Liminha e o percussionista João Fera, dos Paralamas do Sucesso. A banda tinha algumas apresentações marcadas no Circo Voador, e o Alê foi convidado a ver um show para entender melhor como era o som deles. Nos instalamos na primeira fila da arquibancada, ao lado direito do palco, onde estava toda uma galera descolada. De repente, o Alê foi abordado por uma pessoa. Era o modelo Jesus Luz, que logo nos convidou para conhecer sua namorada, ninguém menos que a Madonna! Ela estava lá assistindo ao show da forma mais discreta possível. Quando fomos apresentados, ela foi muito simpática, apertou nossa mão e parecia estar se divertindo. Mas de repente o Falcão fez uma menção a ela, chamando a atenção do público para sua presença. No mesmo instante, discretamente, ela foi embora. O Alexandre curtiu muito a proposta do projeto do Falcão e acabou participando com ele de alguns shows pelo Brasil.

Dentro do Charlie Brown Jr., no entanto, começava a ficar evidente que nem todos os problemas estavam superados. Ainda havia algo a ser resolvido entre o Alê e o Champignon, e qualquer coisa era motivo para provocação. A tensão e a instabilidade só

aumentavam. O Alexandre sentia necessidade constante de demonstrações de gratidão e achava que o baixista não tinha voltado com a humildade que era esperada. Ele fazia questão que o Champs se desculpasse publicamente em quase todos os shows. E isso acontecia, mas para o Alê os pedidos de desculpas nunca tinham a mesma intensidade dos ataques que ele sofreu e dos danos causados à sua reputação. Mas ali havia muito mais do que a insegurança normal do Alexandre. Ela estava turbinada. O Alexandre tinha voltado a se drogar com força total, o que tirava o seu foco e aumentava a sua paranoia. O clima entre os dois foi ficando cada vez mais pesado.

Em casa não estava sendo muito diferente, e a nossa vida começou a se tornar mais difícil. Ele passou a ter crises de ciúme injustificadas e a implicar com o meu trabalho no MDDE. Reclamava das minhas roupas e falava que eu estava fazendo aquilo para chamar a atenção de outros homens. Havia dias em que ele voltava a si e me pedia desculpas, dizendo que eu deveria, sim, ter algo meu para fazer, mas logo isso vinha abaixo. A nossa vida se tornou inconstante. Para não piorar as coisas eu cedia, até que finalmente não consegui mais fazer nada no meu blog e encerrei as atividades sem dar explicação. A minha atenção ficava toda concentrada nele e no que poderia acontecer. Eu era incapaz de dormir de tanta preocupação. Eu me sentia refém da situação e do poder de persuasão que ele sempre teve. Nos momentos de lucidez, eu tentava convencê-lo de que as coisas já tinham ido longe demais, que aquele vício acabaria por destruir tudo o que ele havia conseguido na vida. Como sempre, o Alê chorava muito, se arrependia e me jurava que aquela tinha sido a última vez. Os bilhetes e cartas que ele deixava para mim pela casa vinham cheios de tristeza, pedidos de desculpa e arrependimento.

Eu tentava entender de onde vinha tanta angústia. O Alê tinha problemas, como todo mundo, mas havia muitas bênçãos na nossa vida, e eu sempre tentava lhe mostrar isso. Era nítido que havia um elemento de depressão naquele quadro. Quando ele demonstrava livremente essa tristeza, eu tentava convencê-lo, mais uma vez, de que talvez fosse bacana fazer uma terapia, falar com uma pessoa que não tivesse nada a ver com o universo em que ele vivia. Alguém que poderia apresentar um outro ângulo da vida, mas ele se negava e dizia que não precisava, que não teria confiança em se abrir com uma pessoa estranha. Eu o ouvia dizer que estava cansado de tudo,

que queria viver de forma diferente, encontrar um novo sentido nas coisas, mas que ao mesmo tempo se sentia escravo de algo que ele mesmo tinha criado.

Foi nessa época que certa tarde ele saiu de casa e seguiu até o Corpo de Bombeiros na tentativa de mudar a sua vida, dar um sentido para os seus dias e salvar pessoas. “Mas você já faz isso, meu amor”, eu insistia. Lembrei-lhe de quantas mensagens ele já havia recebido ao longo da carreira vindas de pessoas que contavam como a música do Charlie Brown Jr. salvara a sua vida ou então ajudara a atravessar algum momento difícil. Citei todas as coisas boas que ele fazia para tanta gente. Falei o quanto ele era amado e necessário no mundo. As mensagens positivas das letras compostas pelo Alexandre reverberam até hoje. Diariamente, fãs dele me escrevem falando a mesma coisa. Talvez, de um jeito meio torto, ele já fosse o “bombeiro” de muita gente.

Mesmo assim, minha cabeça rodava tentando encontrar alguma solução. Eu procurava ser carinhosa e demonstrar o quanto ele era importante para mim, para sua família, seu filho e tantas pessoas. Imprimia as mensagens mais bonitas que ele recebia dos fãs por e-mail e deixava na mesa dele, para que fosse a primeira coisa que visse quando entrasse no seu home office. O mês de abril já tinha começado, e, junto com as meninas do escritório do CBJr, a Marta Mandelli — que tinha substituído a Bruna —, a Soraya e a Samantha, combinamos de fazer uma festa surpresa de aniversário para ele. Chegou o dia 9 de abril. Ele acordou com o desânimo habitual, mas pelo menos estava sem usar nada nos últimos dias. Sugeri uma sessão de cinema e depois um jantar na nossa pizzaria preferida, a Piccola, que ficava bem perto da nossa casa. Sem que ele soubesse, convidamos todos os caras da banda, com as esposas e namoradas, o filho, a mãe e os irmãos dele, as meninas do escritório, claro, e alguns funcionários mais próximos. O Jerri Rossato, fotógrafo oficial da banda e amigo, também estava presente para registrar a comemoração.

Saímos do cinema e já eram quase dez da noite. Estávamos a pé e seguimos a caminho da pizzaria, mas ele me disse que não estava a fim de comer. Como estávamos perto, falei para a gente passar na pizzaria mesmo assim porque eu precisava ir ao banheiro. A galera estava toda reunida no andar de cima da Piccola, e, quando entramos, quase um garçom desavisado estragou a surpresa, mas deu tudo certo. Quando subimos, todo mundo se levantou e

começou a cantar, numa só voz, o tradicional “Parabéns pra você”. Foi lindo ver o rosto dele se iluminar com a surpresa. Era isso o que eu queria, que ele recebesse um banho de amor e carinho e visse o quanto era importante para todos nós. Enquanto comíamos e conversámos com o pessoal, eu falava no ouvido dele o quanto o amava e estava grata por estar mais um ano ao lado dele. A noite passou gostosa, com muitas risadas e alto-astral. Várias fotos foram tiradas para registrar o momento, e voltamos para casa felizes. Por aquele breve instante, esqueci tudo o que estávamos vivendo e acreditei que a partir dali as coisas poderiam ser diferentes. Só que, apesar de não admitir, ele já tinha se tornado um dependente químico havia muito tempo, e em seguida retomou o hábito que eu tanto odiava.

Eu estava quase no meu limite emocional. A minha vida se resumia a me preocupar com ele. Nos fins de semana em que o Alê viajava para fazer shows, eu praticamente não dormia. Falava o tempo inteiro pelo telefone com a Samantha, produtora da banda, para me certificar de que o Alê estava bem, mas só ficava um pouco menos nervosa quando ele me ligava e eu ouvia como sua voz estava. Eu já conseguia reconhecer se estava alterado só pelo tom. Passei a tomar calmantes para conseguir dormir e ter alguma paz.

O Alê não era insensível ao meu desespero. Julho estava chegando, e ele me propôs fazermos uma viagem a Nova York para tentar se livrar do vício e também para nos reconectar. A cidade representava a fuga perfeita, o lugar que nos proporcionava momentos únicos, em que a gente podia se tornar apenas mais um casal de namorados curtindo a companhia um do outro. Aceitei na hora e fiquei muito feliz com o gesto dele, que demonstrava disposição em melhorar.

Durante os dois primeiros dias, ele só dormiu. O seu corpo e mente mostravam o quanto estavam desgastados e precisavam de uma pausa. Eu saía para andar um pouco pela cidade, mas não ficava muito tempo fora. Enchi o nosso quarto com suas guloseimas preferidas, dentre elas os deliciosos morangos cobertos de chocolate da Godiva. Quando ele finalmente se sentiu melhor, a viagem começou de verdade. Passeamos muito, comemos nos nossos lugares preferidos e compramos muitas roupas, tênis e CDs. Aliás, isso era uma das coisas preferidas dele, se perder nos andares da extinta Virgin Mega Store, que ficava na Times Square, e encher a mala de novidades que serviriam de inspiração para os seus

próximos trabalhos. Era quase uma tradição encerrar a noite por lá e voltar para o hotel cheios de sacolas. A lembrança mais especial que ficou dessa que seria nossa última viagem para NY juntos foi uma tarde que passamos deitados à sombra de uma árvore no gramadão do Central Park. Ele estava com a mente clara, lúcido e muito mais sereno. Falamos da nossa vida, lembramos de toda a nossa história e fizemos planos para quando chegássemos ao Brasil. Ele dizia que queria ficar limpo, longe de tudo o que lhe fazia tão mal, e eu me sentia muito empolgada. Estávamos felizes e tínhamos conseguido recuperar o clima de romance que havia se perdido no meio de tanta loucura. Dividimos momentos maravilhosos e inesquecíveis, que ficaram impressos na minha alma.

A volta para o Brasil se mostrou um grande desafio e, passados alguns dias, ele voltou ao hábito de que tinha tentado se livrar, tornando a convivência em casa e, na banda, especialmente com o Champignon, ainda mais difícil.

O vício trazia à tona seu lado mais sombrio. Ele ficava muito paranoico, tomado por pensamentos ruins o tempo todo. O ciúme de mim se tornou doentio e descontrolado. Ele começou a cismar que eu tinha outra pessoa, mexia nas minhas coisas e ficava perturbado com qualquer anotação que eu fazia na agenda.

As crises eram tão intensas que ele começou a sofrer com surtos de mania de perseguição. Achava que estava sendo espionado o tempo todo e que havia câmeras escondidas pela casa e nos aparelhos eletrônicos. Ameaçava ir embora. Era muito difícil de testemunhar, mas eu ficava por perto, tentando evitar qualquer coisa pior. Como já disse antes, eu não sabia mais como agir e qualquer menção da minha parte no sentido de pedir ajuda era recebida da pior maneira possível.

Quando ele se acalmava, eu tentava explicar que aquilo tudo era fruto da paranoia causada pela droga, que não havia nada de real ali. Explicava que não estava sendo perseguido por ninguém, que não havia perigo algum. Aos poucos ele ia entendendo e voltando à realidade, mas a situação era desesperadora.

Pouco antes de um show em Ilhabela, no litoral paulista, a tensão explodiu. Rolou uma discussão séria no camarim entre a banda, o Alê entrou no palco transtornado e acabou disparando um discurso bastante agressivo contra o Champignon. Eu não fui a esse show, mas soube que a briga continuou depois no camarim e que a produtora da banda, a Samantha, chegou até a ligar para algumas

pessoas da equipe para avisar que a próxima apresentação estava cancelada. Depois, mais calmo, o Alê conversou com ela, pediu que não cancelasse nada, disse que estava tudo bem e que a banda manteria a agenda.

O show seguinte aconteceu em Apucarana, no norte do Paraná, e ali os ânimos estavam ainda mais exaltados. No meio da apresentação, o Alê pediu que tirassem o microfone do Champignon "para evitar que ele falasse um monte de mentiras", entre outras coisas, até que o Champs largou o baixo e saiu do palco. A banda tentou continuar o show, mas aquilo foi tão inesperado que as luzes foram acesas pela produção do evento e parte do público deixou o local. O Champignon ficou desaparecido por boa parte da noite, e houve uma briga séria entre o resto da banda no camarim. Todos estavam frustrados, era uma situação insustentável.

Foi só no dia seguinte, quando chegou a São Paulo, que a banda soube que um vídeo do episódio havia sido publicado na internet, com milhares de visualizações e compartilhamentos. A repercussão negativa foi arrasadora. Nesse mesmo dia, a negociação para que a banda tocasse no Rock in Rio do ano seguinte foi cancelada.

Na segunda-feira, fizemos uma reunião na nossa casa com a Samantha e o nosso advogado. Depois da conversa com os dois, o Alê percebeu que algo precisava ser feito para reduzir os danos causados por aquele desentendimento. Rolou uma conversa com o Champignon e ele concordou em gravar um vídeo em que os dois apareciam juntos reafirmando a amizade, se desculpando por tudo, afirmando que os shows seriam mantidos e a banda continuaria unida.

Foi aí que enxerguei a oportunidade de ter uma conversa muito séria. Mais uma. Falei o quanto era desesperador vê-lo se destruir daquela maneira, que era claro como água que seu vício tinha tomado uma proporção muito maior e que ele já não tinha mais qualquer controle sobre a situação. O Alê se negava a admitir que eu tinha razão. Justificava dizendo que conseguia cumprir seus compromissos profissionais e que sairia do vício na hora que quisesse. Só eu tinha coragem de enfrentá-lo daquela forma, de falar a real. Todo mundo tinha receio de se aproximar. O Alê ficava muito nervoso quando alguém dava a entender que ele estava perdendo os limites e passava a evitar quem o contrariava, rotulando a pessoa de inconveniente.

Então, resolvi tomar uma atitude mais incisiva. Peguei o meu laptop e comecei a mostrar o que até os fãs mais próximos estavam falando sobre o episódio da briga com o Champignon no palco. O negócio era feio. Tentei fazê-lo entender que realmente estava correndo um sério risco de perder tudo o que lutara a vida inteira para construir: a sua banda. Ele ficou visivelmente abalado, ajoelhou e começou a chorar muito. Pedia perdão e implorava para que eu não o deixasse naquela hora. Foi aí que eu explodi: “Pelo amor de Deus! Chega! Você vai começar um tratamento. É isso ou é o fim”.

Eu não estava blefando e ele sabia disso. Na minha cabeça, apenas uma atitude radical funcionaria. Propus procurarmos ajuda profissional especializada em dependência química e ele topou. Entrei em contato com uma psiquiatra de São Paulo que costuma tratar pessoas que sofrem desse mal. Marquei uma consulta e ele concordou em ir.

15

Aqui vive
Skateboa

A caminho da médica: trilha de músicas que o Alê gostava para deixar o clima mais leve.

ara deixar tudo bem fácil para o Alê e evitar qualquer desculpa, me propus a levá-lo nas consultas no meu carro e ser sua motorista.

Eu tentava manter o ambiente descontraído, colocando para tocar compilações de músicas de que ele gostava e fazendo brincadeiras para deixar o clima mais leve.

Depois de uma breve espera, entramos no consultório. Antes de deixá-lo sozinho com a médica, mesmo sabendo que ele iria ficar bravo comigo, contei tudo o que estava acontecendo e em que pé estava o seu vício. O Alê ficou de cabeça baixa enquanto eu falava, era difícil admitir o que estava acontecendo, mas, depois que a consulta acabou e nos preparamos para voltar a Santos, me agradeceu e falou que iria fazer o tratamento. A princípio, a médica receitou medicamentos para segurar a compulsão e acalmá-lo e pediu alguns exames para avaliar a condição real do seu organismo e, assim, começar o tratamento propriamente dito. Além disso, ele também deveria retornar ao seu consultório para algumas sessões de terapia. Era setembro de 2012.

A apresentação que sucedeu a briga com o Champs aconteceu em São José do Rio Preto. O Alexandre rezou muito antes de o show começar. Ajoelhou e agradeceu a Deus por tudo o que havia conquistado, pediu perdão e proteção para ir em frente. Ao entrar no palco, recebeu muitas vaias e até foi alvo de algumas latas de bebida atiradas pelo público. Mas, no fim, o carisma dele venceu toda aquela animosidade. Ele realmente tinha o dom da palavra e logo reconquistou a plateia, afastou as vibrações negativas e fez um show maravilhoso, com muitos abraços no Champignon e um clima de

alívio e celebração. Embalado por esse momento, ele estava mais animado e acreditou na possibilidade de melhorar. Chegou até a cogitar uma entrevista coletiva para abrir o jogo sobre o que estava vivendo. Foram dias animadores, que, infelizmente, duraram pouco.

Fomos mais duas vezes à médica, mas depois ele se recusou a fazer qualquer exame e voltou a usar a droga diariamente. Ele já não se mostrava tão disposto a se abrir comigo, porém ainda havia momentos em que falávamos a respeito da situação. Numa dessas conversas, confessou que estava difícil encarar os fãs. Dizia que queria inspirar a molecada, mas que se sentia longe disso. Falava que era muito doído cantar algumas músicas, como “Quinta-feira”, sobretudo o refrão “parecia inofensiva, mas te dominou”, que era como se ele estivesse cantando para si mesmo.

Eu me tornei um zumbi nessa época. Além de não dormir de preocupação, cuidava dele cada vez que chegava dos shows do fim de semana. Era muito triste. Quando eu tentava falar no assunto de retomar o tratamento, ele se alterava, me chamava de chata e dizia que a nossa convivência estava ficando difícil, que ele era responsável por si mesmo e que não deixava seu problema interferir na vida profissional, do que eu discordava totalmente. Ele tinha se tornado a contradição em pessoa. Suas crises continuavam a acontecer, mas agora ele simplesmente se afastava de mim. Se eu ameaçasse chamar uma ambulância, ele dizia que ia sair de casa e que nunca mais voltaria. Eu já não sabia o que fazer. No meio do rock existe uma certa permissividade, a figura do “artista maluco” é muito mais comum do que se imagina e vista até como uma coisa divertida por algumas pessoas. Talvez por isso quase todos se comportavam como se aquilo fosse algo banal, e meus constantes pedidos de ajuda eram vistos como uma encheção de saco. E, assim, fui ficando cada vez mais isolada.

O nosso amor estava abalado, não tinha como ser de outra forma. Parecia impossível fazer qualquer plano para o futuro, e a droga já havia provocado mudanças reais no comportamento dele. Mentiras tinham se tornado comuns. Eu me perguntava onde estava a parceria que tínhamos selado desde o início da nossa vida juntos. O nosso relacionamento esfriou, até por uma questão de sobrevivência psíquica da minha parte. Ainda existia amor, claro, mas o homem da minha vida era diferente do Alexandre que estava diante de mim. Até o seu olhar não era mais o mesmo.

De uma hora para a outra, ele pedia para conversar comigo. Dizia que estava certo de que não queria mais aquela vida e que não admitiria me perder para a droga. Ficávamos bem e mais uma vez fazíamos planos, eu me agarrava a qualquer demonstração de mudança. Eu topava tudo o que ele me propusesse, desde que o resultado fosse ele ficar bem. Com essa esperança em mente, topei ir com ele visitar um mega-apartamento de frente para o mar, em Santos. Ele dizia que queria reconstruir a nossa vida juntos. Chegamos bem perto de fechar o negócio, fizemos até uma proposta de compra do imóvel. Mas depois fui obrigada a cair na real e perceber que aqueles momentos de lucidez eram passageiros, não adiantava querer me enganar.

Durante essa fase, foi muito difícil gravar um disco novo, compor todas as músicas e entrar na rotina de pré-produção, gravação e mixagem. O 12o álbum do Charlie Brown Jr., *La familia 013*, que só saiu no fim de 2013, depois da morte do Alê, é um reflexo dessas dificuldades. Traz músicas feitas em 2011, 2012 e outras que só foram concluídas no início de 2013. A relação entre ele e os integrantes da banda continuava delicada, todos pisavam em ovos para lidar com o Alê. Já o nosso relacionamento estava cada vez mais inconstante, e isso fica bem evidente em algumas letras escritas nesse período, como neste trecho de “Um dia a gente se encontra”:

Um dia na praia a gente jurou

Ficar junto pra sempre, depois tudo mudou Eram portas abertas que depois se fecharam O tempo passou e as coisas mudaram Separaram a gente

As circunstâncias e as coisas

Ele estava tão transformado que não conseguia entender a minha aversão pela situação. Achava que eu deveria simplesmente aceitar e que só assim poderia estar ao seu lado. “Hoje sou eu que não mais te quero” foi uma música escrita num dos piores momentos da nossa vida juntos. Embora eu entendesse o contexto, aquela letra me magoava, e ele sabia disso. Chegou a dizer que tinha escrito de propósito num momento de raiva e prometeu que a faixa não entraria no disco, mas a música foi incluída quando o álbum foi lançado postumamente:

A gente corre o tempo todo atrás de um tal de ideal

Baseado num formato que talvez não seja o ideal

Nem pra você nem pra mim, nem pra você nem pra mim

Eu olho pra você, eu vejo muito do que eu quero
Mas o mesmo de você, sinceramente, hoje eu nem mais espero
Já nem sei mais se eu quero, nem sei se quero

As discussões e a agressividade no trato com qualquer um que o contrariasse eram mais frequentes e muitas vezes essas demonstrações aconteciam em público, já não era algo restrito aos bastidores. De toda forma, a banda manteve a agenda e continuava fazendo todos os shows. Nessa época, eu ouvia relatos do pessoal da produção sobre algumas situações extremas, de descontrole e exagero no uso da droga. Mas ninguém tinha coragem de falar sobre a necessidade de tratamento, ele era o patrão e não admitia que se tocasse no assunto.

Eu não me cansava de tentar conversar, implorava para que parasse, explicava repetidamente que ele corria risco de morte. Propunha uma internação, e isso tudo o afastava de mim. Dizia que se eu tomasse alguma atitude nesse sentido, jamais voltaria a olhar na minha cara. A sua atitude me paralisava, eu temia que o pior acontecesse a qualquer momento.

Em novembro, um incidente depois de um show em Salvador deixou a equipe em alerta. O Alê tinha exagerado na cocaína e passou muito mal, assustando a todos. Depois desse episódio, me descontrolei. Tive uma crise nervosa e implorei para que ele voltasse a fazer o tratamento. Eu me mostrei aberta a qualquer alternativa nesse sentido, disse que estaria ao lado dele onde quer que fosse, mas aquilo tinha que parar. Ele estava doente e precisava de tratamento urgente.

Na tarde seguinte a essa conversa, fui ao dentista e, quando voltei, fui surpreendida com um recado escrito por ele na lousa que ficava pendurada na cozinha de casa: “Gra, eu vou voltar. Te amo, tenha força, meu amor. Pra sempre te amo”. Fui correndo perguntar para a moça que trabalhava em casa se tinha acontecido algo diferente. Ela me contou que ele fez uma mala e, antes de ir embora, pediu a ela que cuidasse de mim. Tentei falar com ele de todas as formas, ligando no celular sem parar. Depois de muita insistência, o Alê atendeu e falou rapidamente comigo, dizendo que estava indo para São Paulo, precisava de um tempo para se curar sozinho, e que eu deveria ter paciência.

Sem o Alê em casa meus dias ficaram vazios. Ele continuava me ligando, falando ora que me amava e que iria voltar para casa, ora que eu tinha de esperar que passasse por aquela fase. O meu

desespero era tão grande que mal conseguia comer, cheguei a pesar cinquenta quilos, quando meu peso normal era 64. Não conseguia fazer absolutamente nada. Passei três meses à base de calmantes, sem sair de casa, vivendo para os seus telefonemas. As únicas pessoas que vinham me ver eram minha mãe e minha irmã. Todos que frequentavam minha casa sumiram. Às vezes o Alê aparecia para pegar roupas e ver os gatos. Eu conversava, pedia que voltasse, que começássemos do zero, mas tudo era em vão. Eu estava desgastada, já eram três anos naquele desespero, sempre esperando o pior, com uma sensação ruim e uma tristeza que nunca ia embora.

Na virada do ano para 2013, eu estava péssima e procurei conforto na minha família. Rompemos o ano na praia, na beira do mar, mentalizando coisas boas, pedindo proteção e forças para um novo recomeço. Pedia a Deus que nos trouxesse paz e iluminasse nossos caminhos. Eu tinha esperança de que ele regressasse, dado o nosso histórico de separações e voltas.

Em janeiro, a banda voltou à estrada e fizeram um show histórico no festival Planeta Atlântida. Durante uma hora tocaram seus hits e o Alexandre, como sempre, manteve o domínio total da plateia. Mas, nos bastidores, a situação só piorava. Ele estava pesado, descuidado, numa espiral autodestrutiva.

No dia 26 de janeiro, o Charlie Brown tocou em Camboriú, Santa Catarina. Por duas vezes, o Alexandre discutiu com fãs na plateia, algo impensável para ele no seu estado normal. Alguns fãs relataram que, apesar dos problemas, o show foi bom, embora o Alexandre parecesse triste.

Certo dia, ele chegou à nossa casa absolutamente transtornado. A princípio fiquei feliz de vê-lo, mas notei que a sua postura estava muito agressiva. Percebi que ali era o fundo do poço, e eu tinha que tomar alguma providência. Por coincidência, na mesma semana a Samantha havia me procurado em casa para falar que estava muito difícil continuar a trabalhar com o Alexandre daquele jeito e que queria se desligar da banda.

Tivemos uma conversa franca. Ela então me contou todos os episódios que enfrentara nos últimos meses e, finalmente, concordou comigo que precisávamos unir forças e fazer algo para salvar a vida do Alê. Também me senti no dever moral de comunicar e pedir ajuda para o filho dele e para a ex-mulher.

No mesmo dia fomos até São Paulo, no consultório da mesma médica com quem ele começara a se tratar no ano anterior. Com a Samantha ao meu lado, relatei o que estava acontecendo. Depois de ouvir tudo com atenção, a doutora percebeu a gravidade da situação e disse que a única saída seria uma intervenção, ou seja, uma internação compulsória, e nos deu um laudo comprovando a necessidade dessa atitude. A gente acreditava que, se isso não fosse feito, a vida dele estaria em risco.

Nessa época, apesar de termos um apartamento na Vila Madalena, em São Paulo, ele estava hospedado num hotel nos Jardins. Saímos do consultório, tomamos as providências necessárias e fomos direto para lá.

Quando chegamos ao hotel, o recepcionista nos atendeu de forma fria, parecia não acreditar que eu era a esposa do Alexandre, me tratou como se eu fosse uma qualquer e disse que não poderia incomodar um hóspede. Continuou dizendo que só poderíamos ir até o quarto se estivéssemos com a polícia. Para piorar a situação, ele avisou o Alexandre sobre a nossa presença e a intenção de tirá-lo de lá. Ele proibiu a nossa entrada e não pudemos fazer mais nada. Meu sentimento foi de derrota. Logo depois desse episódio, o Alê disse a todos que eu era uma louca, inconformada por ele ter saído de casa, e que por isso estava agindo daquela forma. Mais uma manobra para afastar todas as pessoas de mim e destroçar minha intenção de fazê-lo se tratar da dependência química.

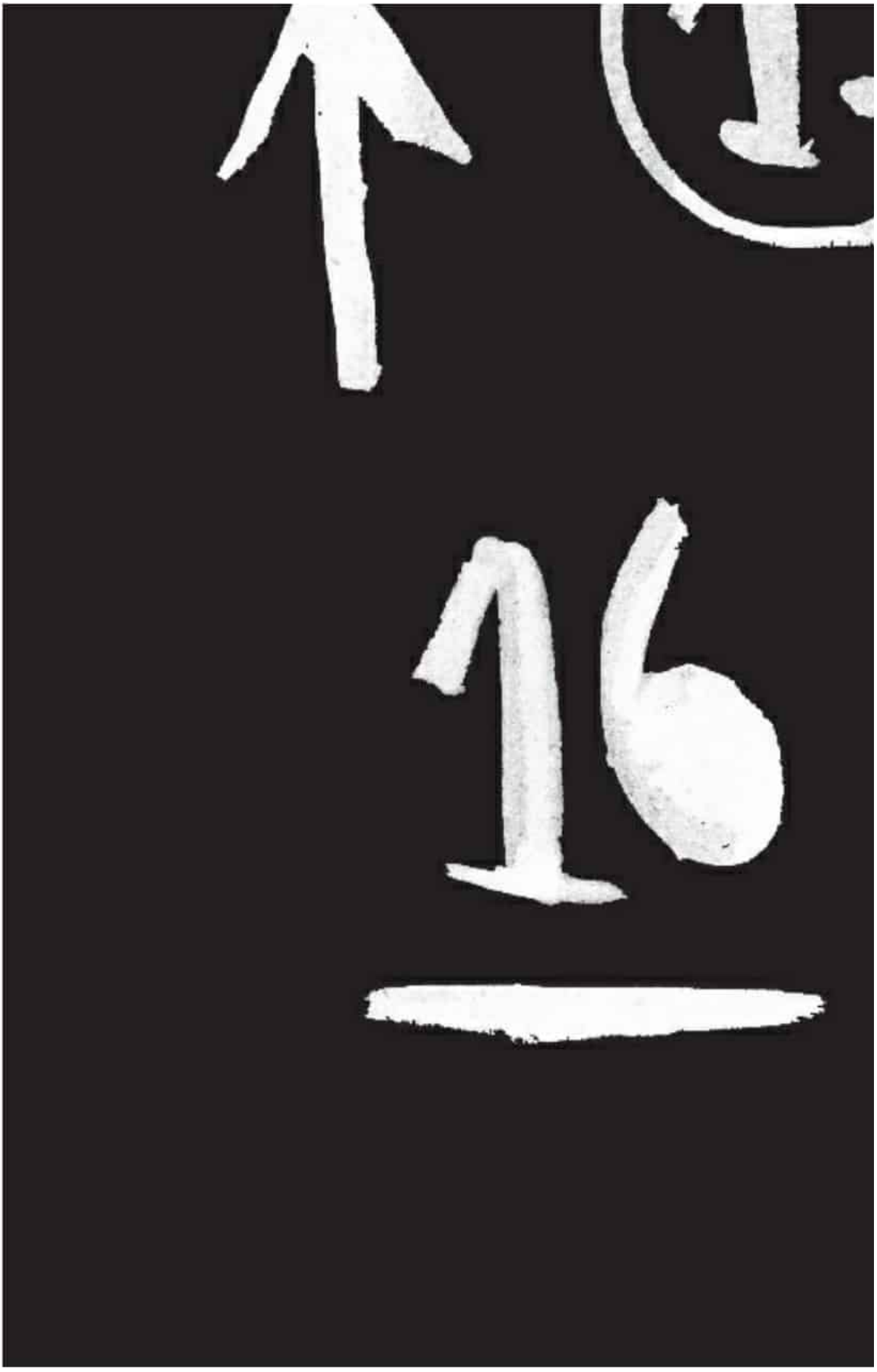
Eu estava no chão. Nada mais fazia sentido para mim. Me tranquei em casa e, durante dias seguidos, me isolei e não falei com ninguém. Fiquei muito mal e tive outra crise nervosa muito grave. Minha mãe e minha irmã, extremamente preocupadas comigo, foram até a minha casa e insistiram para que eu abrisse a porta. Ao verem o estado em que eu me encontrava, me confortaram e ficaram ali até que eu me recuperasse um pouco. Então, a Mariela teve uma conversa séria comigo, me disse que agora era eu quem tinha de aceitar ajuda para sair daquele estado paralisante de depressão. Com o apoio delas, aos poucos fui conseguindo me reerguer, apesar de ainda estar dominada pela tristeza. Mesmo depois de tudo isso, o Alexandre continuava me ligando, dizendo que me amava e que uma hora voltaria para casa. E eu ainda acreditava que isso fosse possível. Eu precisava tentar seguir em frente, ocupar a minha cabeça com algo produtivo. Foi quando recebi um convite de uma amiga da minha irmã para escrever sobre moda para um portal on-

line de um canal de entretenimento. Ganhei um respiro, mergulhar no trabalho me ajudaria a enfrentar aquela crise.

Pouco tempo depois a banda entrou de férias e, no fim de fevereiro, ele me ligou e disse que queria me ver. Eu não cabia em mim de tanta felicidade. Apesar de estar nitidamente sob a influência da droga, a nossa conversa foi tranquila e, ao nos despedirmos, o Alê disse mais uma vez para eu ter paciência com ele e que me amava.

Poucos dias depois, na madrugada do dia 5 para o dia 6 de março, eu tive um sonho estranho, no qual o Alexandre estava em pé diante de mim e atrás dele havia um vulto bem alto e escuro. Ele me dizia que iria viajar, que não aguentava mais e que precisava partir. E eu pedia a ele que ficasse, que não poderia me deixar sozinha. Mas ele insistia que tinha de ir embora. Despertei de repente, com o som da campainha tocando sem parar e batidas fortes na porta do meu apartamento. Quando abro, dou de cara com minha mãe e a Mariela, chorando.

“O Alê, filha.”



erdi a conta de quantas vezes fui procurada por pessoas interessadas na minha história com o Alexandre.

Essas investidas vieram em momentos diversos. Meses depois da sua morte, um ano depois, na data de aniversário dele, 9 de abril, de todos os anos que vieram depois daquele fatídico 6 de março de 2013. Eu nunca me sentia pronta. Havia muita dúvida em mim. Era, e ainda é, um assunto delicado: minha história com o amor da minha vida que, por acaso, era um dos maiores ídolos do rock nacional.

Eu me perguntava se faria alguma diferença falar sobre o meu lado da história, já que, enquanto eu ainda sangrava, houve quem espalhasse versões especulativas sobre nossa vida juntos. Houve quem me acusasse de coisas absurdas sem sequer me ouvir. Quando se perde alguém, o normal é viver o luto em todas aquelas que são tradicionalmente as suas etapas: negação, raiva, barganha, depressão e, por fim, a aceitação. Vivi tudo isso, mas do meu jeito. Eu me isolei no início, viajei sozinha, me busquei infinitas vezes e achei que tinha me encontrado em alguns raros momentos.

Lidei com o que veio depois: a falação de quem achava que sabia mais da minha vida do que eu mesma; a raiva de estar exposta a tanta maldade de quem nem me conhecia; a imprensa noticiando irresponsavelmente que eu o havia abandonado, quando na verdade quem saiu de casa foi ele, me deixando apenas um bilhete na lousa — teve até quem falasse na TV que ele morreu de amor, dando a entender que eu era a culpada —; a descoberta de um lado não tão admirável do homem da minha vida, na sua fase mais difícil, pouco antes de morrer — isso incluía infidelidades e mentiras, o que me machucou profundamente dada toda a cumplicidade durante a nossa vida juntos.

No dia em que ele morreu, quando eu estava no IML de São Paulo tentando obter alguma informação ou até ver o seu corpo, fui recebida de maneira hostil por familiares dele, que tempos depois me pediram desculpas. De repente, segundo os juízes da vida alheia de plantão, eu, que sofri anos vendo o Alexandre se perder no vício e que estava sempre ao lado dele tentando mudar a situação, agora era a vilã que tinha abandonado o Chorão para morrer sozinho ou era a mulher que ele não queria mais ter ao seu lado.

Naquele dia e nos que vieram depois, eu fiz tudo no automático. Mal consigo me lembrar de como as coisas aconteceram. Quando forço a memória, só me vem o quanto foi insuportável passar por tudo aquilo: a perda, as acusações, os xingamentos e os olhares tortos. E eu me sentia tão exaurida que não tinha mais forças para lutar por nada, nem por mim. Tentei tanto salvá-lo, e agora era eu que precisava de resgate. E quem sempre cuidou de mim não estava mais aqui.

Eu não sabia mais quem eu era. Minha única referência de identidade era a Graziela que existia sob o olhar do Alexandre. Eu me sentia como uma folha recém-caída de uma árvore e que agora boiava num rio, e que se movia apenas ao sabor da sua correnteza.

Quis me distanciar, num primeiro momento, de tudo o que me remetia à vida que levei ao lado dele. Não queria ser mais a Grazon, não queria escutar as músicas nem lidar com nada que me fizesse lembrar o motivo de toda aquela dor. Passei muitos dias fechada no meu quarto, ainda sem conseguir me alimentar.

Nessa hibernação que fiz por escolha própria, às vezes eu acordava com a mão da minha irmã me sacudindo e chamando o meu nome. Ou com a minha melhor amiga, a Soraya, ao meu lado, com a preocupação estampada no rosto. Minha irmã dizia que fazia aquilo para se certificar de que eu estava viva. Eu nem percebia a gravidade na fala dela.

Numa dessas vezes, a minha irmã insistiu que eu acordasse e conversasse com ela. Minha mãe e meus irmãos estavam aflitos por me ver daquele jeito, ela disse, e me pediu que tentasse sair daquele estado. Falou em terapia e me deu um ultimato: ou eu me tratava ou elas teriam que tomar atitudes mais incisivas. Foi aí que caiu uma ficha para mim. Eu estava fazendo com que sofressem do mesmo jeito que eu já tinha sofrido.

Resolvi ir à psicóloga que a Mariela me indicou e na consulta entrei em contato com o vazio que me habitava. O que eu estava

fazendo naquele consultório? “Não sei. Não quero nada, não gosto de nada, não tenho nada pra falar.” Mas ali, com aquele pequeno passo dado, eu me permiti começar o meu processo de recuperação.

Nas sessões, aprendi que pessoas que convivem com alguém com algum tipo de dependência também ficam doentes e precisam ser tratadas. A maioria se torna codependente, criando um vínculo de dependência emocional com o usuário e com a ilusão de que se pode controlar a situação. Fui tomando consciência dos padrões de pensamento e comportamento que estavam tão entranhados em mim e de como eles me traziam sofrimento. Esse foi o primeiro grande insight que me ajudou a sair do buraco em que eu me encontrava.

A fuga da minha história ainda era uma ideia fixa. Mas eu já conseguia alçar voos maiores. Naquele mesmo ano, no dia do meu aniversário, peguei um avião para Barcelona sozinha e fiquei por lá quase um mês. Reencontrei amigos brasileiros que me receberam com carinho e fiz novas amizades com pessoas para quem eu era a Graziela e só. Quando olho em retrospecto, percebo que a minha busca era por uma página em branco, um jeito de reescrever uma história que fosse só minha, onde não existisse dor. Naquela cidade, eu me senti um pouco mais perto disso.

Quando voltei para Santos, continuei com o mesmo propósito. Fiz outras amizades que me trouxeram a energia de que eu precisava para atravessar os dias que ainda se arrastavam para mim.

As críticas continuavam. Alguns fãs do Alexandre me cobravam insistentemente sobre o porquê de eu não tocar no nome dele ou sequer falar sobre o assunto. Mas o meu pensamento era que o que tinha acontecido era coisa minha e eu não devia satisfação a ninguém sobre o que estava sentindo. Eu sabia da minha dor e não precisava falar dela em público.

A trágica morte do Champignon, apenas seis meses depois da do Alê, quase me arrastou para o buraco de novo. Era absurdo pensar em alguém com uma vida inteira pela frente, e com tanto talento, encerrando precocemente sua passagem pela Terra. Mas eu sabia que tentar simplificar as coisas e relativizar a dor do outro é muito fácil. Eu só conseguia tentar imaginar a dor da família e dos amigos dele. Senti muito, apesar de não ter mais nenhum contato com eles já havia alguns meses.

Aliás, eu não tinha mais contato com ninguém, nem da banda, nem da equipe, nem com as outras pessoas que orbitavam em torno

da nossa vida. Não houve sequer um telefonema para saber como eu estava ou se precisava de algo. Hoje, penso no meu isolamento como uma forma de negar o tamanho da minha solidão. Conto nos dedos de uma mão quem ficou de fato do meu lado nessa fase, e tenho uma imensa gratidão por esses poucos e bons amigos que se preocuparam comigo.

Aos poucos, com a ajuda de muita terapia e antidepressivos, fui fazendo as pazes com a minha história. Eu já conseguia ter alguns dias bons. Também procurei ajuda na leitura. Livros das filosofias espírita e budista abriram janelas de reflexão no meu pensamento que me permitiram encarar a minha vivência com mais generosidade e compaixão. Aprendi que não estamos no controle de nada, a não ser das nossas próprias escolhas, e que, a partir delas, podemos criar esta ou aquela realidade. Essa tomada de consciência não aconteceu de uma hora para a outra. Tive várias crises intercaladas com momentos em que eu acreditava ter alcançado alguma paz. Mas percebi que esse processo é contínuo e individual. Não há uma fórmula pronta para fazer tudo ficar bem para sempre. Ao contrário: é uma busca constante, que exige muita atenção e carinho consigo mesmo.

Orai e vigiai. Essas palavras de Jesus ganharam um significado muito importante para mim. Eu tinha de ter fé que iria melhorar e também prestar atenção na qualidade dos meus pensamentos e das minhas escolhas.

Quando me senti suficientemente bem comigo e com a minha história, finalmente aceitei o convite para escrever sobre minha vida ao lado do Alexandre. Mal sabia eu que essa empreitada se tornaria o meu maior desafio e minha melhor terapia. Enquanto escrevia, me peguei por diversas vezes com um pudor excessivo para falar da minha participação em alguns acontecimentos decisivos para o sucesso do Alexandre. Pude refletir como a frase “atrás de um grande homem sempre há uma grande mulher” não passa de um prêmio de consolação para quem, muitas vezes, abriu mão da sua realização pessoal para estar ao lado do seu parceiro e apoiá-lo. E como esse ditado nos deixa, como mulheres, numa posição coadjuvante. Não há um real reconhecimento de que a “grande mulher” também trabalhou, lutou e sofreu, não participou apenas da colheita e das alegrias.

O meu receio, percebi, era de que os leitores me achassem presunçosa. Relutei para expor o que de fato vivi, como se não fosse

permitido ter uma parcela de participação verdadeira em tudo o que ele realizou. São muitos os padrões que nos fazem renunciar e abaixar a cabeça, ter vergonha de bater no peito e dizer: sim, essa sou eu, fiz isso ou aquilo. Mas me dei conta de que, se eu acolhesse esse sentimento de inferioridade e autocensura, continuaria reforçando a ideia de que “a musa” fica passiva num pedestal sendo admirada pelo artista como uma criatura mítica, enquanto ele planta e colhe sozinho os louros do seu triunfo. Eu seria conivente com um padrão de pensamento patriarcal e ultrapassado. Ainda é difícil lidar com a percepção de que grande parte da dinâmica do nosso relacionamento se dava num contexto machista. Sinto que a Graziela de hoje teria outra postura diante de muitas situações vividas entre nós, e talvez o próprio Alexandre também agisse de forma diferente, uma vez confrontado com um novo comportamento da minha parte. Gosto de acreditar que sim. É claro que isso eu não aprendi do dia para a noite, nem sozinha. Nos últimos anos, ouvi e li muitas mulheres incríveis para saber que o meu lugar e o de qualquer outra mulher na sociedade não é atrás de ninguém. É, no mínimo, ao lado. Somos todos iguais.

Além de tudo, pude resgatar as lembranças boas de tudo o que vivi com o Alê, essa foi a grande dádiva de toda a caminhada. Aceitei toda a minha bagagem sem questionamentos ou julgamentos. Éramos apenas dois seres em evolução, errando na tentativa de acertar.

Aprendi a me libertar da obsessão que é o jogo do “e se eu tivesse feito assim ou assado”, “e se ele tivesse aceitado isso ou aquilo”, “e se...”, “e se...”, “e se...”. Além de uma grande perda de tempo, não muda o que passou e é um imenso gasto de energia, que pode ser usada de forma mais construtiva. Reconheci minha impotência diante da escolha do outro e, mais do que nunca, compreendi que eu, e apenas eu, sou responsável pela minha vida.

Falar tão claramente da dependência química do Alexandre foi um dos pontos mais doloridos e sofridos para mim nesse processo. Mas acredito que quanto mais falamos sobre o assunto, mais temos condições de tocar outras pessoas que passam pela mesma situação. O Alê queria que todos soubessem que ele era de carne e osso, com problemas iguais aos de todo mundo. Se, ao contar esta história, eu conseguir ajudar alguém, então tenho certeza de que o Alê ficará satisfeito, onde quer que esteja.

Hoje compreendo que só me tornei o que sou graças a tudo o que vivi. Acolho cada experiência com amor e gratidão eternos. Se um dia eu quis fugir da minha história, hoje a carrego como um estandarte, com muito orgulho.

EPÍLOGO

á fora, o sol brilhava e uma brisa fresca passeava à nossa volta. Estávamos no apartamento de Santos, no cômodo que o Alê usava como escritório, sentados um de frente para o outro.

Atrás dele, a sua mesa estava repleta de fotos nossas, da banda tocando em diversos palcos e dele andando de skate em vários lugares do Brasil e do mundo. Havia muita história ali.

A sua voz tinha uma intensidade diferente naquela tarde, quase uma urgência. Ele se inclinou na minha direção e segurou as minhas mãos. Senti que aquela seria uma conversa importante, e a minha atenção era toda dele.

O Alê começou a relembrar a nossa história e toda a trajetória da banda, e como essas duas coisas estavam intimamente entrelaçadas. Ele se emocionou ao recordar o início do Charlie Brown Jr., desde os primeiros shows, quando o público era feito de uns poucos gatos-pingados, até aquele momento, quando a banda tocava para multidões. Os fãs são o maior tesouro que um artista pode ter, ele dizia, e batia no peito ao falar que os do Charlie Brown Jr. eram os melhores. Ele sabia da imensa responsabilidade que tinha nas mãos. Percebi que algo mais permeava suas palavras e continuei ouvindo.

“Nossa, quanta história, né, Gra? Quanta batalha pra chegar até aqui…” Uma sombra passou pelo seu olhar de repente, e ele continuou: “Se um dia acontecer algo comigo, conta a minha história pra essa molecada, Grazi”. Eu o interrompi na mesma hora. Pedi a ele que parasse com aqueles papos. Não podia nem imaginar algo grave acontecendo com ele, não queria, nem de brincadeira, pensar numa vida sem ele ao meu lado. “Escuta, Grazi, que isso é importante. Diz que é possível ter um sonho e chegar lá. Mas tem que querer de verdade, ter coragem e persistência, porque não é um caminho fácil.

Fala de todas as dificuldades, que tem que manter a cabeça no lugar e ficar esperto pra não cair nas armadilhas. E você sabe que eu caí em algumas. Mas cair faz parte. O importante é levantar e continuar na luta. Tem que manter a humildade, nunca deixar as vitórias subirem à cabeça. Tem que tomar cuidado com o ego. Se você alimenta esse bicho, ele acaba te dominando e virando seu pior inimigo. Mostra pra eles que eu também sou de carne e osso, que tenho os meus defeitos e fraquezas, que nem sempre eu consigo ser o cara que gostaria. Como qualquer pessoa, estou tentando ser melhor, evoluir, mas ainda erro pra caramba e me sinto um aprendiz diante da vida. Você faz isso por mim, Tiri?"

Eu o abracei bem apertado e repeti: "Não vai te acontecer nada! Para com isso, vai". Ele me afastou, me segurou pelos ombros, olhou nos meus olhos e perguntou:

"Promete?"

"Prometo, sim, meu amor", respondi com sinceridade, apesar de, nem por um segundo, imaginar o significado que esse dia ganharia na minha vida.

A conversa continuou e foi ficando mais descontraída, conforme recordávamos tantas passagens bacanas da nossa vida. Muitos momentos eram trágicos, mas naquela hora tinham se tornado cômicos. Falamos do entusiasmo de cada conquista, do êxtase que o Alê sentia sempre que subia no palco e do imenso carinho que os fãs transmitiam para ele — o combustível que o fazia seguir em frente. Voltamos no tempo recordando os primeiros olhares trocados entre nós, nossa primeira conversa no bar que nem existia mais, e como aquela história acabou se transformando na primeira música que ele fez para mim. Agora era ele que me abraçava e falava baixinho no meu ouvido: "Se não você, quem vai me fazer feliz, hein, Tiri?".

O dia ainda estava claro e, para aproveitar ao máximo, andamos até a praia e curtimos juntos mais um pôr do sol. Hoje, enquanto escrevo, me deixo viajar de volta para aquela tarde de 2011 e sentir mais uma vez a alegria de poder ter dividido tantas coisas com o Alexandre. De ter na memória, ainda claro, esse dia em que brincamos de recordar. Deixo meu pensamento livre para continuar essa viagem, penso em tudo o que trocamos e como isso me transformou no ser humano que sou hoje. O sentimento mais puro de gratidão me invade com força e agradeço a oportunidade que a vida me deu de viver esse amor, tão intenso, único e especial. Eu me

lembro do Alê, o homem que existia além do ídolo que ele se tornou, com quem dividi a minha vida. Seu jeitão de eterno menino, com seu sorriso largo e abraço generoso, que me ensinou a amar de verdade, a não ter medo de demonstrar meus sentimentos e com quem vivi momentos que foram eternizados nas suas canções, transformando nossa vida numa verdadeira trilha sonora.

E eu, que sempre fui presenteada com tantas músicas e declarações, hoje tenho a oportunidade de cumprir a minha promessa e retribuir um pouco do que recebi.

Dedico, com todo o amor que existe no mundo, este livro a você, meu menino.

Essa eu fiz por você e por todos nós.

Eu digo Charlie e vocês dizem…

GRAZIELA GONÇALVES nasceu em 1971, em Santos, litoral do estado de São Paulo, onde mora até hoje, depois de alguns anos vividos na capital. Formada em moda, atualmente divide seu tempo entre o trabalho de estilista, seus dois gatos e longas pedaladas ao pôr do sol.